

Celso Ferrarezi Junior
Sérgio Nunes de Jesus
Ingrid Leticia Menezes Barbosa
Jorge Luís de Freitas Lima
Nara Dantas de Azevêdo

Compreender & Comunicar

"o que quer e o que pode essa língua?"

VERSÃO ALUNO



Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Celso Ferrarezi Junior
Sérgio Nunes de Jesus
Ingrid Leticia Menezes Barbosa
Jorge Luís de Freitas Lima
Nara Dantas de Azevêdo

COMPREENDER & COMUNICAR

“O que quer e o que pode essa língua?”

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2020

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Diagramadores e Designers CRV

Arte de Capa: best_vector/Shutterstock.com

Revisão: Analista de Línguas CRV e Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

F345

Ferrarezi Junior, Celso.

Compreender & Comunicar: “o que quer e o que pode essa língua?” – versão aluno / Celso Ferrarezi Junior, Sérgio Nunes de Jesus, Ingrid Leticia Menezes Barbosa, Jorge Luís de Freitas Lima, Nara Dantas de Azevêdo – Curitiba : CRV, 2020. 166 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-5578-340-7

ISBN Físico 978-65-5578-331-5

DOI 10.24824/978655578324.7

1. Educação 2. Gramática 3. Língua 4. Linguagem 5. Comunicado I. Jesus, Sérgio Nunes de. II. Barbosa, Ingrid Leticia Menezes. III. Lima, Jorge Luís de Freitas IV. Azevêdo, Nara Dantas de. V. Título VI. Série.

CDU 808

CDD 418.007

Índice para catálogo sistemático

1. Gramática 415
2. Linguagem 418.007

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2020

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial: Comitê Científico:

- Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élsio José Corá (UFSF)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)
- Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Deneval Siqueira de Azevedo Filho (Fairfield
University, FU, Estados Unidos)
Jane Borges (UFSCar)
Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
João Carlos de Souza Ribeiro (UFAC)
Joezer de Souza Mendonça (PUC-PR)
José Davison (IFPE)
José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Luís Rodolfo Cabral (IFMA)
Patrícia Araújo Vieira (UFC)
Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Zenaide Dias Teixeira (UEG)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Versão final

*Aos mestres:
Rodolfo Ilari e
João Wanderley Geraldi
– pelas contribuições inigualáveis para a linguística brasileira.*

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Versão final

Só fala quem tem alguma coisa para dizer.
(Renato Russo, 1985)

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
<i>Renato Basso</i>	
INDICAÇÃO DOS ÍCONES.....	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	
FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	19
1.1 O que é uma língua, o que ela faz e para que ela serve?	19
1.2 As diferentes formas de uma língua: a variação linguística	25
1.3 As diferenças entre fala e escrita: estruturas e usos.....	30
1.4. Tudo na língua tem uma razão.....	39
1.5 Tudo na língua tem que fazer sentido	48
CAPÍTULO II	
A FALA: a forma natural de comunicação	51
2.1 A fala: ninguém ensina, todo mundo aprende	51
2.2 A centralidade da fala no processo comunicacional: os diferentes níveis e funções da fala	52
2.3 As variações de uma mesma língua e suas funções sociais	58
CAPÍTULO III	
A ESCRITA DA NOSSA LÍNGUA	61
3.1 Os tipos de escrita existentes: qual é o nosso tipo de escrita?.....	62
3.2 Os recursos que temos para escrever: grafemas e diacríticos	67
3.3 A estética da escrita: parágrafos e padrões oficiais	76
3.4 Os principais tipos de textos escritos e suas finalidades	80
CAPÍTULO IV	
ASPECTOS DA NOSSA GRAMÁTICA.....	111
4.1 As partes que compõem nossas palavras e suas consequências na estrutura das classes de palavras.....	111
4.2 As cinco classes básicas de palavras do português e suas subclasses: aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos.....	136

PALAVRAS FINAIS.....	159
OBRAS CONSULTADAS	161
SOBRE OS AUTORES.....	163

Versão final

PREFÁCIO

Já é quase um clichê ouvirmos que as aulas de português no Brasil não dão o resultado esperado, e que nossos alunos, depois de deixar o ensino médio, e mesmo a universidade, têm uma capacidade de leitura, escrita e compreensão de textos muito aquém do esperado. Como é o caso de muitos clichês, essas afirmações são, infelizmente, verdadeiras.

O material que você tem em mãos é uma tentativa de contornar esse problema apresentado à língua portuguesa e seu estudo de modo dinâmico, fazendo proveito de modo interessante de conceitos linguísticos conhecidos no meio especializado há décadas, mas que somente muito timidamente conseguem atravessar os muros da academia. Muito desse conhecimento serve para mostrar como estudar uma língua, para além de sua óbvia relevância social, como algo fascinante e que nos constitui como seres humanos.

Os autores e colaboradores fazem sua proposta de modo maduro, mas sem nunca perder de vista o público que têm, tornando a leitura agradável e interessante. Os exercícios – muito bem escolhidos e elaborados, usando materiais diversos, atuais e por vezes engraçados – são mais um ponto positivo deste material.

O estudo da língua portuguesa, como mostram os autores, pode sim ser interessante, informativo, curioso e até divertido.

São Carlos/SP, Inverno de 2014.

Renato Basso, UFSCar

Doutor e mestre em Linguística pela Unicamp.

Em parceria com o prof. *Rodolfo Ilari*, publicou o livro “O português da gente”. Atualmente estuda a formação do português brasileiro e a semântica dos indexicais.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

INDICAÇÃO DOS ÍCONES

Ícones – elementos gráficos utilizados para ampliar as formas de linguagem e facilitar a organização.



Atenção:

Indica pontos de maior relevância no texto.



Saiba mais:

Oferece novas informações que enriquecem o assunto, ou “curiosidades” e notícias recentes relacionadas ao tema.



Glossário:

Indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.



Mídias integradas:

Remete o tema para outras fontes: livros, artigos, filmes, músicas, sites, programas de TV.



Atividades de aprendizagem:

Apresenta atividades em diferentes níveis de aprendizagem para que o estudante possa realizá-las e conferir o seu domínio do tema estudado.



Para pensar e pesquisar:

Momento de uma pausa na leitura para escrever sobre pontos importantes e/ou questionamentos.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

INTRODUÇÃO

Olá! É bom ter você conosco nessa jornada pelos estudos da língua portuguesa! Este livro que você tem em mãos foi construído com base em uma nova filosofia do ensino de língua materna no Brasil. É possível que você, que já estudou tantos anos até chegar aqui, estranhe um pouco os conteúdos e a sua forma de apresentação. Isso é normal! Afinal, durante muito tempo, acreditou-se que para saber ler, escrever e se comunicar em língua portuguesa nem era preciso saber o que é uma língua! Na verdade – e de forma muito equivocada – as pessoas acreditavam que bastava ter uma gramática normativa em mãos, estudar um bocado de “gramática”, decorar algumas regras de colocação pronominal e de acentuação, que todo mundo sairia lendo e escrevendo muito bem. Infelizmente, para muitos, a coisa não é assim tão simples! E, infelizmente para o Brasil, é isso que ainda se faz em algumas escolas. Aqui, propomos um trabalho diferenciado para você e seu aprendizado.

O uso mais adequado de uma língua se dá pela compreensão de muitos aspectos distintos. Antes de tudo, precisamos saber o que é mesmo uma língua, saber como ela varia e qual sua importância no ambiente social. Precisamos conhecer aspectos de suas diferentes modalidades de uso – como a *fala* e a *escrita* – e saber como aplicá-las em cada situação, pois cada uma é constituída e funciona de maneiras diferentes. É preciso conhecer um pouco da estrutura gramatical da língua, mas não na forma de regras para decorar, senão como descrições para entender seu funcionamento. Ou seja, hoje em dia, os cientistas da linguagem – chamados de linguistas, os estudiosos da **Linguística**¹ – sabem que é preciso muito mais do que meia-dúzia de regras de gramática para se saber usar bem a própria língua materna.

O livro está, portanto, organizado de forma progressiva, com conhecimentos de base primeiro, até chegar ao funcionamento do português brasileiro (que é diferente de outras formas de português, como o português de Portugal, da Angola, do Timor etc.).

Na primeira parte do livro, vamos aprender um pouco sobre as línguas naturais, para que elas servem e por que são da forma que são. Precisamos disso para compreender as informações que virão posteriormente.

1

O que é isso?

Linguística é a ciência que estuda as línguas naturais em seus mais diversos aspectos. É uma ciência moderna, organizada pelo pesquisador suíço Ferdinand de Saussure na virada do século XIX para o século XX. Antes dela, os estudos da linguagem se concentravam quase que apenas na história das línguas (Filologia) e na arte do “bem-falar” (Oratória).

Então, vamos passar para o estudo da fala, que é muito importante em nossa sociedade. Além do mais, vamos estudar primeiramente a fala, porque ela representa o formato natural de todas as línguas. Não sei se você sabia, mas existem cerca de 6.800 línguas diferentes no Mundo. Só na Nova Guiné, em um pequeno conjunto de ilhas interligadas, existem 800 línguas, algumas tão diferentes de outras, como o português é diferente do chinês. No Brasil, ainda temos cerca de 180 línguas, isso sem contar as colônias estrangeiras que falam suas próprias línguas aqui, como o japonês, o chinês, o italiano. O mais interessante é que grande parte dessas línguas ainda não possui uma forma escrita: elas subsistem apenas em sua modalidade oral, ou seja, apenas da fala das pessoas, a forma mais original de todas as línguas naturais.

Passaremos então ao estudo da escrita. A modalidade escrita, em todas as comunidades que possuem uma escrita para sua língua, é muito importante e socialmente valorizada. Você pode notar isso no seu dia a dia: quem não sabe escrever direito acaba sendo prejudicado. Vamos estudar um pouco dos tipos de escrita, dos tipos de texto e treinar um pouco disso também, pois será importante para você em sua carreira.

Finalmente, chegaremos ao estudo da gramática. Nada de decorar regras, pois isso não ajuda muito em nossa vida. Vamos tentar entender como nossa língua, o português brasileiro, funciona. Vamos ver como as palavras estão organizadas e como isso acaba afetando a estrutura das frases que dizemos.

Ao final deste livro, esperamos que você tenha desenvolvido uma forma diferente de ver e de valorizar a sua linguagem e, mais do que isso, o nosso português brasileiro como a expressão de nossa cultura e de nossa identidade como brasileiros. Esperamos que essa seja uma jornada produtiva, instrutiva e prazerosa. Afinal, se usamos nossa linguagem todos os dias, se ela é tão importante para nós, porque seu estudo deveria ser chato? Não deveria e não é! Basta saber como estudar.

Bons estudos para você!

Final do inverno de 2014 e início da primavera de 2020.

Os autores.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

1.1 O que é uma língua, o que ela faz e para que ela serve?

As línguas que os povos usam para se comunicar são chamadas de “línguas naturais”. Elas são diferentes de linguagens artificiais inventadas pelas pessoas para outras finalidades, como a linguagem dos computadores ou mesmo como o esperanto, que foi uma língua criada, inventada por um grupo de pessoas, na esperança de que todas as pessoas do mundo pudessem usá-la, mas não deu certo ainda...



Línguas naturais são sistemas muito complexos. Elas abrangem uma quantidade muito grande de dimensões e, por isso, podem ser definidas de muitas formas. Vamos ver algumas:

- a) línguas servem para que as pessoas se comuniquem. Isso lhes confere uma *dimensão comunicativa*. Para que possam se comunicar, as pessoas utilizam a linguagem para fazer representações. Isso significa que somos capazes de colocar linguagem no lugar de fatos e de coisas. Por exemplo, você pode contar para uma pessoa como foi um filme ou o que aconteceu na festa em que foi ontem, sem ter que mostrar provas, fotografias, sem ter que passar o filme. Isso é possível por conseguirmos “pintar quadros” com nossa linguagem, representar coisas apenas falando sobre elas;
- b) podemos perceber que uma língua natural não serve apenas para falar do mundo em que vivemos, das verdades que existem. Nós podemos criar com ela, “inventar quadros que não existem”, criar ficção, outros mundos, fantasias e sonhos. Podemos – mas não devemos... – até mentir usando uma língua natural. Oras, por que é possível mentir usando uma língua natural? Simples: porque é possível criar com ela, representar coisas e eventos de outros mundos que só existem em nossa imaginação. É assim que os poetas e escritores criam suas poesias, romances, contos. Mas é assim, também, que os estelionatários enganam as pessoas crédulas que caem em seus “contos de vigário”. Essa é a *dimensão criativa* da

língua. Ela é incrível e maravilhosa para muitas coisas, mas também é bem perigosa e merece nossa atenção especial...

- c) entretanto, em relação à forma como usam uma língua para criar seus quadros, mesmo que sejam quadros fictícios, as pessoas não têm a liberdade que os artistas têm. O uso dessa língua tem regras, pois a língua é um sistema (embora seja um sistema aberto, em permanente evolução) que funciona segundo preceitos mais ou menos rígidos. Existem partes de uma língua em que essas regras são muito rígidas, outras em que nem tanto. Vamos pensar um pouco sobre a ordem das coisas em uma língua como a nossa.

Quando vamos fazer o plural de uma palavra, usamos geralmente o “s” no final das palavras. Às vezes, precisamos completar com um “e” para acomodar a forma de falar a palavra. Temos pares como “caixa/caixa-s”, “cartaz/cartaz-(e)s”. Você poderia colocar esse “s” no começo da palavra para fazer o plural? Poderia fazer “scaixa” ou “scartaz”? Não! Não funciona assim. A regra é muito rígida e determina que a posição da marca de plural seja no final da palavra. Mas, e em uma frase? A liberdade parece ser maior. Você pode dizer “Eu comi o cachorro-quente”. da mesma forma que pode dizer “O cachorro quente, eu comi.”, e todo falante de português brasileiro vai entender. Mas, já não pode dizer “Cachorro o comi quente eu.”, pois aí já seria um abuso em relação às regras da língua.



Essas regras que ordenam o funcionamento de uma língua natural são o que se chama de *gramática* dessa língua. A gramática de uma língua define a *dimensão sistêmica* dessa língua.

- d) quando as pessoas se comunicam, porém, elas fazem mais do que apenas representar: elas interagem. Por muito tempo se acreditou que a comunicação era mais ou menos como um rádio funcionando: a estação transmitindo e o rádio captando. Hoje, sabemos que não é assim: não há uma parte passiva e uma parte ativa no processo de comunicação, mas ambas as partes são ativas, pois enquanto uma pessoa fala, a outra está pensando, processando, reagindo com gestos e caras que fazem com que aquele que está falando saiba se a outra está gostando ou não da conversa, entendendo ou não o que ele está falando etc. Essa é a *dimensão interativa* da linguagem. Ela é tão forte e importante que alguns linguistas dizem que a linguagem é o espaço mais privilegiado que existe para a interação de pessoas;

- e) quando as pessoas interagem, porém, elas acabam sendo influenciadas pela linguagem, ao mesmo tempo em que atuam sobre a linguagem, criando modificações na própria língua, que acaba evoluindo por causa disso. Uma língua nunca para de evoluir enquanto houver pessoas que a falem. Essa é a diferença mais marcante entre uma língua morta, como o latim (uma língua que não é mais falada por um povo) e uma língua viva, como o português (que é usado por pessoas cotidianamente): uma língua morta cessa de evoluir e uma língua viva está sempre evoluindo. Essa é a *dimensão constitutiva* da linguagem;
- f) em decorrência de as pessoas usarem a linguagem para fazer representações, para interagir e acabarem, por isso, modificando a linguagem e sendo modificada por ela, uma língua natural é um verdadeiro “depósito de cultura”. Uma língua natural guarda em si a cultura de um povo, suas marcas de identidade e acaba expressando a visão que esse povo tem do mundo. É através das línguas naturais que as novas gerações aprendem os fatos da cultura e, tudo o que é construído na cultura acaba gerando uma forma de registro nas línguas.

Existem vários exemplos interessantes disso. Enquanto nós temos uma ou duas palavras para falar de branco, as pessoas que vivem em “mundos brancos”, como os esquimós, possuem muitas palavras para os diversos tons de branco, palavras que permitem, por exemplo, diferenciar os tipos de neve e de gelo pela cor, por exemplo: “branco” e “alvo” são dois exemplos práticos. Enquanto nós temos poucas palavras para nos referir às doenças comuns de pele, existem tribos nos desertos africanos que possuem mais de trezentas palavras para descrever cada uma dessas doenças: falamos de “coceira”, “alergia”, “brotoeja” etc. Pense: se você morasse em um lugar com pouca água, sem sabão, sem médico e sem farmácia, também ia querer saber se aquelas bolinhas no seu braço são uma doença à toa ou algo perigoso, que poderia matar você.

O que esses exemplos nos mostram? Que as necessidades de cada povo moldam a sua cultura e que essa cultura acaba sendo refletida na língua que eles falam. Por sua vez, quando nasce uma criança e aprende aquela língua, a própria língua já vai ensinando a criança a cultura daquele povo e vai influenciando o pensamento da criança em relação ao mundo (a gente não faz muita questão de diferenciar “brancos” ou “coceiras no braço”, mas outros povos fazem). Dizemos, assim, que há uma interinfluência entre a linguagem, a cultura, e o nosso pensamento, cada um influenciando e sendo influenciado pelo outro.

Essa dimensão é chamada de *dimensão cultural* da língua. Ela nos permite entender várias coisas sobre o funcionamento de uma língua e da própria sociedade. Por exemplo, podemos entender porque pessoas que nasceram e foram criadas em ambientes diferentes (como a “cidade” e a “roça”, por exemplo), falam de forma diferente, têm interesses diferentes, usam palavras diferentes;

- g) como vimos, comunidades diferentes têm interesses diferentes em relação ao mundo, desenvolvem uma cultura diferente e acabam desenvolvendo formas diferentes de falar. Infelizmente, muitas pessoas têm usado isso para justificar seus preconceitos em relação às outras pessoas. Usam a língua que a pessoa fala como base para seus preconceitos pessoais.

Assim, é natural e necessário que as línguas sejam diferentes. Essas diferenças surgem inclusive na mesma língua, bastando que os falantes dessa língua pertençam a comunidades diferentes, com interesses diferentes em relação ao mundo. Por isso surgem as diferenças regionais da linguagem, as gírias, a linguagem técnica das profissões. Isso é tudo natural, bom e interessante. Mas, *uma língua vale pelo que achamos que seus falantes valem?*



Pense conosco: por que o inglês é considerado uma língua “chique” e importante? Ele é mais bonito do que qualquer outra língua ou permite dizer coisas que outras línguas não conseguem dizer? Não! O inglês é apenas uma língua como outra qualquer, se considerados apenas os aspectos linguísticos. Porém, quem fala o inglês? É o povo que constitui a maior potência econômica mundial, e por vivermos sob o poder do Capitalismo, o país que, por assim dizer, “manda no mundo” é os Estados Unidos da América. Nesse contexto, se o povo é considerado importante, o país é considerado importante, a língua que esse povo fala é considerada importante.

De uns tempos para cá, a China vem se destacando no cenário econômico mundial. O país vem ocupando um espaço na economia com projeções de que eles poderão passar os Estados Unidos até 2025. O que isso fez com a língua chinesa? Muita gente começou a querer aprender o chinês, (inclusive as nações que se propõem a disputar a corrida do crescimento econômico) uma língua que antes era desprezada e motivo de piada para muitos. Hoje, saber falar chinês é considerado uma boa estratégia para se inserir no mercado internacional, quem sabe até para se conseguir trabalhar em empresas de importação e exportação, enfim, é uma “carta na manga” que pode mudar a vida profissional de alguém. Viu como funciona? Povo importante: língua importante.

É fácil ver isso no Brasil. As pessoas do interior são consideradas sem importância. Isso é errado e ridículo, mas é, infelizmente, assim que a sociedade funciona. Por isso, a forma como eles falam é considerada inferior. Ou seja: quando, por preconceito, consideramos que alguém é inferior, também consideramos que a linguagem desse alguém é inferior. Isso se chama *preconceito linguístico*. Isso faz parte da *dimensão social* da linguagem;



Então, como vimos até aqui, uma língua apresenta várias dimensões relevantes:

- a) comunicativa (ou representativa);
- b) criativa;
- c) sistêmica;
- d) interativa;
- e) constitutiva;
- f) cultural e
- g) social.

Como podemos juntar isso tudo em apenas um conceito? Não é muito fácil, mas o conceito que costumamos adotar dita que:

“Uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de mundos e de seus eventos”.

Para facilitar a compreensão sobre a concepção de língua é válido considerar os postulados do linguista e filósofo *Ferdinand de Saussure* (1857-1913), pois é a partir da sua noção de língua que a matéria da linguística, bem como as suas relações com as ciências conexas que dará a língua um “objeto” e um “lugar nos fatos da linguagem”.

Este conceito abrange os vários aspectos de que falamos anteriormente: a língua é um sistema aberto, que constitui e se constitui quando usado, serve para representações e criações (por isso de “mundos”, e não apenas do “mundo”), é influenciado e influencia a cultura e funciona em ambiente social. Tudo isso está aí. Mas, isso dá conta de todos os aspectos e dimensões de uma língua? Claro que não! Aliás, ninguém deve ter a pretensão de dar conta de tudo em um conceito, mesmo que esse “tudo” seja sobre algo bem mais simples do que uma língua natural. De toda forma, esse é um conceito útil e bem abrangente.


Mas, sobre o que já tratamos até aqui, alguns aspectos merecem uma atenção especial pela influência que exercem em nossa vida. Vamos começar abordando com mais detalhes a dimensão social da linguagem.



Atividade 1. De acordo com o texto abaixo, leia e faça o que se pede.

Internetês

Conversa no campinho



Hugo - Erraram os dois! É internetês!

Guido - Hein?

Cirilo - Ah! A língua da internet!

Hugo - :)!

Guido - ??

Cirilo - Eu sei disso! Significa sorriso!

Imagem (1) – Fonte: Os autores. Imagem de autoria nossa, criada em PowerPoint (2020).

1) O texto acima exemplifica muito bem o caráter de abertura do uso de uma língua. Com base nos diálogos e na situação apresentada no texto acima, discuta a afirmação: “a língua é o laço que une e integra os indivíduos num mesmo universo, e é ela que dá acesso à *vida cultural* na sociedade – utilizada pelas pessoas de um mesmo grupo social”.

Regiões do Brasil	Região Sudeste	Região Norte
Nomes dados aos diferentes tipos de banana	banana nanica	banana peruá
	banana maçã	banana branca
	banana prata	banana prata
	banana ouro	banana nanica
	banana da terra	banana comprida
	banana figo	banana roxa

Essas variações são muito comuns em um país do tamanho do Brasil e, quem viaja muito, acaba tendo problemas com elas até aprender as diferentes formas regionais de falar. A variação das palavras de uma comunidade para outra é chamada de *variação lexical*;

- b) a pronúncia pode variar também. Em cada região, os falantes de uma mesma língua receberam influências diferentes de cada língua que já havia ou que chegou a essa região ao longo da história. Você já deve ter ouvido falar que muitas línguas vieram do latim: por exemplo, o português, o espanhol, o francês e o italiano. Mas, se essas quatro línguas vieram todas do latim, por que elas são diferentes? Simples: Quando os romanos conquistaram a Europa (mais de dois mil anos atrás, lá no tempo em que o Império Romano dominou o mundo), eles levaram o latim vulgar para as comunidades que foram conquistadas. Cada uma dessas comunidades falava uma língua diferente. A mistura do latim vulgar com essas línguas diferentes deu resultados diferentes em cada região: espanhol, português, francês, italiano, entre outras. Da mesma forma acontece hoje: o português se misturou de maneiras diferentes com as diversas línguas que já eram faladas no Brasil antes de os portugueses chegarem e, também, com as línguas que chegaram depois dos portugueses (como as línguas africanas, o japonês, o inglês, o francês, o holandês e tantas e tantas outras). É claro que essas misturas diferentes deram resultados diferentes em cada região. Por isso, em cada região do Brasil se fala o português com uma pronúncia diferente: é o que se chama de *variação fonético-fonológica*;
- c) é comum que a estrutura das frases também varie. Nem todos os falantes do português do Brasil falam as frases com a mesma estrutura. Em lugares como o Nordeste, é comum que se fale “Sei não”. No Sul, é comum “Não sei”. No Sudeste, encontramos costumemente “Não sei não”. Qual é a certa? Todas. Qual é a melhor

para se falar? Todas, pois *cada uma corresponde a um falar regional distinto e é adequada a ele*. Aliás, essa diversidade enriquece nossa língua e deve ser cultivada e respeitada como uma marca de identidade das pessoas. Nesse caso que vimos, em que é a sintaxe da frase que muda, estamos falando de *variação sintática*;

- d) outro tipo de variação comum se dá no sentido das palavras. No Brasil, um país imenso que contempla diversas culturas regionais, é comum que uma mesma palavra tenha sentidos diferentes em cada região. Por exemplo, em grande parte do país, quando falamos “vassoura”, apenas falamos daquele instrumento de varrer o chão. Mas, em algumas regiões do Norte, a palavra “vassoura” também é usada para falar de “prostituta”. É uma figura de linguagem, mas pode causar problemas de comunicação. Esse fato de que uma mesma palavra pode ser usada em diferentes regiões com sentidos diferentes é chamado de *variação semântica*.

Esses quatro tipos principais de variações (fonético-fonológica, lexical, sintática e semântica), podem ter causas diferentes. E as causas dessas variações podem ser naturais ou sociais, comuns, corriqueiras, que não deveriam ser valoradas em termos de preconceito. Veja:

As variações nas formas de uso de uma língua natural podem ser causadas por diferenças de:

- a) idade;
- b) sexo;
- c) localidade em que a pessoa nasceu e aprendeu a falar;
- d) classe social;
- e) nível de estudo;
- f) ambiente de trabalho ou profissão;
- g) uma mistura de vários desses fatores.

Isso significa que pessoas de idades diferentes falam de formas diferentes? É claro! É só prestar atenção na maneira que as pessoas mais idosas falam. Homens e mulheres falam de forma diferente? Sim. Não apenas falam de formas diferentes, mas, geralmente, falam sobre coisas diferentes. Da mesma forma, pessoas de regiões diferentes, pessoas mais ricas ou mais pobres, com diferentes níveis de estudo, que trabalham em lugares diferentes, ou até por várias dessas coisas misturadas. Mas, pense comigo: é justo dizer que uma pessoa “presta” e que outra “não presta” porque fala diferente de mim? Creio que não! Isso é preconceito linguístico e é uma atitude condenável!



“Preconceito” é a atribuição e o julgamento de valor a algo que não deveria servir para determinar esse valor atribuído ou julgado. Coisas como dizer que “americano é metido”, “loira é burra” e “baiano é preguiçoso” são formas grosseiras de preconceito e devem ser evitadas e combatidas. Assim é com o preconceito de cor (porque sabemos que não existem “raças de humanos”): dizer que uma pessoa presta porque é “loirinha de olhos azuis” e que uma pessoa não presta porque é “negra” é tão absurdo que a sociedade não tolera mais isso e externar juízos dessa natureza já dá cadeia. Mas, infelizmente, embora as pessoas estejam sendo educadas a ter orgulho de sua cor e a não atribuir esse tipo valor à cor do outro, isso não tem acontecido em relação à maneira de falar das pessoas. As diferenças de fala, tão importantes para a riqueza da língua e para a identidade das pessoas, ainda são motivo de preconceito e de piada. Precisamos dar um basta nisso o quanto antes! Ninguém presta ou deixa de prestar porque fala um “r” diferente do seu modo de falar o “r”, ou porque usa uma palavra ao invés de outra. Afirmar o contrário é uma grande tolice! Aliás, toda forma de preconceito é, em si mesma, uma grande tolice e faz muito mal às pessoas e à sociedade.



Atividade 2. A partir dos gestos de interpretação produzidos na imagem (2) abaixo, faça o que se pede.

Quem entender esta mensagem sabe bem o que é ser mineiro!

Causo mineiro



Sapassado era sessetembro, taveu na cuzinha tomanuma pincumel e cuzinhanu um kidicarne cumastumate pra fazê uma macarronada cum galinhassada. Quascaí de susto quanduvi um barui vinde denduforno parecenum tidiguerra. A receita mandopô midipipoca denda galinha prassá. O forno isquentô, o mistorô, e o fiofô da galinhispludiu! Nossinhora! Fiquei branco quinein um lidileite. Foi um trem doídimaís! Quascaí dendapia! Fiquei sensabê doncovim, noncotô, poncovô. Ópceve quilocura! Grazadeus ninguém semaxucô!

c) Discuta sobre as características que evidenciam as diferenças entre os textos das atividades 1 e 2.

1.3 As diferenças entre fala e escrita: estruturas e usos



A fala e a escrita são manifestações muito diferentes de linguagem e é necessário entender isso. Nem todo mundo que fala bem escreve bem, e vice-versa.

A fala é a forma natural das línguas. É dinâmica e pode ser acompanhada de outras formas de linguagem, como os gestos e as posturas corporais. Quando falamos, não usamos apenas palavras, mas usamos também melodias (entonação) e praticamente todo o corpo, que “fala” junto com as nossas palavras. Há muito mais recursos no uso da fala que no uso da escrita. Por isso falar parece mais fácil – pelo menos para a maioria das pessoas – do que escrever. Porém, para outros, falar é algo assustador, principalmente em público. É necessário treinar a fala, treinar nossa oratória, ou seja, é preciso preparar-se para se tornar eloquente – falar bem. Afinal, a falar só se aprende falando.

A contraparte da fala é a audição. Ouvir é algo que precisa ser aprendido e exercitado. Tem muita gente que não sabe ouvir. Alguns, não sabem ouvir porque não têm educação suficiente para ficar calados enquanto o outro fala. São grosseiros, interrompem, não sabem conduzir uma conversa de forma adequada. Outros, simplesmente não entendem o que ouvem. Ouvem “alho” e entendem “bugalho”. Por isso, é preciso treinar a capacidade de audição e compreensão do que se ouve. Ouvir, só se aprende ouvindo.

Já a escrita é uma tecnologia criada pelos homens para representar nossos pensamentos. Como veremos em um capítulo adiante, há muitas formas de escrita diferentes da nossa e, cada uma delas, se baseia em uma concepção diferente de representação. Na escrita do português, usamos um sistema bastante simples de letras e outros sinais chamados de “diacríticos” (como os acentos e sinais de pontuação). O sistema é tão simplório e tão escasso de recursos que, muitas vezes, se torna muito difícil expressar de forma escrita aquilo que expressamos de maneira muito fácil por meio da fala.

A escrita é algo grandemente valorizado nas *sociedades letradas*, ou seja, aquelas sociedades que baseiam grande parte de suas ações de registro e de comunicação na escrita. Escrever bem é algo que demanda esforço e dedicação. Escrever é algo que somente se aprende escrevendo – e muito!

A contraparte da escrita é a leitura. Muita gente pensa que vai aprender a escrever se ler bastante. Ninguém aprende a escrever porque lê. A leitura serve para aprimorar nossos conhecimentos, alargar nossos horizontes, para nos trazer saberes de todos os tipos e épocas. A leitura é maravilhosa! Mas, não é mágica... demanda esforço e concentração para que seja eficiente.

Ler algo profundamente, ser capaz de compreender o que está escrito e as entrelinhas do que está escrito é algo que se precisa aprender para se incluir numa sociedade letrada. É treinando a leitura e aprofundando nossos conhecimentos sobre ela que nos tornamos bons leitores, adquirimos o hábito da leitura e, com ele, crescemos como pessoas. Mas, a gente só aprende a ler, lendo... e muito!

Falar e ouvir, ler e escrever são as quatro habilidades básicas da comunicação. Em uma sociedade complexa e competitiva como a nossa, elas são essenciais para a vida pessoal e para a vida profissional. Porém, não há apenas uma forma de praticar cada uma delas. Dependendo do ambiente e da situação em que estejamos, será preciso utilizar formas diferentes de comunicação. Algumas são mais formais, outras menos formais; algumas seguem fórmulas prontas que precisam ser obedecidas (como um ofício, carta comercial ou as respostas do Enem, por exemplo), outras não, enfim, há uma enorme variedade de maneiras de se comunicar para que possamos exercer diferentes *funções na comunicação*.



Uma função comunicativa é o resultado de um objetivo com o qual utilizamos a linguagem e da forma como a usamos para alcançar esse objetivo. Por exemplo: se você quiser convencer alguém a comprar um produto que está vendendo (vamos pensar que você quer trocar de celular e quer vender seu celular mais antigo para alguém), como usará sua linguagem? Seu objetivo é convencer outra pessoa de que

seu celular ainda é bom o suficiente e que vale a pena comprá-lo pela pechincha que você está pedindo. Para isso, você vai usar um tipo de linguagem específico, vai escolher bem as palavras, vai tentar fazer o seu celular parecer um ótimo negócio e vai tentar provar para o outro que ele precisa do seu celular (algumas propagandas até exageram e fazem a gente pensar que nem vive sem aquilo que eles estão vendendo...). Nesse caso, dizemos que você está tentando utilizar a linguagem em uma função de convencimento (também chamada de *função conativa* da linguagem).

São várias as funções comunicativas da linguagem. No quadro abaixo, listamos algumas delas, segundo o objetivo de quem fala, e os nomes que elas tradicionalmente recebem nos livros especializados. Mas, lembre-se: essas são apenas algumas das funções comunicativas existentes:

Objetivo de quem fala	Função em que normalmente se usa a linguagem
Representar alguma coisa no mundo, descrever, falar sobre ela de forma informativa e direta, usando as palavras em seu sentido costumeiro.	Denotativa
Representar alguma coisa no mundo de forma figurada, descrever, falar sobre ela de forma criativa e indireta, usando figuras de linguagem, usando as palavras com sentidos especiais.	Conotativa
Despertar no interlocutor a sensação de beleza através do uso da linguagem.	Poética
Convencer o interlocutor, persuadi-lo de algo.	Conativa
Usar a linguagem para falar da própria linguagem, explicando ou descrevendo o funcionamento da própria linguagem.	Metalinguística
Confirmar com a pessoa com a qual se conversa que estamos entendendo e prestando atenção no que ela está dizendo, ou ainda, confirmar a manutenção de uma postura cooperativa na conversa.	Fática
Expressar sentimentos, emoções.	Emotiva

- f) enfim, toda e qualquer forma de comunicar às outras pessoas aquilo que desejamos. E essas formas são muitas e muito complexas para caber aqui em nosso pequeno livro. Pense um pouco nelas e nas formas como você se porta em relação a sua linguagem quando quer alcançar um objetivo qualquer na vida.

Como você viu, a fala, a escrita e suas contrapartes (audição e leitura) são habilidades distintas usadas para nos comunicar, segundo nossos diferentes objetivos na vida. Não apenas é importante saber usar essas formas com maestria, como é importante reconhecer quando outras pessoas estão usando essas formas com a gente. Reconhecer, por exemplo, que alguém está muito ansioso para convencer a gente de algo, pode ser uma boa pista para desconfiar e pensar um pouco mais. Porém, toda essa variedade e todos esses recursos têm uma razão de ser. Tudo na língua tem uma razão de ser. Vamos ver isso adiante.

Em um mesmo texto é possível encontrar diferentes funções da linguagem. No entanto, uma deve ser a predominante, isto é, aquela que evidencia a principal finalidade da produção do texto.



Atividade 3. Procure identificar as funções da linguagem presentes nos textos abaixo, destaque a predominante em cada um deles.



Imagem (3) – Disponível em: <http://lizpublicity.blogspot.com.br/2011/04/funcoes-da-linguagem.html>. Acesso em: 15 out. 2013.

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização



Imagem (4) – Disponível em: <http://lizpublicity.blogspot.com.br/2011/04/funcoes-da-linguagem.html>. Acesso em: 22 out. 2013.



Imagem (6) – Disponível em: Os Autores (acervo particular). Acervo fotográfico particular. Fotografia de página Newsletter Oportunidades, Informativo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Governo da Bahia. abr./maio 2016. p. 6)



Como você viu, a fala e a escrita são diferentes, servem para fazer coisas diferentes e usam recursos diferentes. A fala é sempre heterogênea e variada, em todos os países do mundo. Mesmo em uma pequena tribo indígena, haverá diferentes formas de falar a língua ali adotada. Não é possível homogeneizar a fala de um povo, torná-la igual em todos os lugares e em todas as situações. Basta pensar em seus usos da linguagem: você não fala a mesma forma quando está praticando esporte (jogando uma partida de futebol ou vôlei na praça, por exemplo) e quando está na igreja ou em uma cerimônia de formatura. Além disso, a fala evolui muito mais rapidamente que a escrita.

Por sua vez, a escrita, em cada um dos seus tipos, é mais homogênea e pode ser monitorada de forma mais eficaz. Há padrões para escrever as palavras que precisam ser seguidos em todos os lugares em que se adote uma mesma língua, que incluem regras de acentuação e pontuação, padrões para escrever certos tipos de texto (ofícios, cartas comerciais, trabalhos acadêmicos diversos, como uma monografia ou um artigo científico etc.) que precisam ser rigorosamente obedecidos. É na sua forma escrita que uma língua alcança seu maior padrão de homogeneização e é nessa forma que a língua se conserva mais estática. Isso não é ruim, pelo contrário: quanto mais fácil e padronizada for a escrita de uma língua, melhor isso será. Ingenuidade é pensar que alguém pode escrever como fala ou falar como escreve. Isso sim é um pensamento bem ruim e que, infelizmente, é muito difundido no Brasil. E, por que ele é ruim? Porque é falso e faz as pessoas sofrerem a vida inteira querendo alcançar essa homogeneidade que não existe.

1.4 Tudo na língua tem uma razão

Não sei se você já parou para pensar por que o português brasileiro é assim com é. Muitas vezes, ouvimos palavras que nos causam estranheza, que achamos engraçadas. Por que elas são assim? Por que razão, normalmente, colocamos o adjetivo depois do nome no português (*casa bonita*), enquanto o inglês coloca antes (*beautiful house*)? Pode saber: nada disso aconteceu por acaso, nada disso deixa de ter uma razão. (Como sugestão de leitura – indicamos:



BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007) (Educação linguística; 1).

Da mesma forma, as pessoas que falam um português diferente do seu, seja na pronúncia, seja nas palavras que adotam ou na forma como constroem as frases, não o fazem porque são burras ou inferiores, mas por razões sócio-históricas.

Vamos exercitar:



Atividade 4. Considerando-se as variações linguísticas, o que causa efeito de humor, ou seja, cômico, brincalhão, de alegria no texto abaixo?

O Caipira na Rodoviária

O caipira chegou no guichê da empresa de ônibus e pediu:

- Moço, por favor me dá uma passagem pra Anastácia, ida e volta.

O homem falou, aqui não vendemos passagem pra Anastácia.

O caipira virou-se pra sua mulher e falou:

- Ramo inbora Anastácia o moço num quer vender passagem pro cê.



Imagem (7) – Fonte: Os Autores. Elaborado pelos autores (2020).

Texto (2): Aí, galera!

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo ‘estereotipação’? E, no entanto, por que não?

- *Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.*
- *Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.*
- *Como é?*
- *Aí, galera.*
- *Quais são as instruções do técnico?*
- *Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.*
- *Ahn?*
- *É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.*
- *Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?*
- *Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?*
- *Pode.*
- *Uma saudação para a minha genitora.*
- *Como é?*
- *Alô, mamãe!*
- *Estou vendo que você é um, um...*
- *Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?*
- *Estereoquê?*
- *Um chato?*
- *Isso.*

(VERISSIMO, Luis Fernando. In: *Correio Brasiliense*, 12 de maio 1998).

a) O uso da língua por pessoas pertencentes a diferentes níveis sociais cria expectativas, muitas vezes estereotipadas, pelo interlocutor. A leitura do texto acima evidencia isso. Explique com base nos seus conhecimentos a respeito dos usos da língua, a situação que cria o efeito de humor no texto.

b) Pode-se falar que no texto acima confundem-se as modalidades oral e escrita da língua, gerando sentidos que atrapalhem a comunicação? Explique.

c) Com base no texto acima, produza um texto argumentativo considerando o uso da língua e o contexto.

Como falamos anteriormente, as línguas naturais evoluem com o passar dos tempos, motivadas por várias causas. Vamos pensar mais detalhadamente em algumas delas aqui:

- a) línguas se misturam com outras línguas – é comum que a mistura ocorra entre as línguas quando culturas entram em contato. Culturas entram em contato umas com as outras de diferentes formas: por causa das relações comerciais e sociais nas fronteiras de países, em casos de migrações, guerras e invasões, por influência cultural de um povo sobre outro etc. Nesses casos todos, uma língua acaba influenciando a outra. Por isso é ingenuidade ficar falando da “pureza da língua”. Não existe “língua pura”!

Para que o português brasileiro chegasse ao formato que tem hoje, mais de duzentas línguas o influenciaram. Você já ouviu falar que “temos que conservar a nossa língua pura” ou que o “latim era uma língua pura”? Se ouviu, saiba que isso é uma grande besteira! O pesquisador austríaco Joseph Huber, profundo conhecedor das formas antigas do português, já mostrava em um livro de 1933², que o próprio latim era o resultado da mistura de quatro ou cinco línguas. O latim, portanto, já era o resultado de uma grande mistura.

Depois, os romanos conquistaram quase toda a Europa e levaram o latim por onde passaram, inclusive para a Península Ibérica, onde fica hoje o país que veio a se chamar Portugal. Naquele tempo, a região onde é hoje Portugal era um amontoado de vilas entre as montanhas. Lá, o latim se misturou com as línguas das pessoas que ali moravam, uma meia-dúzia de línguas diferentes. O resultado dessa mistura acabou se mesclando com o árabe, quando o povo que falava essa língua conquistou a península e por ali ficou alguns séculos. Depois, Portugal cresceu e começou a comercializar com os povos vizinhos, como os espanhóis, franceses e ingleses, e a língua que havia resultado disso tudo acabou se misturando um pouco mais com as línguas desses povos (que, por sua vez, já era resultado de outras misturas). Então, o português foi trazido para o Brasil e, aqui, se misturou com as diferentes línguas dos índios nativos (cerca de 180 línguas indígenas influenciaram e continuam influenciando o português brasileiro) e, depois, com as várias línguas dos escravos negros trazidos da África. Passou-se um tempo e o português continuou e continua recebendo influência do espanhol, do francês, do holandês, do inglês, do japonês, do italiano, entre outras línguas de povos que fazem fronteira com o Brasil ou que estabeleceram colônias por aqui. No final, cerca de duzentas línguas diferentes se misturaram para formar o que chamamos hoje de português brasileiro. E, como o português continua vivíssimo e os brasileiros viajando e recebendo migrantes, essa língua continua e continuará evoluindo. Pense nisso: o que será mesmo que querem dizer quando falam de “pureza da língua”? A quem querem enganar e o que querem ganhar com isso? Será que essa afirmação de “pureza” não é uma forma de manipulação de nossa visão sobre nossa própria língua nacional? Será que não é uma forma de esconder a riqueza de nossa língua e de nossa cultura? Afinal, qual é o problema em uma língua ser rica e plural?;

- b) línguas se modificam com o tempo – além dessas misturas que descrevemos no item anterior, já vimos que é natural que as línguas se modifiquem simplesmente por serem usadas (lembra-se da dimensão constitutiva da linguagem?). O simples fato de uma língua estar em uso a modifica com o passar do tempo. O mais interessante é que

2 HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

pesquisas linguísticas já provaram que línguas que possuem escrita se modificam na fala mais rapidamente do que línguas que não têm escrita. Isso é fácil de compreender: quando a língua tem escrita, as pessoas sabem que ela está registrada e têm muito mais liberdade de fazer mudanças na fala. Quando uma língua não tem escrita, as pessoas só possuem a forma oral e têm a tendência de cuidar mais das palavras e de serem mais criteriosos com mudanças;

- c) línguas se modificam regionalmente – além das duas mudanças anteriores, as línguas também se modificam em função das diferenças entre as regiões e as pessoas que as utilizam. O Brasil é um país que apresenta biomas muito distintos: do semiárido nordestino para a Amazônia existe uma diferença muito grande de condições de vida, de fauna e de flora, de atividades econômicas, enfim: parecem dois mundos diferentes no mesmo país. E isso é assim em relação ao Pantanal, aos pampas, às grandes cidades, aos sertões, às serras e tudo mais: são muitos países diferentes no mesmo país. O mais interessante é que povos diferentes colonizaram essas diferentes regiões brasileiras, muitas vezes, levando línguas diferentes para lá ou encontrando lá povos indígenas com línguas próprias. É mais do que natural que as pessoas que vivem nessas regiões tenham desenvolvido formas diferentes de português, que elas precisem de palavras diferentes e acabem evoluindo sua linguagem de forma diferente para representar mundos tão diferentes. É por isso que o português do gaúcho é diferente do português do manauara e este seja diferente do português do cearense e assim por diante até os confins do Brasil;
- d) línguas se modificam em função dos interesses dos falantes – agora, pense que em cada uma dessas regiões, com seus povos tão diferentes, se desenvolveram atividades econômicas distintas e a vida ocorreu de forma tão diferente também. Enquanto o seringueiro no interior do Acre extraía o látex das árvores, os gaúchos cruzavam os pampas com suas manadas de gado e os pescadores do Rio Grande do Norte procuravam camarões e caranguejos nas praias e mangues. Seria possível a essas pessoas usar sempre as mesmas palavras tendo que falar de mundos tão diferentes e com interesses tão distintos? É claro que não! Além disso, é natural crer que eles desenvolvessem melodias de fala diferentes (sotaques regionais) e acabassem gerando diferenças marcantes na sua maneira de falar o português. Tudo na história do Brasil apontava para diferenças entre a fala de cada região e foi exatamente assim que ocorreu. É justamente isso que imprime no português brasileiro tanta diversidade, riqueza e beleza. (Como sugestão de leitura – indicamos:



ROSA, João Guimarães. *Grande sertão veredas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Interessante também assistir à animação em 3D e em preto e branco *Morte e Vida Severina*. Dirigida por Afonso Serpa e realizada a partir dos desenhos originais do cartunista Miguel Falcão em 2011, baseada na obra homônima do autor pernambucano João Cabral de Melo Neto).

Assim, o português brasileiro não é do jeito que é por acaso, mas como resultado de toda a história evolutiva dessa língua, resultado da história de seu povo e de sua formação como uma pátria, que moldou essa língua como ela é hoje: rica e plural!

É por tudo isso que no Brasil não se fala uma única língua. Hoje, ainda temos cerca de duzentas línguas sendo faladas em todo o Brasil, entre línguas indígenas, línguas faladas nas colônias de migrantes e a língua oficial: o português. A língua oficial é aquela adotada, por força de lei, em um país, como forma de garantir uma comunicação mínima na forma escrita entre todos os habitantes dessa nação. Nela se escrevem os documentos oficiais e seu ensino é obrigatório em todas as escolas. Na China, por exemplo, existem entre trezentas e quatrocentas línguas diferentes, mas o chinês é a língua oficial. Mesmo assim, há diferentes formas de chinês. No Brasil, a língua oficial é o português, mas ela também se manifesta em diferentes variantes regionais. Porém, se deseja e se trabalha para que a forma escrita de nossa língua seja padronizada. Por isso ela é ensinada nas escolas de todo o país e o ensino da escrita é tão valorizado.

A língua oficial de um país não obrigatoriamente é a *língua de uso* de cada comunidade. Por isso, em países que convivem com muitas línguas em seus domínios (a maioria dos países do mundo é assim), as pessoas, normalmente, conhecem sua língua de uso e, através da escola, a língua oficial, que permite que se comuniquem entre si, leiam os documentos oficiais, inclusive as leis, e tenham acesso a todos os serviços da nação, como poder participar de concursos públicos, que sempre são feitos na língua oficial.



Em 2002, São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do estado do Amazonas, tornou-se o primeiro município brasileiro a elevar línguas indígenas ao mesmo *status* da língua Portuguesa. A Lei Municipal 145, de 22 de novembro de 2002 tornou o tukano, o baniwa e o nheengatu (derivado do tupi antigo e usado como língua franca na Amazônia durante décadas) línguas co-oficiais da cidade.

A lei municipal garante, entre outras coisas, que as repartições públicas tenham atendimento, oral e escrito, nas quatro línguas. Os documentos públicos e as campanhas institucionais da prefeitura também devem ter versões nos três idiomas indígenas.

Outros três municípios brasileiros também reconheceram outras línguas como co-oficiais em seus territórios: Os municípios de Pomerade e Santa Maria do Herval (SC), reconheceram o idioma alemão; e o município de Tacuru (MS) reconheceu a língua guarani. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1346303-5598,00-MUNICIPIO+DO+AMAZONAS+OFICIALIZA+LINGUAS+INDIGENAS.html> e em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Gabriel_da_Cachoeira.



Atividade 5. Considerando o texto da tirinha abaixo, discuta com seus colegas sobre as modificações ocorridas na língua portuguesa no decorrer da história. Além disso, faça uma pesquisa sobre a origem de algumas palavras da língua portuguesa e as modificações que se processaram com essas palavras ao longo dos anos.

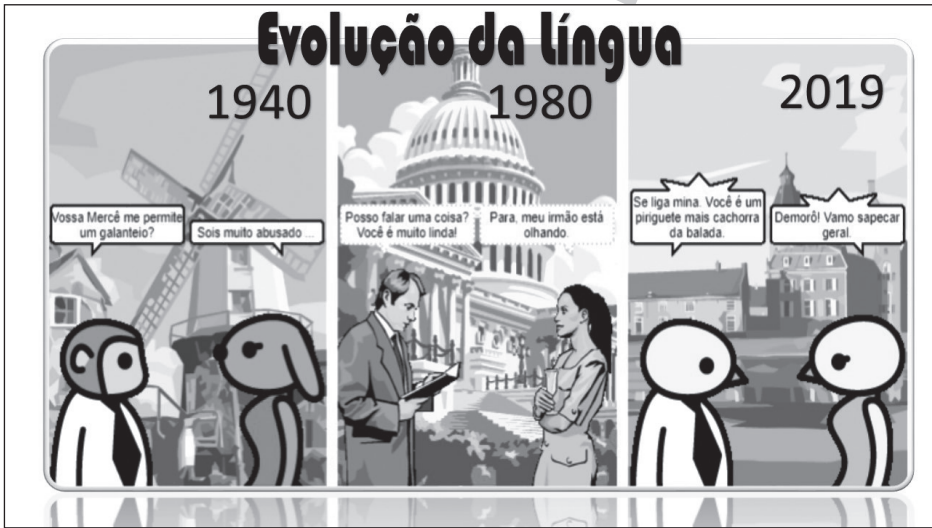


Imagem (8) – Fonte nossa: Criado em <https://www.storyboardthat.com/pt/storyboard-criador>.



Imagem (9) – Fonte nossa. Elaborado pelos autores (2020).

a) Observe a ilustração acima e considerando a adaptação do falante às variadas situações de comunicação, quais as marcas linguísticas presentes no texto que nos permitem compreender que se configura uma situação de uso da linguagem oral informal entre o avô e o neto?

b) Ainda em relação ao texto acima, que elementos nos permitem compreender o dinamismo da língua, considerando-se as falas do avô e do menino?

c) Qual a sua opinião sobre a língua ser um objeto dinâmico e que pode ser usado de diversas maneiras na linguagem?

1.5 Tudo na língua tem que fazer sentido

Finalmente, nessa nossa pequena caminhada para conhecer um pouco mais sobre as línguas naturais, precisamos compreender que tudo nas línguas é construído, tudo existe para fazer sentido. É o sentido daquilo que falamos que nos permite fazer uma “ponte” entre a língua e o mundo. Quer ver?

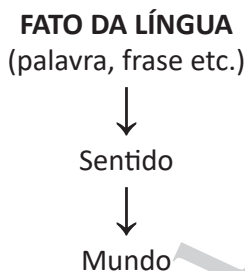


Você conhece, já viu ou apenas sabe o que é uma “lingefígula”, não é mesmo? Não? Como assim não conhece uma simples lingefígula?! E é uma coisa tão importante em sua vida! Pense um pouco na palavra. O que você acha que é? Você seria capaz de desenhar uma lingefígula aqui ou descrever o que pensa que ela seja? Está difícil? Que tal procurar no dicionário? Escolha um bom dicionário! Se está perto de um computador ou de um celular com Internet, pode experimentar procurar no *Google*. Quem sabe encontra alguma imagem. Vamos esperar um pouco aqui...

... Continuamos esperando...

Nada? Tudo bem. Sabe por que não ocorrem imagens na sua cabeça e você não consegue descrever uma lingefígula? Porque você não consegue atribuir nenhum sentido a essa palavra. Sem o sentido, não você se lembra nada no mundo para relacionar com a palavra. Assim é quando alguém fala uma frase “nada a ver”, quando alguém fala uma língua estrangeira, quando alguém diz uma palavra que não conhecemos ou escreve uma redação que ninguém entende. Ficamos “boiando”, sem saber do que se trata, sem conseguir imaginar nada no mundo que corresponda àquilo ou, o pior: imaginando coisas erradas.

Quando não conseguimos atribuir um sentido a algo produzido em uma língua, é como se aquilo nem fosse língua de verdade. É como se não conseguíssemos realizar o caminho da palavra ou da frase até o mundo, pois a dimensão representativa da linguagem foi afetada pela falta de sentido. Funciona mais ou menos assim:



Quando aquilo que se fala não faz sentido, a gente para no meio do caminho e não chega a lugar nenhum. Isso funciona assim desde um pequeno pedaço de palavra (por exemplo, um “-s” para dar o sentido de plural) até um texto inteiro. Por isso, nosso caminho daqui para frente, neste livro, será sempre baseado no sentido dos fatos linguísticos. Primeiro, definir o sentido, compreender o sentido, depois o restante.



Ah! Já íamos esquecendo: não se preocupe com a “lingefígula”. Você não descobriu o que é porque inventamos essa palavra agora. Não é nada e não fala de nada. Foi só um exemplo para mostrar a você a importância do sentido na língua.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

CAPÍTULO II

A FALA: A FORMA NATURAL DE COMUNICAÇÃO

2.1 A fala: ninguém ensina, todo mundo aprende

A fala é a forma mais natural de comunicação entre os seres humanos e, também, a mais complexa. Somos acostumados a pensar na fala apenas como sendo a “pronúncia das palavras”, mas isso não é correto. Muitas coisas mais ocorrem quando falamos e o sucesso da comunicação depende de uma infinidade de outras coisas, como veremos a seguir.

O interessante sobre a fala é que parece que somos plenamente adaptados para seu aprendizado sem que alguém precise nos ensinar. A criança aprende a falar apenas por ouvir os outros falando. O mais incrível, é que uma criança aprende a falar qualquer língua a que ela seja exposta e não apenas a língua de seus pais. Se pegarmos um recém-nascido brasileiro, filho de brasileiros, neto de brasileiros e o levarmos para um país árabe, para o Japão ou para a China, e ele for exposto à língua que se fala lá, ele aprenderá essa língua e a falará na mesma época em que falaria o português brasileiro, por volta de um ou dois anos, sem qualquer problema.



Noam Chomsky³, importante cientista norte-americano, e sua equipe mostraram que isso acontece porque nosso cérebro é plenamente adaptado para a aprendizagem das línguas naturais e sua fala.

Também descobrimos com as pesquisas linguísticas que a primeira característica que aprendemos em uma língua é sua *melodia*. A melodia da língua, seu ritmo e entonação (a sonoridade como os sons são pronunciados), é que definem o *sotaque* de uma pessoa. Pesquisas mostram que desde quando a criança desenvolve seu aparelho fonador ainda no ventre da mãe, ela já começa a aprender a melodia da fala da mãe. Por isso é tão difícil mudar o

3 Quem é?

Noam Chomsky é um dos mais importantes pesquisadores do mundo na área da linguagem. Desde a década de 60, ele e sua equipe desenvolveram uma teoria que procurava explicar como as línguas naturais são aprendidas e faladas, enfocando a atuação do cérebro nesse processo. Sua teoria ficou mundialmente conhecida como teoria gerativa da linguagem.

sotaque. Quando tenta aprender uma língua estrangeira, a gente pode até aprender as palavras e como formar as frases, mas um falante nativo daquela língua vai saber que a gente é estrangeiro pelo sotaque. Da mesma forma a gente sabe que alguém não é brasileiro, mesmo que esteja falando português.



No Brasil, existem vários sotaques distintos para o português: o gaúcho, o carioca, o paulista do interior, o nordestino. Cada um é de uma forma diferente e começou a ser aprendido mesmo antes de as pessoas nascerem. Isso mesmo: assim que as crianças desenvolvem o aparelho auditivo, ainda no ventre das mães, já começam a ouvir o que acontece do lado de fora, e isso inclui a voz, a língua, o sotaque da mãe. Porém, alguns sotaques são valorizados socialmente e considerados “bonitos”, enquanto outros são desprezados e motivos de piada.

A recorrência de atitudes dessa natureza foi denominada *preconceito linguístico* e, segundo Marcos Bagno (1999), precisa ser evitada e combatida de todas as formas possíveis. Aliás, como seria chato esse mundo se todas as pessoas falassem exatamente da mesma maneira, como a “moça eletrônica” que narra as informações no GPS...

2.2 A centralidade da fala no processo comunicacional: os diferentes níveis e funções da fala

No dia a dia, a fala ocupa um lugar central em nossa comunicação. Falamos muito mais do que escrevemos. Já vimos que a escrita ocupa um lugar privilegiado nas sociedades letradas, mas isso não impede as pessoas de falar nem tira da fala sua centralidade. Como mencionamos anteriormente há diferentes formas de falar a nossa língua, algumas são privilegiadas e outras são desprezadas. Por isso, é importante compreender a importância da fala no processo comunicativo e disponibilizar recursos que possam incrementar o modo de falar e, assim, evitar constrangimentos decorrentes da inadequação do uso da fala..

Você deve conhecer pessoas que têm dificuldade de falar em público ou, às vezes, têm vergonha até de falar em uma conversa informal. Isso pode ser consequência timidez, mas pode ter outra origem: vergonha de sua fala, mesmo que seja uma vergonha inconsciente.

Ninguém deve ter vergonha de seu sotaque e de sua maneira de falar, pois aprendemos nosso sotaque mesmo antes de nascer. Porém, o padrão que utilizamos para falar pode ser treinado e modificado.



No Brasil algumas realizações são muito marcadas e socialmente desvalorizadas na fala. Isso acarreta graves prejuízos para as pessoas que falam assim. Veja algumas das realizações mais marcadas e mais cobradas:

- a) os plurais e as concordâncias nominais e verbais:

Qual você acha que é a forma mais valorizada?

1. Os boi tá no pasto comendo as coisa que sobrou da seca.
2. Os bois estão no pasto comendo as coisas que sobraram da seca.

- b) a pronúncia dos encontros consonantais com som de “l”, como pl e bl:

Qual você acha que é a forma mais socialmente valorizada?

1. Eu tô com um pobrema no broco do meu dente.
2. Eu estou com um problema no bloco do meu dente.

- c) a pronúncia de certas palavras que já viraram estigma, como “tábua”, “marmita”, “professor”, “em cima”;

Qual você acha que é a forma mais valorizada?

1. O professor deixou a malmita dele em riba da tauba e robaro.
2. O professor deixou a marmita dele em cima da tábua e roubaram.

- d) a forma de usar de certos pronomes e suas concordâncias;

Qual você acha que é a forma mais valorizada?

1. Tu vai hoje com nós? Porque a gente vamos logo depois do almoço.
2. Você vai/ Tu vais hoje conosco? Porque nós vamos logo depois do almoço.

- e) o uso de certas expressões regionais como “pra mode”, “bah” e “visse?”.

Qual você acha que é a forma mais valorizada?

1. A gente veio pra mode de acaba a tarefa, visse?
2. Nós viemos para acabar a tarefa, viu?

Essas são apenas exemplificações de algumas diferenças de fala, no Brasil, que acabam virando motivo de preconceito. Essas diferenças ocorrem

em função das variações linguísticas, são naturais e plenamente compreensíveis. Para entender por que elas ocorrem, precisamos considerar fatores de natureza extralinguística como a região em que a pessoa vive, idade, escolarização, situação financeira etc., como assevera Preti (Como sugestão de leitura – indicamos:



PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed. São Paulo: EdUSP, 2003).

Nenhuma delas deve ser considerada “feia”, “errada” ou “pecaminosa”, pois todas funcionam muito bem nos ambientes socioculturais onde se originam e onde são cultivadas e cumprem o seu papel. Porém, as formas chamadas de “cultas” (sempre as de número “2” em cada par de exemplos acima), são mais valorizadas em diversas circunstâncias, como em uma entrevista de emprego, um discurso de formatura, uma pregação na Igreja, enfim, ambientes com maior nível de formalidade. Isso é um fato e precisamos aprender a lidar com ele.

É possível aprender esse padrão chamado de “mais culto” de fala? Claro que é! Mas, é preciso treino. E esse treino se dá de duas formas: 1. ouvindo atentamente pessoas que falam dessa maneira para se acostumar com esse padrão e; 2. treinando a pronúncia das palavras e a construção das frases a partir de textos, até que ela se torne automática – devendo, assim, ser considerada, também, a escolarização como uma das ações que possibilitam o acesso a esse padrão.

Saiba que ninguém usa o padrão culto o tempo todo. Todos nós – todos mesmo! – variamos a forma de falar quando estamos em ambientes menos formais, usando uma fala mais “relaxada”, menos *monitorada*. Não há problema nenhum em “comer” alguns “s” quando estamos jogando bola ou conversando com a galera. Mas, o importante é que, quando for necessário, o falante tenha plenas condições de usar um padrão mais formal de fala (por exemplo, na tal entrevista de emprego), e que ele saiba usar isso, para seu proveito, “automaticamente”. E, não haverá nenhum problema em usar o seu sotaque, pois se estivermos pronunciando as palavras de acordo com o dito “padrão culto”, evitando certas expressões e usos estigmatizados, a fala será valorizada. Em outras palavras é preciso ser “poliglota de nossa própria língua”.

Treinar esse padrão de fala mais valorizado é ótimo na escola, por exemplo, quando se apresenta seminários ou outros trabalhos em grupo. Que tal começar um treinho agora?



Atividade 1

Texto 1

A canção “*O pulso*” interpretada pela banda de rock nacional Titãs apresenta um ritmo muito interessante que nos faz lembrar o dos batimentos cardíacos que podem ser verificados ao tocarmos o pulso. Da mesma forma o ritmo bem marcado da melodia aliado a escolha lexical muito particular de termos relacionados a patologias humanas é uma ótima oportunidade para exercitarmos a pronúncia, articulando pausadamente cada palavra de acordo com o ritmo da música. Convide os alunos a ouvir a música e depois a cantar, primeiro acompanhando a execução do CD ou DVD, conforme o caso e, posteriormente, sem acompanhamento de som, para que eles possam perceber a articulação de cada palavra.

O PULSO

*O pulso ainda pulsa
O pulso ainda pulsa...*

*Peste bubônica
Câncer, pneumonia
Raiva, rubéola
Tuberculose e anemia
Rancor, cisticercose
Caxumba, difteria
Encefalite, faringite
Gripe e leucemia...*

*E o pulso ainda pulsa
E o pulso ainda pulsa*

*Hepatite, escarlatina
Estupidez, paralisia
Toxoplasmose, sarampo
Esquizofrenia
Úlcera, trombose
Coqueluche, hipocondria*

*Sífilis, ciúmes
Asma, cleptomania...*

*E o corpo ainda é pouco
E o corpo ainda é pouco
Assim...*

*Reumatismo, raquitismo
Cistite, disritmia
Hérnia, pediculose
Tétano, hipocrisia
Brucelose, febre tifoide
Arteriosclerose, miopia
Catapora, culpa, cárie
Cãibra, lepra, afasia...*

*O pulso ainda pulsa
E o corpo ainda é pouco
Ainda pulsa
Ainda é pouco*

*Pulso
Pulso
Pulso
Pulso*

(Arnaldo Antunes). Disponível em: <http://letras.mus.br/titas/48989/>. Acesso em: 20 out. 2013.

Texto 2

PARTIDOS

*Partidos e seus quadros políticos
É um guarda-chuva submisso,
As normas do governo para se manter
Em sua própria entidade.
Militantes do MR que presidem a fundação
Estadual do meio ambiente,
Cooptados pelo governo
É sempre decadente.
Clandestinos dos povos emergentes
Com a sua ação sempre positiva
E os vestígios de sua trilha*

*É a única saída.
Políticos, Cooptados...
Qualquer esforço será inútil
Para nos destruir e humilhar,
Canalhas oportunistas
Vocês não acharão nada aqui!
Políticos, Cooptados...*

(Sérgio Nunes de Jesus, 10/01/89). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/santo-oficio/partidos.html>. Acesso em: 13 fev. 2014.

a) Caro aluno(a), a partir do texto 2 acima, vamos exercitar – faça uma interpretação do texto PARTIDOS e exemplifique pontos que podem ser comparados ao seu cotidiano político-social.

2.3 As variações de uma mesma língua e suas funções sociais

Para melhor compreensão desse subtópico é válido considerar os estudos da sociolinguística que para Dubois (1998, p. 561) evidenciam que

[...] é uma parte da linguística cujo domínio se divide com o da etnolinguística (expressão cultural), sociologia, da linguagem, da geografia linguística e da dialetologia (descrever de maneira comparativa), pois [...] tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito na língua(gem).

Sendo assim, consideraremos a concepção social do emissor e relacioná-lo ao modelo de atuação dele desempenhado e apreendido na linguagem.

Logo, por que ocorre a valorização de alguns padrões de fala e outros são considerados de “gente burra” e “ignorante”? Quem foi que definiu que “Os bois” é mais bonito e mais correto que “Os boi”?



Quem explicou isso muito bem em sua obra foi o filósofo francês *Pierre Bourdieu*⁴. Esse sociólogo e filósofo mostrou que as sociedades vivem em constante tensão interna, uns querendo mais poder e mais prestígio que os outros. Segundo ele, na hierarquia da sociedade e na forma como ela se organiza, segue-se uma lógica em que há quem manda e quem obedece quem tem espaço privilegiado e quem é subjugado, tudo isso depende de um conjunto bastante complexo de coisas como as posses materiais, a profissão, o nível de conhecimento e a forma de falar.

Bourdieu explicava que o uso da linguagem em uma sociedade era como uma espécie de “mercado”. Você sabe que, em um mercado, quem tem a melhor mercadoria pode pedir mais caro e é mais valorizado; quem tem apenas coisas comuns e sem valor, acaba ficando desvalorizado. Assim, como a fala das pessoas é uma das mercadorias que elas vendem no mercado social, quem fala “mais bonito” tem mais prestígio. Se sua fala é considerada “boa” (principalmente pela forma de falar) ela será valorizada; se sua fala for considerada comum, sem valor, ela será desprestigiada e você será considerado de pouco valor também, e terá apenas lugares marginais na sociedade.

4 **Quem foi?**

Pierre Félix Bourdieu (1930-2002) foi um dos mais importantes sociólogos e filósofos da França. Em seu trabalho, explicou muitas coisas sobre o funcionamento das sociedades modernas e deu especial atenção às questões ligadas à linguagem das pessoas e como ela funciona em ambiente social.

Como já vimos, se um povo é poderoso (como os norte-americanos e os chineses), sua língua é considerada “chique”. Se um país é pobre e cheio de problemas, sua língua também é desvalorizada.



Da mesma forma, o padrão adotado como sendo “culto” e mais valorizado nas sociedades sempre foi – e ainda é – aquele usado pela classe dominante dessa sociedade. No Brasil, a fala considerada chique acabou sendo a fala da região em que ficavam o imperador e sua corte: a fala da corte no Rio de Janeiro. Muitos dos grandes escritores brasileiros, como *Machado de Assis* e *José de Alencar*, moraram e conviveram com as pessoas da corte e escreveram seus livros usando esse padrão de fala. Por isso é que, quando você vai ler um livro de José de Alencar, percebe que o índio que é personagem do livro fala como se fosse um cortesão português no palácio do rei. Só foi muito depois que escritores como Monteiro Lobato e Guimarães Rosa começaram a valorizar os modos regionais de falar, mas não sem resistências.



Até hoje existem pessoas que criticam e desprezam os quadrinhos do Chico Bento, idealizados por Maurício de Souza, porque dizem que o Chico é “caipira”, fala errado e vai influenciar as crianças para o mal... Até hoje, as chamadas gramáticas normativas⁵ e seus autores brigam com o povo querendo ensinar a “forma correta” de falar e tratando as formas populares e regionais como se fosse uma “doença nacional que vai acabar destruindo o português e destruindo o Brasil”, cuja unidade, segundo esses gramáticos, “depende da língua portuguesa e de sua pureza”. Quanta bobagem ideológica!



Como podemos ver, além das suas funções comunicativas (que já estudamos anteriormente, como convencer, descrever, gerar o sentimento de beleza etc.), a fala também exerce *funções sociais*. Essas funções sociais implicam marcação de pessoas e demarcação de territórios, ou seja, na separação das pessoas em “presta” e “não presta”, “merece-atenção” e “não merece-atenção”, apenas pela forma como elas falam. Fica claro que a grande massa do povão acaba sempre entrando no grupo desvalorizado, assim como suas manifestações culturais e artísticas, como é o caso da literatura de cordel (considerada por muitos como inferior)

5 **O que é isso?**

Gramáticas normativas são livros cujos autores não estão preocupados em descrever a língua e como ela é falada, mas em ditar normas de como “falar bem”. É comum que, nessas gramáticas, os autores fiquem afirmando que não “se deve falar assim, mas se deve falar assado”. São as gramáticas mais comuns e mais vendidas no Brasil.

e do *funk* e suas letras cheias de “erros de português”. Do outro lado ficam as pessoas que tiveram a oportunidade de aprender a “falar bonito”, porque nasceram em ambientes em que se falava o padrão chamado culto e/ou que estudaram em escolas que valorizavam a fala dita culta.

Isso tudo é correto e justo? Claro que não é. Mas, quem disse que o mundo e as sociedades são corretos e justos? Nunca foram e sabe-se lá se um dia serão. Por isso é tão importante *saber se defender no ambiente social*. Se a fala exerce funções sociais de marcação de pessoas e de demarcação de espaços sociais, de estabelecimento de hierarquias e do valor das pessoas, por que não aprender a falar no padrão culto para se defender no ambiente social e conquistar seu espaço merecido? Isso é um direito de todo cidadão e a escola deve propiciar condições para isso. Mas, de que adianta a escola propiciar condições para que os alunos aprendam um novo padrão de fala se eles não quiserem se esforçar para tanto? Pense nisso.



Atividade 2

Agora vamos fazer uma pesquisa com pessoas de diferentes setores do ambiente escolar por meio de relatos dos entrevistados, preferencialmente tematizando sobre questões do cotidiano. Sugerimos que os relatos sejam gravados. De posse dos dados, vocês devem ouvi-los e analisá-los com o intuito de verificar até que ponto os agentes responsáveis (professores e servidores) por oportunizar aos alunos no ambiente escolar o acesso ao “padrão” culto da linguagem, fazem uso desse padrão em situações comunicativas rotineiras. Após a análise discussão sobre o ensino da norma padrão na escola a partir do adágio: “*façam o que digo, mas não façam o que faço*”. Em seguida dê a sua opinião.

CAPÍTULO III

A ESCRITA DA NOSSA LÍNGUA



Como vimos, a escrita desfruta de enorme prestígio nas sociedades letradas. Em seu livro “Linguagem, Escrita e Poder”⁶, o professor Maurizio Gnerre nos mostra como a escrita foi e tem sido usada, ao longo dos séculos, como instrumento de garantir poder nas mãos de alguns e excluir outros de certos círculos sociais. Ainda hoje, a pessoa analfabeta não tem acesso a muitos bens sociais e culturais, é considerada inferior e sofre vários tipos de constrangimento, como ter que ficar sempre com o dedo sujo de tinta de carimbo. E, infelizmente, ainda temos cerca de 15 milhões de analfabetos no Brasil! É uma triste realidade que precisa ser combatida.

Ao contrário da fala, que não segue normas rígidas, não é regulada por lei e muda constantemente, a escrita – ou grafia – é bem mais estática. Logo em princípio, a escrita é regulamentada por lei. Há uma forma correta de se escrever as palavras – a ortografia (orto = correto) – que é definida por todas as Academias de Letras dos países que assinam o Tratado Ortográfico da Língua Portuguesa.

Essa forma correta de escrever as palavras está registrada em um documento chamado “Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa”, conhecido como VOLP, que é publicado pelas Academias em todos esses países. Se a palavra está lá, é oficialmente pertencente à Língua Portuguesa; se não está, não é oficialmente da língua portuguesa, embora possa até ser usada pelas pessoas.



Então, quando se quer saber como escrever uma palavra, o caminho certo é consultar o VOLP, o que pode ser feito pela Internet também (<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>).

O VOLP não é um dicionário: nele, não existem definições ou sentidos para as palavras. É apenas uma lista: a lista das palavras reconhecidas como sendo de nossa língua em todos os países que a falam e da forma ortográfica de registro. Esse documento ajuda a evitar muitos problemas. Você deve se lembrar que, no começo do governo da Presidente Dilma, ela fez questão de ser chamada

de “presidenta”. Muita gente reclamou e disse que a palavra “presidenta” não existia. Era só consultar o VOLP: a palavra está lá. A Presidente pode ser chamada de “presidenta” se desejar, de acordo com a lei ortográfica do país.

Além do aspecto ortográfico, também é importante saber se expressar bem de forma escrita. Isso é necessário desde os concursos até a vida profissional, e faz muita diferença para as pessoas nas sociedades modernas.

Por tudo isso, saber escrever bem e de forma correta é algo essencial em sua formação. Vamos ver algumas coisas mais sobre a escrita, então.

3.1 Os tipos de escrita existentes: qual é o nosso tipo de escrita?



Embora estejamos acostumados com nosso tipo de escrita, usando letras e outros sinais complementares – a chamada escrita alfabética, ela não é a única forma de escrita que existe no mundo. Temos três tipos principais de escrita:

- a) escrita ideográfica – é como a escrita do chinês. Nela, os símbolos não representam palavras específicas, mas ideias. O chinês é a mais complexa escrita ideográfica conhecida. Existem mais de 100 mil símbolos nessa escrita, embora sejam mais comuns cerca de 8 a 10 mil de uso constante. A complexidade da escrita chinesa é tão grande que, há algumas décadas, o Governo teve que simplificar os principais caracteres, diminuindo o número de traços que os formavam. Alguns deles eram formados por mais de vinte traços e baixaram para cerca de oito, em média. Ainda assim, é uma escrita que demanda tempo e esforço para seu aprendizado. Veja abaixo alguns exemplos de caracteres ideográficos e seus sentidos básicos:

- tartaruga: chinês tradicional – 龜
chinês simplificado – 龟
- árvore: chinês tradicional – 樹
chinês simplificado – 树

Mas há caracteres que são iguais em um e em outro, como o caractere para “pessoa”:

- pessoa: chinês tradicional – 人
chinês simplificado – 人

- b) escrita pictográfica – é um tipo bem antigo de escrita, que se caracteriza pelo desenho, pela pintura de um desenho que representa também uma ideia. Essa figura, chamada de pictograma, porém, não podia ser feita de qualquer forma, nem de qualquer tamanho em relação aos outros pictogramas. Havia um padrão rígido a ser seguido e, também, uma infinidade de pictogramas para se dar conta de representar todos os elementos do mundo. Os exemplos mais conhecidos de escritas pictográficas são o egípcio antigo e a escrita maia. Um complicador em relação a essas escritas, porém é que havia, também, desenhos que correspondiam a sons, de maneira que essas escritas eram, em certos aspectos, precursoras de formas alfabéticas. Vejamos um exemplo de escrita egípcia:



Disponível em: https://stock.adobe.com/es/images/id/256379038?as_campaign=Freepik&as_content=api&as_audience=404&tduid=f550dd86bd3abd4807e0be5367a0e79e&as_channel=affiliate&as_campclass=redirect&as_source=arvato.

- c) escrita alfabética – é a escrita que utilizamos, pois é constituída por um alfabeto, ou seja, um conjunto de símbolos chamados de

“grafemas” ou “letras”. Porém, é importante notar que há dois tipos principais de escritas alfabéticas:

- c.1) escrita alfabético-fonética – nessa escrita, cada símbolo equivale a um som e somente a um som, assim como cada som só pode ser representado por um único símbolo. Esse é o sistema de escrita que os linguistas usam, por exemplo, para representar a forma como as pessoas falam cada língua. É uma escrita complexa e com muitos sinais complementares. Aliás, uma mesma palavra pode ser escrita de formas diferentes, dependendo da pronúncia que ela tenha em cada lugar ou por uma ou outra pessoa;
- c.2) escrita alfabético-ortográfica – essa é a nossa forma de escrita. Nela, não existe uma correspondência perfeita entre a escrita e a forma como as palavras são pronunciadas, tampouco existe um símbolo para cada som ou vice-versa. As escritas alfabético-ortográficas são as formas mais comuns de escrita alfabética nas línguas modernas, mas são cheias de problemas.

Vejamos alguns deles:

1. um mesmo caractere permite representar vários sons. Veja alguns exemplos:
 - letra “e” – em “bebe”, o primeiro “e” tem som de “é” e o segundo tem som de “i”
 - letra x – em “exercício”, tem som de “z”, em “exceção”, tem som de “s”, em “taxa”, tem som de “x” mesmo;
2. um mesmo som pode ser representado por diferentes caracteres. Exemplo:
 - som de “s” – cessar, caça, saco, crescer
3. ocorrem caracteres que não são pronunciados, ou seja, que não representam sons. São exemplos disso:
 - letra “h” em “hoje”, “chamar”, “hábito”
 - letra “u” em “queijo” e “guitarra”

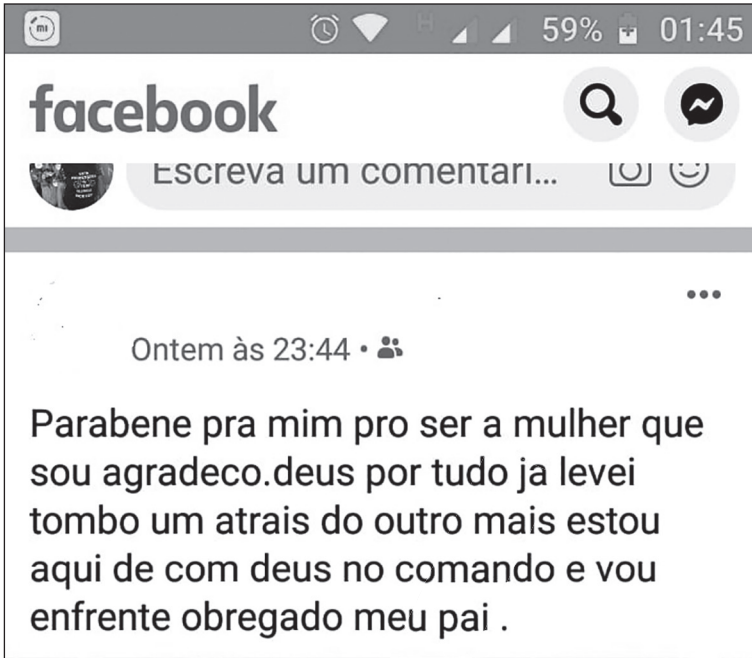
4. muitas letras ocorrem duplicadas. Veja os exemplos:
 - letras “s” e “r” – “sossego”, “carro”, “massa”, “barro”
5. o número de letras é insuficiente para representar todos os sons da língua. Por isso, é necessário recorrer a sinais complementares, os diacríticos (acentos e outras marcas complementares da língua, como a crase, a marca de nasalização e os sinais de pontuação). Veja:
 - “cosmético”, “socó”, “vovô”, “nação”

Todos esses problemas são complicadores da nossa forma de escrita. O pior é que, quando somos alfabetizados, muitas vezes nos fazem pensar que nosso sistema é alfabético-fonético, quando dizem “b com a dá bá” e “b com e dá bé”. Não é bem assim... “b com a” pode dar “bá” (bala), “bâ” (cabana), “bã” (banho) e “b com e” pode dar “bé” (berro), “bê” (bebê), “bi” (Hebe) etc.

Em um sistema ortográfico, isso é comum, porque *as palavras não são pronunciadas como são escritas, não existe uma correspondência fiel entre escrita e fala*. E, por que a escrita do português brasileiro é assim tão complicada? A principal razão está naquelas misturas de línguas de que falamos lá atrás. Temos, em nossa língua, palavras de muitas origens diferentes, de muitas línguas diferentes. Muitas delas, quando foram incorporadas em nossa escrita já trouxeram uma grafia própria, pois eram de línguas que possuíam escritas e, nem sempre, essa grafia correspondia aos padrões do português. Toda essa diversidade virou essa “bagunça” que temos hoje e que o último Acordo Ortográfico assinado em Portugal em 1990, e que virou lei no Brasil em 2008, em pouco colaborou para arrumar.

O fato mais objetivo sobre nossa escrita, portanto, é que as palavras são escritas assim porque são. Ponto final. Isso é lei e deve ser respeitado, pois é o que garante a uniformidade da escrita no país. Não adianta ficar tentando decorar macetes, pois sempre haverá exceções, e muitas! Para saber como escrever uma palavra, precisamos decorar as formas ortográficas. É assim que funciona. Caso seja uma palavra que não conhecemos ou não dominamos, existem vários recursos: o VOLP (impresso ou pela Internet) os dicionários, os editores de texto que têm dicionários embutidos e informam quando a palavra está escrita de forma errada.

Vejamos:



Fonte: Os Autores. Imagem acervo particular (2020).



Atividade 1

A imagem acima apresenta desvios com relação à escrita de algumas palavras. Pesquise no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa a grafia correta dessas palavras. Seria interessante apresentar também o significado de cada uma delas.

3.2 Os recursos que temos para escrever: grafemas e diacríticos

Nosso sistema de escrita utiliza como vimos dois tipos diferentes de sinais.

O primeiro tipo, comumente chamado de “letra”, corresponde à base do sistema. Hoje, depois do último acordo ortográfico, temos em nosso alfabeto 26 letras, pois foram incorporados à escrita do português o “k”, o “w”, e o “y”, que não eram “oficiais” antes, mas que ocorria o tempo todo aqui e acolá. Além dessas letras, também usamos outros caracteres que não têm status de “letra”: o “c” cedilhado (ç) e as combinações “rr”, “ss”, “ch”, “lh”, “nh”, “gu” e “qu” funcionando com um único som (essas combinações de letras que funcionam como se fossem uma única letra, com um único som, são chamadas de dígrafos).



Atividade 2

Escolha a forma correta da palavra entre parênteses que completará adequadamente cada frase:

- a) A quantia era _____. (vultosa/vultuosa).
- b) A lei _____ os erros do documento anterior. (retificou/ratificou).
- c) A empregada guardou as compras na _____. (despensa/dispensa).
- d) Chamou Joaquim para o _____ do encanamento. (concerto/conserto).
- e) As fantasias do baile estavam _____. (imorais/amorais).
- f) Pretendia consertar o forro do _____ do carro. (acento/assento).
- g) Pensou em _____ a mochila no chão. (arrear/arriar).
- h) O deputado teve seu mandato _____ (caçado/cassado).
- i) Combatemos o _____ de drogas. (tráfego/tráfico/trânsito).

O outro conjunto de sinais que utilizamos na escrita é mais diversificado:

- a) acentos – servem para indicar pronúncia aberta ou fechada de um som vocálico. Temos apenas dois: agudo (vovó) e circunflexo (vovô);
- b) marca de nasalização – é um sinal que serve para indicar que uma vogal deve ser pronunciada de forma nasal. Esse diacrítico é normalmente chamado de “til”: nação, põe, mão;

Texto (1)

O beijo é:

Vacina, já que deixa as pessoas mais resistentes. Ele permite uma grande troca de micro-organismos, que desenvolvem anticorpos, ajudando a fortalecer a imunidade do organismo.

Saudável, pois as batidas do coração e o ritmo da respiração aumentam bastante quando ele acontece, fazendo com que o corpo inteiro se exercite.

(Fonte: Revista *Toda Teen*. São Paulo: Alto Astral, jun. 1999).

- 1) Identifique no texto palavras cujos acentos servem para indicar o modo como a pronúncia deve ser realizada (aberta ou fechada).

- 2) Há no texto palavras que apresentam marcas de nasalização? Transcreva-as.



Atividade 3

Empregue o acento indicador da crase quando necessário:

- a) Elas ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
- b) Ele fala a nordestina, veste-se a mineira, come a baiana e canta a Caetano Veloso.
- c) Voltou a filha a casa.
- d) A filha voltou a casa dos pais.
- e) Fiz referência a tua irmã e não a dele, nem a minha.



Atividade 4

Nas orações abaixo, é admissível o emprego do acento indicador da crase? Justifique:

- a) Vendeu a crédito.

- b) Vou a casa de Juliana.

c) Fui a Bahia.

d) Chegamos as doze horas.

e) A sentença foi favorável a ré.

- d) hífen – sinal que indica a junção de duas palavras (o hífen “liga” as palavras e não “separa” as palavras). As regras de aplicação do hífen são muitas e muito difíceis de se decorar. Na verdade, são inúteis de se decorar e é mais fácil fazer um resumo delas ou consultar o VOLP em caso de dúvidas. Elas ditam todos os tipos de combinações de palavras que devem ser feitas com hífen e sem hífen.



Atividade 5

1) Considerando a concepção do Novo Acordo Ortográfico, faça uma pesquisa sobre o que mudou em relação ao emprego do hífen na língua portuguesa. Dê a sua opinião em seguida.

2) Elabore uma tabela exemplificando cada situação de emprego ou não do hífen de acordo com as novas regras.

<p style="text-align: center; font-size: 2em; opacity: 0.5;">Versão final</p>

3) Reescreva corretamente:

- a) Capitão mor – _____
- b) Capim mirim – _____
- c) Auto confiante – _____
- d) Neo simbólico – _____
- e) Auto avaliação – _____
- f) Auto defesa – _____
- g) Proto histórico – _____
- h) Ante sala – _____
- i) Arqui rival – _____
- j) Auto retrato – _____
- k) Auto regulamentação – _____
- l) Semi reta – _____
- m) Supra sensível – _____
- n) Inter estadual – _____

e) marcadores do discurso – também contamos com alguns sinais que servem para marcações de fatos do discurso.

São eles:

- o travessão (-), que é usado para indicar diálogo, inserção ou explicação;
- as aspas (“ ”) que indicam citações ou usos especiais de uma palavra;
- os parênteses que são usados para inserções, explicações, exemplos e repetições (como dar a forma de um numeral por extenso ao lado dele grafado com algarismos), entre outros usos.



Atividade 6

1) Empregue, no texto abaixo, a pontuação adequada para que o texto se torne inteligível:

Três sujeitos lá no fundão da Sibéria discutiam as razões de sua prisão o primeiro informou eu uma vez cheguei atrasado a usina e fui preso por estar sabotando o trabalho coletivo e o outro contou pois eu como chegava todo dia mais cedo fui preso por espionagem e o terceiro eu sempre cheguei na hora exata todos os dias durante anos e fui preso por conformismo pequeno burguês.

- e) sinais de pontuação: são os sinais que servem para indicar os sentidos e a estrutura das sentenças. São de dois tipos:
- sinais semânticos:
 - ponto final (.) – usado para indicar o final de períodos afirmativos ou negativos simples;
 - ponto de exclamação (!) – usado para indicar que a sentença representa o sentido de uma surpresa ou exclamação;
 - ponto de interrogação (?) – usado para indicar que a sentença é uma pergunta direta;
 - dois pontos (:) – usado para dar abertura a uma explicação ou fala em diálogo;
 - ponto e vírgula (;) – usado em listas e nas coordenações entre sentenças;
 - reticências (...) – usado para indicar suspeição, ironia ou continuidade;
 - sinal estrutural: em nossa escrita temos apenas um sinal estrutural, que é a vírgula e que marca:
 - inversões da ordem direta da sentença (Pela manhã, o homem fugiu de sua casa.)
 - inserções de termos fora da ordem direta da sentença (Aquele homem, pela manhã, acabou fugindo de sua cada)

- coordenações entre termos ou orações (Fui à feira e comprei tomate, cebola, cenoura e jiló.)
- supressão de termos da sentença (O João come dois hambúrgueres, mas eu, só um.)

Para o perfeito domínio do uso da vírgula, é necessário que você conheça a estrutura sintática de nossa língua e seja capaz de fazer a análise sintática das sentenças. A vírgula não tem nada a ver com pausas ou respirações, embora muita gente diga isso ainda hoje. Ela não é uma marca de pronúncia, mas da estrutura das sentenças. Sem esse conhecimento estrutural, não adianta querer decorar regras e macetes, pois você vai acabar sempre errando. O conselho que sempre damos é: “Não sabe se tem vírgula ali? Não use”.



Atividade 7

1) O emprego correto da pontuação é fundamental para a construção do sentido de um texto, bem como contribui para que o leitor possa fazer a entonação adequada a leitura. Para comprovar isso, propomos a atividade seguinte:

Um poeta tinha três namoradas Soledade, Lia e Iria; cada uma queria saber a quem ele realmente amava. Puseram-no à prova solicitando que escrevesse um mesmo poema para cada uma, destacando a quem ele mais amava. Utilizando apenas o emprego dos sinais de pontuação, ele conseguiu agradar a todas. Eis a estrofe que ele escreveu a cada uma:

*Se consultar a razão,
Digo, amo Soledade,
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.*

(Fonte: GOLD, M. *Redação empresarial*. São Paulo: Makron Books, 1999, p. 120).

Nota-se, pela estrofe, que Soledade foi a escolhida.

Agora é a sua vez. Apenas alterando o emprego e os sinais de pontuação, faça com que a preferida seja Lia, e em outra modificação, que a preferida seja Iria.

No último capítulo deste livro, você vai conhecer mais sobre a estrutura sintática de nossa língua e isso vai ajudar você a compreender o uso da vírgula. Voltaremos a ele, portanto, quando for oportuno.

3.3 A estética da escrita: parágrafos e padrões oficiais

A escrita, como apresenta uma dimensão visual na comunicação, também é regida por uma estética própria e significativa. Como vimos acima e não vamos retomar aqui, existe um conjunto de sinais que servem como marcadores de fatos do discurso. Esses sinais, quando corretamente utilizados, conferem ao texto informações adicionais além das palavras, como apontar que se trata de um diálogo, informar que certo trecho de um texto é de outro autor (citação) ou que o que vem entre parênteses, por exemplo, é uma explicação, algo adicional à palavra ou expressão imediatamente anterior.



Outra forma importante de organizar esteticamente um texto é o uso do parágrafo. O parágrafo é uma forma de marcar a progressão temática no texto. Ele indica que você “deu um passo adiante” no que está escrevendo, seja iniciando um novo ponto do tema, seja avançando um ponto em sua argumentação.

b) Tenho grande admiração por meu amigo Tiago por ser inteligente, criativo e muito educado. É muito criativo, tudo em que ele toca ganha um visual muito diferente e atrativo, é muito educado com todos. Eu o admiro por todas essas razões.

Porém, além desses sinais especiais e dos parágrafos, existem certos padrões de texto, certos modelos estabelecidos, que precisam ser rigorosamente obedecidos. É o que se chama de *redação oficial* e ela engloba ofícios, cartas oficiais, mensagens eletrônicas (e-mail), ata e relatório, entre outros.

No Brasil, o padrão oficial para todos esses documentos, seu formato, utilização e regras a seguir, é estabelecido pelo Manual de Redação da Presidência da República. Há muita coisa estabelecida ali que não seria conveniente resumir aqui e que não caberia em um livro técnico. Para você ter uma ideia, a terceira edição desse Manual, revisada, atualizada e ampliada, publicada em 2018 e que está atualmente em vigor tem 189 páginas. E, como ela é referência para os governos de todo o Brasil, tanto estaduais quanto municipais, para órgãos públicos de todas as naturezas, incluindo

Versão final

3.4 Os principais tipos de textos escritos e suas finalidades

Já vimos que a escrita – e, portanto, os textos que escrevemos – têm grande valor em nossa sociedade. Há diversas utilidades para a escrita e, portanto, há diversas formas de escrever, uma para cada necessidade que encontramos para a escrita no dia a dia. Vamos pensar aqui em algumas das coisas escritas que encontramos em nossa sociedade, materiais escritos que fazem parte de nossa vida.

Um ponto de partida para lidar com textos é fazer a diferenciação entre os textos em *prosa* e os textos em *verso*. Normalmente, textos em verso são usados para se fazer poesia e letras de música (que nem sempre é poética), pois os versos têm essa peculiaridade de conseguir atender à estrutura rítmica da música. O texto em prosa é este que estamos usando para escrever agora este livro (e que quase todo mundo chama apenas de “texto”).

Não devemos esquecer, também, que podemos construir prosa e verso tanto de maneira oral (usando o som como meio de transmissão) como de maneira escrita (sendo os meios materiais que permitem o contato visual (impresso, digital, pintado em uma placa etc.) ou o contato tátil (escrita em braile, por exemplo).

Outra separação importante a fazer é verificar se o texto tem peculiaridades artísticas (se é um texto com objetivos literários) ou se é um texto com peculiaridades não artísticas, um texto mais “comum” e mais voltado para as ações corriqueiras do cotidiano. Neste livro, não vamos tratar dos textos com peculiaridades artísticas, os textos literários, que demandam, sozinhos, um enorme e complexo manual. Nosso objetivo aqui é tratar mais dos textos não literários, mais usuais no dia a dia. Isso não nos impedirá, porém, de citar alguns exemplos de formatos literários em que se usa certa maneira de escrever.

Em seguida, vamos pensar em organizar um pouco os textos em função de suas finalidades. Grosso modo, podemos dizer que construímos textos escritos para:

- a) descrever coisas;
- b) para contar histórias, narrar fatos;
- c) para argumentar, convencer, dar nossa opinião e;
- d) para estabelecer normas e diretrizes.

Mesmo que você esteja escrevendo um simples e-mail, querendo somente comunicar algo, poderá perceber que estará, normalmente, construindo um texto com um dos formatos acima (descrevendo, narrando, argumentando ou normatizando). Vamos ver cada um deles separadamente, então.

- a) escrita usada para descrever coisas:
- manuais de produtos;
 - bulas de remédios;
 - instruções para fazer coisas, como os tutoriais da Internet;
 - a descrição de eventos que ocorreram, como nas notícias de jornais ou quando você descreve, em um e-mail para um amigo ou em uma rede social, um presente que ganhou, por exemplo;
 - certas descrições que acontecem em leis e outros instrumentos legais, tipificando as coisas para que se possa legislar a respeito delas.

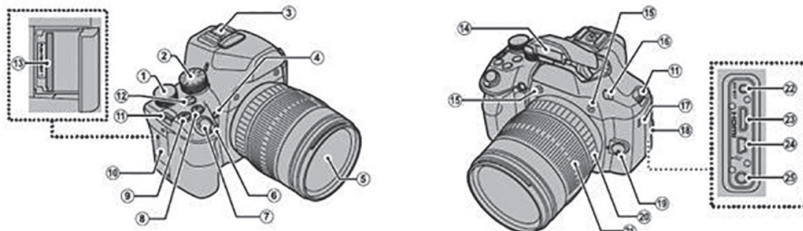
Esses são alguns dos exemplos mais comuns do cotidiano para o uso de textos que descrevem coisas. Esses textos que descrevem coisas, as *descrições*, são caracterizados por apresentar detalhes técnicos, detalhes físicos, formas de funcionamento de algo, consequências de seu uso (como os efeitos colaterais de um remédio ou o funcionamento do freio ABS de um carro), enfim, são textos que se caracterizam justamente por “pintar um quadro” daquilo que está sendo descrito. É natural que esses textos sejam cheios de adjetivos e de nomes, pois essas palavras são as que normalmente usamos para descrever coisas. Além disso, com os recursos gráficos que temos hoje, os textos não se compõem mais apenas de palavras. Eles vêm compostos com figuras, símbolos e outros recursos que nos permitem ter uma visão mais nítida do que se quer descrever.

Veja, abaixo, um exemplo de textos descritivos do dia a dia, retirados de um manual de câmera fotográfica (câmera fotográfica modelo X-S1 da empresa *Fujifilm*). Observe como foram usadas as ilustrações e as palavras na busca de uma descrição mais fiel e detalhada do produto:

Nesta página, a empresa faz uma descrição da câmera, de suas partes, botões e aspectos principais. Para tanto, ela usa imagens, esquemas de números e textos explicativos. Isso é necessário para você saber usar a câmera:

Componentes da Câmera

Para obter mais informações, consulte a página indicada à direita de cada item.



1	Seletor de comando.....23, 24, 25	10	Tampa do encaixe do cartão de memória.....12	19	Seletor de modo de focagem.....46
2	Seletor de modo.....22	11	Orifício da correia.....8	20	Anel de focagem.....46
3	Soquete.....88, 107	12	Botão Fn1 (função 1).....52	21	Anel de zoom.....18
4	Luz auxiliar AF.....103	13	Encaixe do cartão de memória.....12	22	Conector do cabo A/V.....69
5	Lente.....120	14	Flash.....37	23	Conector para o cabo HDMI.....69
6	Chave ON/OFF.....15	15	Microfone (L/R).....66	24	Conector do cabo USB.....71, 81
7	Botão do obturador.....19	16	Botão $\frac{1}{2}$ (flash rápido).....37	25	Conector para microfone externo...107
8	Botão $\frac{1}{2}$ (compensação de exposição)....44	17	Alto-falante.....68, 96		
9	Botão $\frac{1}{2}$ (disparo contínuo).....40	18	Tampa do terminal.....69, 71, 81		

Nesta página a seguir, o manual descreve o procedimento que deve ser seguido para colocar a bateria na câmera, o que é, evidentemente, necessário para poder ligar o aparelho. Observe como a descrição aqui não é mais tão estática, mas já contempla eventos, isto é, os procedimentos que o usuário deve seguir e os cuidados a tomar:

Introduzir a Bateria

Introduza as baterias na câmera conforme descrito abaixo.

1 Abra a tampa do compartimento da bateria.

Deslize a trava do compartimento da bateria na direção mostrada e abra a tampa do compartimento.



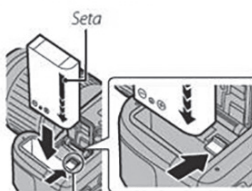
Assegure-se de que a câmera esteja desligada antes de abrir a tampa do compartimento da bateria.



- Não abra a tampa do compartimento da bateria quando a câmera estiver ligada. A não observância desta precaução poderá resultar em danos aos arquivos de imagem ou aos cartões de memória.
- Não use força excessiva ao manusear a tampa do compartimento da bateria.

2 Insira a bateria.

Introduza a bateria como indicado na ilustração, no interior do compartimento da bateria, usando a bateria para manter a trava pressionada para o lado.



Trava da bateria



Insira a bateria na orientação correta. **Não use força ou tente inserir a bateria invertida ou virada para trás.** A bateria deslizará facilmente na orientação correta.

Como você pôde conferir, são duas formas diferentes de descrição: a primeira é mais estática, mais como uma “pintura de quadro” mesmo. A segunda é mais dinâmica, já inclui instruções, coisas a fazer e cuidados a tomar. É o que se chama descrição de processo. Esses dois exemplos de composições textuais são, entretanto, ambos descritivos e nos apresentam coisas a respeito do mundo e do que nele acontece.



Atividade 10

Apresentamos a seguir, desordenadamente, os passos para elaboração de um origami usando papel ofício. Abaixo desses procedimentos, apresentamos uma sequência de imagens ordenadas do passo a passo da produção do origami. Ordene as sequências escritas de acordo com a ordem das etapas propostas nas imagens.

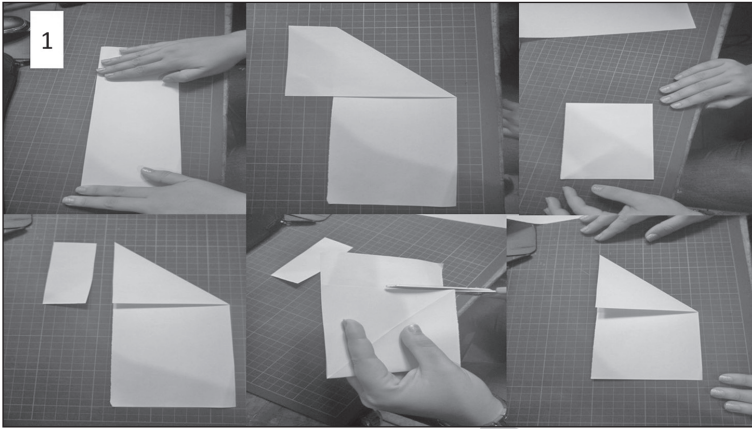
1. Siga dobrando cada ponta dando a forma de um triângulo.
2. Em seguida, vire a peça para o lado oposto, e dobre suas pontas de encontro à extremidade do quadrado formado. Estas dobras formarão uma figura de cata-vento. Vire a peça novamente, e dobre uma de suas extremidades em sentido horizontal;
3. Continue fazendo dobraduras em sentido diagonal, da extremidade para o centro.
4. Corte uma folha de papel ofício ao meio. Faça uma dobra de quatro dedos mais ou menos em uma das extremidades. Recorte.
5. Dobre o quadrado ao meio e segurando cada ponta de uma vez, dobre-a em sentido diagonal até o centro do quadrado.
6. Após fazer o corte indicado, dobre as pontas para dentro dando a forma de triângulo. Faça isso em duas pontas somente;
7. Observe que já temos a aparência de um sapinho. Agora vire novamente a peça, e faça duas dobras na parte inferior.
8. Pronto, já temos o nosso origami. Para ele ficar mais alegre desenhe os olhinhos e boa diversão!



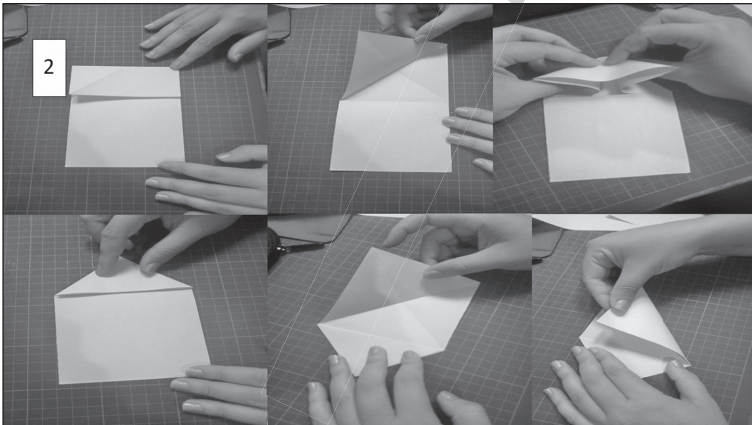
Observe e faça o seu móbile. Origami (sapo) (acervo pessoal – Nara Dantas de Azevêdo)

Material: 1 folha de papel ofício (cor de sua preferência)

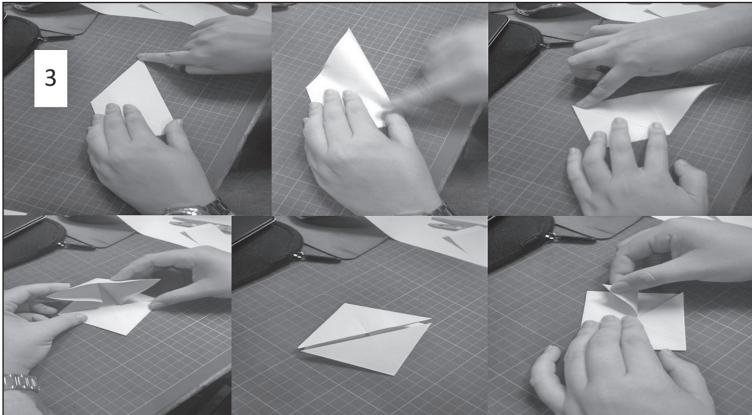
Passo 01



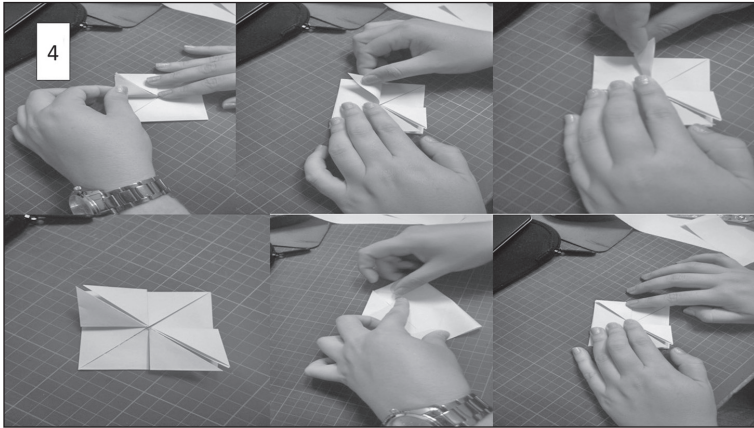
Passo 02



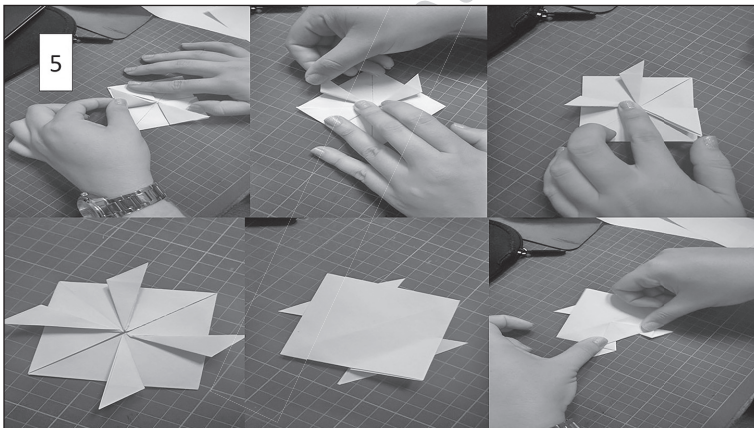
Passo 03



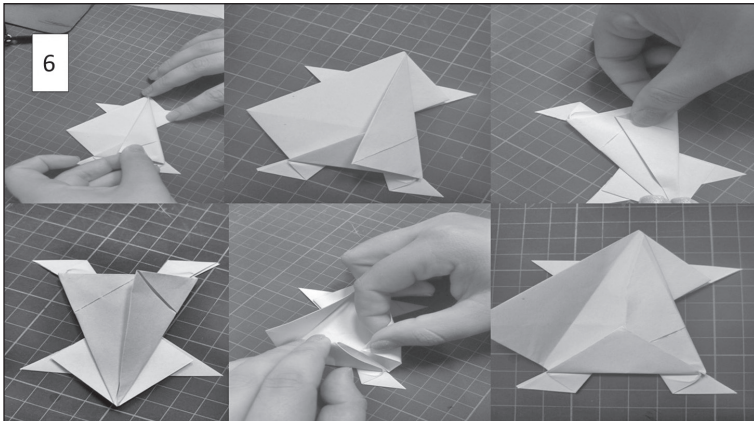
Passo 04



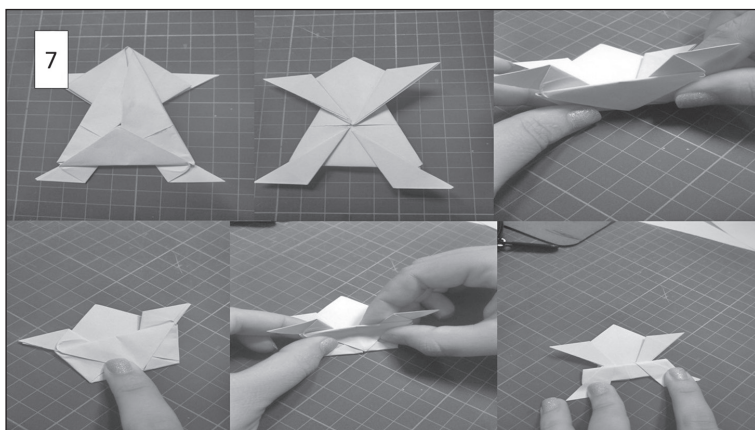
Passo 05



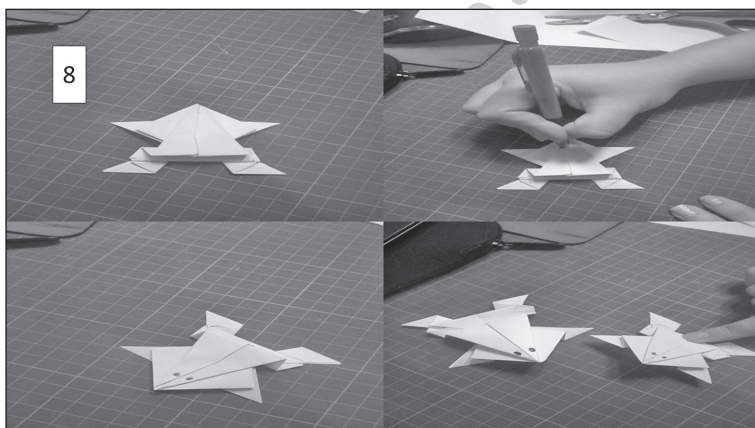
Passo 06



Passo 07



Passo 08



Vamos analisar mais alguns textos usados no nosso cotidiano.

- b) escrita usada para narrar fatos do mundo ou fatos de ficção, contar histórias, narrar:
- notícias de jornal contando coisas que aconteceram;
 - textos de romances, contos, novelas, contando uma história;
 - pessoas contando histórias que aconteceram em suas vidas, mesmo que seja a de ontem na balada;
 - textos religiosos que contam histórias antigas da humanidade.



Esses textos que contam histórias, que narram fatos, que apresentam os acontecimentos ocorrendo ao longo da linha do tempo, são chamados de *narrações*. Eles são justamente construídos para que as pessoas possam “visualizar” os eventos em sucessão, sendo desenvolvidos de forma dinâmica. Há muitas pessoas que são exímias contadoras de histórias, outras gostam de escrevê-las.

Para narrar um fato ocorrido, é comum que usemos *diálogos*. Isso pode ser feito de mais de uma forma. A mais comum delas é reproduzindo exatamente o que as pessoas falaram (Então o fulano me disse: “Eu não gosto de você!”). Nesse caso, quando reproduzimos exatamente aquilo que os outros disseram, a essa forma de apresentar a história dá-se o nome de *discurso direto*. As histórias em quadrinhos são exemplos de narrações que, comumente, juntam textos, diálogos diretos e ilustrações. Como você deve se lembrar, nas histórias em quadrinhos, as falas diretas dos personagens aparecem nos “balões de diálogo”.

Outra forma de apresentar os diálogos é quando a gente conta, do nosso jeito, o que a outra pessoa disse (Então ele me disse que não ia com a minha cara.). Nesse caso, em que a gente não repete exatamente aquilo que o outro disse, mas apresenta o diálogo do nosso jeito, de forma indireta, estamos apresentando a história em *discurso indireto*.

Porém, também é muito comum que as pessoas misturem as duas formas: diálogo direto e apresentação indireta do que os outros disseram. Temos aí, o chamado *discurso indireto livre*.

Além dos diálogos, que mostram a sucessão de falas das pessoas, é comum que se usem ilustrações para narrar os ocorridos. Quando um jornalista conta uma história em uma revista ou jornal, é muito comum que essa história seja acompanhada de ilustrações, que podem ser fotografias ou mesmo desenhos e gráficos.

Nas narrações, é comum que precisemos de muitos verbos e advérbios, pois os fatos precisam aparecer (o que, geralmente, fazemos com verbos no passado) e a gente os coloca em diferentes circunstâncias, na linha do tempo, com tudo o que os envolveu, o que, normalmente, se faz com advérbios.

Contar histórias, narrar fatos, parece ser uma das práticas mais antigas e mais comuns da humanidade. Não é à toa que gostamos tanto das histórias da televisão e do cinema, construídas na forma de telenovelas, de séries e minisséries e de filmes. Essa, aliás, é a forma mais complexa de narração, pois junta todos os recursos disponíveis para dar uma ideia exata do ocorrido. Então, a gente vê a coisa acontecendo assim como o outro imaginou. Porém,

quando temos que “apenas” escrever a história, nos sobram só às palavras e os sinais de pontuação. São poucos recursos para uma tarefa tão grande! É por isso que poucas pessoas conseguem chegar a um nível de excelência nessa tarefa, da qual resulta uma verdadeira obra de arte. Todo mundo que for bem alfabetizado e treinar um bocado vai conseguir fazer uma boa narração de um fato, mas transformar isso em um romance de alto nível, bem... aí já é outra história.

Vamos ver aqui um exemplo de narração de um fato cotidiano. Trata-se de um trecho de uma notícia de um jornal *online*, contando um atentado ocorrido no Quênia, do ponto de vista de uma pessoa que foi atingida. Observe como o texto é cheio de verbos e de outras expressões que descrevem situações, tempo, lugares etc.:

No dia 21 de setembro, um sábado, um grupo terrorista invadiu o shopping, matando 72 pessoas. Em entrevista à “NBC”, Wambua Luedeling disse que sua filha de 9 anos ainda ouviu tiros enquanto dorme, e acordou assustada. Qualquer porta que bate, mesmo a do vizinho, assusta toda a família, em especial as crianças. Ela e os filhos ficaram deitados durante o cerco terrorista: fingiram-se de mortos. Foram mais de 4 horas no chão, imóveis.

“Pensei que fosse um terremoto”, lembrou, logo após uma explosão sacudir o prédio. Ela e os filhos se jogaram no chão, e não se mexeram mais. “Podíamos sentir o cheiro de pólvora”, recordou. Ela convenceu os filhos a não se mexerem. “Não olhem para cima. Não olhem ao redor”, disse às crianças. E passou a rezar. Logo, uma das crianças adormeceu, afirmou a mulher durante a entrevista.

O alívio veio rastejando: um policial se arrastou até ela e as crianças, e disse que era seguro sair. Fora do shopping tomado pela violência, ela chorou. A mulher afirmou que ela e sua família se salvaram graças a uma intervenção divina. “O mesmo Deus que nos ajudou nos ajudará agora a passar por esse trauma”, disse.

Texto (2)

Certo dia, na casa de um camponês, uma serpente venenosa insinuou-se e disse-lhe bem maneiroso:

- Vizinho, salve! Hoje eu trouxe uma boa notícia. Vamos ser amigos! Não será mais preciso temeres a mim, porque regenerei-me, estou mudada. Vê, minha pele já está trocada, sou outra, diferente de antes!

Porém, o camponês, muito sábio, não se enganou com a lábia do animal e disse com um pau na mão:

- Tua pele é nova, mas teu coração ainda é o mesmo.

E, com uma porretada, liquidou a cobra venenosa.

(KRYLOV. *Fábulas russas*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, p. 15 – Adaptada).

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização



Atividade 11

1) O texto acima é uma fábula, ou seja, uma ficção, um relato falso, inverossímil, portanto, fictício. Observe o modo como o texto é escrito, procure nele os elementos constitutivos de um texto narrativo. Indique o tempo verbal predominante.

2) Procurando seguir o modo de construção do texto acima, narre uma situação real vivenciada ou observada por você.

Vamos continuar nossa jornada pelas formas de construção dos textos.

c) escrita usada para argumentar, debater, defender uma opinião:

Outra forma de se usar a escrita é quando precisamos nos posicionar em relação a algum tema. Lembra-se de usos em que isso é feito? Vamos a alguns:

- artigos de opinião;
- debates;
- apresentações de argumentos científicos em artigos, monografias, dissertações e teses;
- análises jurídicas em que os advogados, promotores e juízes defendem seus pontos de vista e tentam comprovar que estão certos;
- justificativas e apresentações de motivos para embasar algum pedido ou explicar algum ocorrido;
- provas escolares, redações da maioria dos concursos, redações do Enem e outras em que o aluno ou candidato tenha que apresentar uma opinião ou fazer uma análise sobre um tema.

Em todos esses casos, os textos produzidos são feitos, mormente, em formato de *dissertação*. A dissertação é um texto de apresentação de argumentos em favor de uma opinião do autor. Ele analisa os fatos, apresenta dados e outros elementos em favor de estabelecer uma posição definida, criticar ideias outras que não corroboram com a posição do autor, enfim, é um texto usado para *desconstruir* e para *construir opiniões* a respeito de um tema. Por isso, a dissertação é o formato de texto mais utilizado em escritos científicos e em escritos de opinião, como editorias e colunas de jornais e revistas.

Quanto mais argumentos uma dissertação contiver, mais se aproximará de um texto argumentativo “puro”. No ambiente jurídico, esse tipo de texto argumentativo é muito utilizado por advogados e promotores, bem como pelos magistrados em suas sentenças. Nesse tipo de ambiente, as decisões precisam ser embasadas na lei e há pouco espaço para posições pessoais que não estejam devidamente de acordo com a lei. Por isso, há a necessidade de apresentação detalhada de todos os elementos que fundamentam a opinião defendida pelas partes. Nesses casos, os simples “eu acho” e “eu penso” não têm muito lugar ou valor.

No dia a dia das sociedades modernas, é muito importante saber argumentar. As pessoas que têm opiniões formadas, bem fundamentadas em dados e outros elementos que proporcionem alicerce para suas ideias,

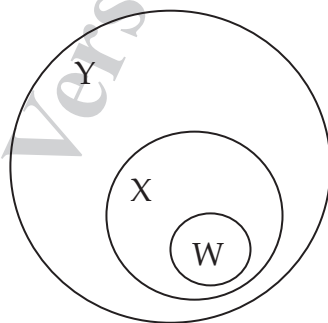
acabam tendo mais espaço pessoal e profissional. Isso é algo que se aprende a fazer e que ajuda muito na formação cidadã do indivíduo. Esse tipo de texto é tão importante em nossas vidas hoje, que vamos adentrar em sua estrutura e mostrar a você como construir uma dissertação, com argumentos sólidos e convincentes.



Os textos dissertativos são, em última instância, um desenvolvimento da arte grega de argumentar através daquilo que veio a ser chamado raciocínio lógico. Para fundamentar o raciocínio lógico os gregos criaram uma estrutura argumentativa dedutiva que ficou conhecida como silogismo. Existem, hoje, muitas construções diferentes propostas como sendo silogismos, mas o chamado silogismo clássico ou categórico é formado por duas premissas e uma conclusão e é dedutivo porque parte do “maior” para o “menor”. O silogismo clássico pode ser representado pelo segundo esquema:

*Todo X é Y.
W é X.
Logo W é Y.*

O que corresponde à seguinte representação conjuntística:



Esta estrutura de conjuntos é $W \subset X \subset Y^7$ (que pode ser lida como W está contido em X que está contido em Y). Logo, se W está dentro de X e se X está dentro de Y, então W obrigatoriamente está dentro de Y.

7 Note-se que aqui estamos considerando, por questão de simplicidade, W como se fosse um conjunto unitário, embora no exemplo ele apareça como a unidade “Totó”. Se considerar que W é uma unidade, a formulação mais adequada será $w \in X \mid Y$ (w pertence a X que está contido em Y). Mas, neste caso em questão, o resultado da dedução será o mesmo.

Podemos construir essa estrutura de raciocínio do silogismo na forma de sentenças, como no exemplo:

- **Primeira premissa:** Todo cachorro (X) é mamífero (Y).
- **Segunda premissa:** Totó (W) é um cachorro (X).
- **Conclusão:** Logo, Totó (W) é um mamífero (Y).

Pode-se notar que se parte da primeira premissa, a maior (que define o grande conjunto) e chega-se à conclusão (que relaciona a unidade ao grande conjunto). Têm-se assim uma premissa maior, uma menor e uma conclusão. Mas, esse exercício de raciocínio se permite a uma variação não clássica e bem divertida que é construí-lo de forma indutiva, ou seja, partindo do menor (o Totó) para o maior (os mamíferos). E creio que há um ganho interessante em relacionar a estrutura da dissertação como texto argumentativo a um tipo indutivo de “silogismo”. Vejamos um exemplo de silogismo indutivo, ou seja, de silogismo que permite o raciocínio da unidade para a generalidade:

- **Primeira premissa:** Totó (W) é um cachorro (X).
- **Segunda premissa:** Todo cachorro (X) é mamífero (Y).
- **Conclusão:** Logo, Totó (W) é um mamífero (Y).

A primeira premissa, nesse tipo de silogismo, precisa ser chamada de *premissa menor* (ao contrário do silogismo clássico, em que ela é a *maior*). Recebe este nome porque fala de um indivíduo, de um fato, de um objeto, enfim, de um ser específico do mundo; abrange um conjunto unitário. No nosso exemplo, ela fala do Totó.

A segunda premissa deverá ser, então, chamada de *maior*, porque o conjunto de coisas ao qual ela se refere é bem maior. No caso de nosso exemplo, ela se refere a todo o conjunto de animais mamíferos, e explica por que Totó é um mamífero exatamente recuperando a informação nova sobre Totó que já se havia apresentado na primeira premissa, ou seja, de que ele é um cachorro. “Cachorro”, então, funciona aqui como *termo médio*, já que “mamíferos” é o *termo maior* e “Totó” o *termo menor*.

A *conclusão* somente poderá ser baseada no que foi dito nas premissas anteriores: na primeira, estava-se falando do Totó como cachorro e na segunda, dos cachorros como mamíferos. Assim, a conclusão somente poderá ser uma relação entre o Totó e os mamíferos. Não se pode concluir nada sobre elefantes falando de cachorros ou gatos. Muitas vezes, porém, a conclusão é negativa, porque o conjunto menor de coisas, apresentado na premissa menor (no caso do exemplo anterior, o Totó), não pode ser inserido no conjunto maior de coisas (os mamíferos). Veja-se este exemplo:

- **Primeira premissa:** Totó é um papagaio.
- **Segunda premissa:** Todo cachorro é um mamífero.
- **Conclusão:** Logo, Totó não é um mamífero.

Neste exemplo, o conjunto unitário apresentado na primeira premissa não pode ser obrigatoriamente introduzido – não está contido – no conjunto de coisas expresso na segunda premissa (dos mamíferos), logo, a conclusão é uma negativa ou, no mínimo uma dúvida. Na verdade, pode até ser que os papagaios sejam mamíferos, mas eu não posso concluir isso das informações que tenho aqui. Mas, a conjunção das duas premissas parece ser ainda possível, de alguma forma, porque as duas ainda falam de animais. Muita gente comete um erro semelhante a este em suas dissertações, concluindo coisas a partir de outras que não lhe permitiriam, de verdade, chegar às conclusões propostas.

Há uma terceira possibilidade – a que os gregos chamavam de sofisma – que é a possibilidade de fazer parecer que o conjunto da primeira premissa pode ser inserido na segunda premissa, mas isto enganosamente. Vejamos:

- **Primeira premissa:** A mesa tem quatro pernas.
- **Segunda premissa:** Todo ser que tem quatro pernas é um quadrúpede.
- **Conclusão:** Logo, a mesa é um quadrúpede.

O problema deste silogismo está nas falsidades disfarçadas de verdade que ele apresenta. Mas, veja: se tudo fosse falso, seria fácil notar onde está o problema. Algo é verdadeiro, para disfarçar a trama. Parece verdadeiro o fato de que uma mesa possa ter quatro pernas. Isso é verdadeiro. Mas os problemas são:

- a) não é verdade que todo o ser que tem quatro pernas é um quadrúpede, porque a palavra **ser** abrange muito mais do que os animais. Veja que no exemplo com o cachorro, a premissa verdadeira usava a palavra “animal” e não a palavra “ser”, como aparece aqui;
- b) o termo quadrúpede é um termo técnico que somente pode ser utilizado referindo-se aos animais. Ele não serve para outros tipos de seres, não serve para “mesa”. Com o cachorro, como sabíamos que se trata de um animal, a conclusão correu sem problemas. Aqui, não dá;
- c) a palavra perna aparece das duas primeiras premissas, mas com significados diferentes em cada uma delas. Perna de mesa não é a mesma coisa que perna de animal;

- d) a conclusão se baseou, como deveria ser, na primeira e na segunda premissas, e por isso ela parece certa. O problema é que a primeira e a segunda premissa não combinam entre si e, mais do que isso, a segunda contém uma falsidade. Logo, erro gera erro.

Um dos grandes problemas dos alunos ao escrever uma dissertação é que eles não conseguem enxergar uma estrutura de raciocínio e argumentação no seu próprio texto. Creio que se nós imaginarmos o texto dissertativo como tendo uma estrutura de silogismo indutivo, poderemos facilitar bastante as coisas. Assim, uma dissertação nada mais seria do que um grande e complexo silogismo. Vejamos:

A primeira premissa: introdução

Assim como no silogismo indutivo que imaginamos é a primeira premissa que introduz o *objeto da conclusão*, ou seja, aquilo do que realmente se está falando, no texto dissertativo também é a introdução que deverá introduzir este objeto de que se fala. Devem-se notar algumas características de uma dissertação:

- a) ela deve ser informativa;
- b) ela deve ser objetiva, concisa, isto é, sem rodeios desnecessários;
- c) *ela deve levar em conta que a pessoa que a está lendo não saberá, necessariamente tudo o que o autor sabe sobre o assunto que está sendo abordado.* É muito comum que a pessoa que corrige aprenda com quem escreveu, porque quem escreveu dominava mais o assunto do que quem corrige. Assim, deve-se pensar sempre que a dissertação deverá apresentar tudo o que o leitor precisa para entender sobre o que se está escrevendo. Vamos trabalhar com a hipótese bastante provável de que o leitor não é um adivinho ou profeta. Assim, ele precisa do que o autor escreveu para entender o texto. O leitor não pode adivinhar coisas.

Dessa forma, uma introdução deve levar em conta as informações básicas (menores, como na premissa menor), que o leitor precisará para entender o que se está falando. Como na premissa menor se disse: “O cachorro tem quatro patas”, na introdução da dissertação será necessário dizer, por exemplo:

“O problema da violência policial, como no caso recentemente noticiado por todos os canais de mídia da agressão de policiais militares a civis em Diadema, estado de São Paulo, tem atingido um índice insuportável diante da população e dos organismos internacionais. Isto deve ser amplamente discutido pela sociedade”.

Notemos como as coisas que aparecem nesta introdução são “pequenas”:

1. O problema da violência policial (e não todos os problemas das polícias);
2. O caso de Diadema, em São Paulo (e não todos os casos de violência conhecidos);
3. Os níveis de indignação da população e dos organismos internacionais (e não todos os problemas causados pela violência policial);
4. A necessidade de discutir o assunto (e não uma proposição de soluções para o problema, o que seria bem mais complexo).

A premissa menor não conta tudo antes do fim, ela não é “apressada”. Uma boa introdução também não é “apressada”. Ela apresentará somente o necessário para o leitor entender sobre o que se vai discutir e *prender a atenção* dele para o resto da dissertação.

A premissa maior: o conteúdo ou desenvolvimento do texto

O desenvolvimento é a hora de apresentar todos os argumentos possíveis para convencer o leitor de que, o que vem na conclusão é correto ou pelo menos aceitável. Um bom desenvolvimento não pode apresentar argumentos que sejam:

- a) leves, sem substância, como: “Todo policial é bem treinado” (Quem garante isso?) ou “Todo policial é mal treinado” (Quem garante isso também?) Palavras como *todo, tudo, nunca, nenhum, ninguém, completamente*, e outras que indicam generalizações devem ser evitadas, porque sempre pode haver uma exceção à regra;
- b) argumentos duvidosos, daqueles que a gente acredita se quiser, como: “Todo policial tem bom coração, lá no fundo...” (Vai saber...) ou “Todo policial é policial porque é frustrado e quer despejar sua raiva através do acobertamento que a Lei dá” (Também não dá para saber...);

- c) muito menos, poderá ter argumentos abertamente falsos, pois isto seria a morte da conclusão. Um exemplo de argumento falso: “A causa da violência policial e da corrupção é o baixo soldo dos policiais” (Tem gente que ganha bem menos que os policiais – os garis, por exemplo – e nem por isso são todos corruptos e violentos. A existência de policiais que não são corruptos nem violentos prova que o salário baixo não é desculpa para a violência nem para a corrupção).

Aliás, é bom notar que a conclusão não existe por si só. Lembre-se que, no silogismo (seja ele o clássico grego ou nossa variação indutiva), a conclusão é o resultado colhido nas duas premissas que se apresentou. Na dissertação, *a qualidade da conclusão está diretamente ligada à qualidade dos argumentos apresentados: argumentos fortes, conclusão que se sustenta; argumentos fracos, conclusão que não se sustenta.*

Outro ponto a considerar é que, assim como na segunda premissa do silogismo, o desenvolvimento é que apresenta argumentos mais abrangentes, mais generalizantes. Esses argumentos devem ser ordenados, do mais restrito ao mais geral. Uma boa escolha é utilizar dados e fatos:

- a) a violência policial vem crescendo em ordem diretamente proporcional ao abaixamento dos salários e à decadência das academias de treinamento, resultado de uma destinação menor de verbas ao setor;
- b) os índices de violência policial aumentam em ordem diretamente proporcional ao aumento nos índices de criminalidade organizada e não organizada, o que comprova que a violência não é um instrumento adequado de contenção ao crime;
- c) a violência policial cresce também em ordem diretamente proporcional à decadência no sistema judiciário do país, o que pode apontar para o fato de que os policiais podem estar tentando fazer justiça imediata e por conta própria, prevendo a não punição dos prováveis culpados por um crime ou, quem sabe, prevendo que eles mesmos, os policiais, não serão punidos;
- d) a violência policial cresce mais nas grandes cidades do que nas pequenas, o que pode indicar que haja um tipo de estresse causado nos policiais pelos altos índices de criminalidade nos grandes centros. Isto pode ter relação direta com os últimos dados que indicam um grande aumento do número de policiais afastados do serviço para tratamentos psicológicos e psiquiátricos.

Muito bem, como exemplo basta. Vejamos o que temos como *bases de argumentos* até aqui:

1. menos recursos para a preparação e manutenção de policiais igual a mais violência policial;
2. mais criminalidade igual a mais violência policial;
3. justiça mais fraca igual a mais violência policial;
4. vida conturbada nos grandes centros igual a mais violência policial ali;

Estas quatro bases argumentais são bastante generalizantes e bem adequadas, porque o autor não as inventou: elas são fatos e ninguém poderá contestá-las. Veja-se: estes fundamentos de argumentos não são uma opinião sobre as coisas. A opinião do autor aparecerá na conclusão. Um leitor esperto vai conseguir ver a cara do autor nesses fundamentos de argumentos, porque um leitor esperto vai querer saber por que o autor selecionou justamente estas informações e não outras, em um universo tão grande. Mas não poderá passar disso. A opinião do autor se manifestará somente na conclusão, e o leitor vai ter que esperar para ver, assim como nós esperamos para saber qual é o resultado da conclusão do silogismo.

A questão maior agora é perceber que a conclusão deverá sair de dentro dos fundamentos de argumentos que foram escolhidos e somente dali. Depois de apresentar os fundamentos e construir os argumentos, não se pode dizer algo como: “No fundo não acho que a violência policial seja tão grave” ou “A violência não tem nada a ver com outras coisas, é somente falta de vergonha dos policiais” Ao contrário, deverá usar a introdução e o desenvolvimento para montar e fundamentar a conclusão.

A conclusão:

Vejamos uma conclusão possível ao texto iniciado:

“A violência policial é uma das muitas consequências de uma conjuntura complexa de fatores de injustiça social, decadência das instituições e desorganização dos grandes centros urbanos. Somente um trabalho harmônico em diversas frentes, com a redefinição do papel do sistema judiciário nacional, o que inclui leis mais atuais e severas, uma melhor distribuição de renda e investimentos maciços nas instituições policiais, tanto em treinamento quanto em aparelhamento, o que redimensionará para os próprios policiais o seu valor na sociedade, poderão minimizar o problema da violência policial”.

Mas, de onde se tirou esta conclusão? Vamos dividi-la em partes e vejamos:

- a) *consequência de uma conjuntura complexa*: bem, apresentaram-se quatro fatos ligados à violência nos argumentos. E isso é complexo;
- b) *trabalho harmônico para resolver o problema*: bem, se há muitas causas para um problema, tem-se que resolver todas elas, senão o problema não acaba;
- c) *redefinição do sistema judiciário*: havia-se falado que, enquanto o judiciário se desmantela, a violência aumenta. A ideia conclusória saiu do próprio dado;
- d) *melhor distribuição de renda*: havia-se falado em problemas sociais. A ideia conclusória saiu daí;
- e) *investimentos no sistema policial*: os dados constantes dos argumentos apontavam para essa necessidade. O trabalho foi só o de repetir isso enfaticamente.
- f) *redimensionamento do valor pessoal para o próprio policial*: havia-se falado em desmantelamento das instituições. O valor pessoal, o valor do cidadão, a moral, o civismo, o respeito ao próximo e a si mesmo são estas instituições.

Na verdade, só se recuperou o que se havia falado antes, mas agora *em forma de opinião pessoal*. Ou seja: o que era dado, real, concreto, transforma-se em opinião pessoal. Está aí a chave do negócio! E o mais importante: opinião pessoal que ninguém vai ter como derrubar, porque é uma opinião resguardada em fatos reais. Este é o segredo da dissertação: ela deve ser capaz de:

- a) levantar um tema;
- b) levantar dados favoráveis ou desfavoráveis contra esse tema, segundo o objetivo de quem escreve o texto;
- c) ordenar esses dados e utilizá-los como fundamento para uma posição a ser tomada, na conclusão, pelo escritor.

E, obviamente, esta conclusão deverá estar em acordo com a realidade. Alguém que conclui contra a realidade, no mínimo, não merece ser levado a sério.



Atividade 12

Considere a seguinte ideia como central para a produção de um texto dissertativo: Mesmo com todo o desenvolvimento científico e tecnológico alcançados pela humanidade, a fome ainda é um dos grandes problemas a serem superados no mundo.

- a) Enumere alguns aspectos que você considera relevantes para a discussão da ideia proposta.
- b) Analise os aspectos que você enumerou. Eles são opiniões suas ou resultado de situações vivenciadas por você de alguma forma? (leitura de jornais e revistas, noticiários, documentários televisivos)
- c) Procure ler a respeito dos aspectos enumerados. A partir disso, produza um texto dissertativo construindo argumentos bem articulados apoiado nas relações lógicas por eles constituídas.

Finalmente, chegamos ao último formato de construção do texto que comumente ocorre em nosso dia a dia:

- d) escrita usada para normatizar e legislar:

A escrita utilizada para normatizar, dar ordens, estabelecer leis e critérios, é muito utilizada no nosso cotidiano, não é nem essencialmente descritiva, nem narrativa, nem dissertativa, mas é muito pouco tratada nos manuais de redação. Mas, ela afeta toda nossa vida. Ela aparece, por exemplo, em:

- leis, decretos, resoluções etc.;
- editais;
- instruções normativas e procedimentais;
- regimentos e regulamentos em geral;
- certas partes de sentenças judiciais;
- ordens diretas dadas em instituições e até no ambiente familiar.

Embora os textos normativos possam ser antecedidos ou sucedidos por argumentações, exposições de motivos ou outros, em sua essência normativa eles se caracterizam por definir um direito, um procedimento, uma proibição etc. eles não descrevem a realidade, não narram histórias ou fatos nem argumentam em favor de uma posição: eles simplesmente definem algo.

O texto normativo mais importante de uma nação democrática é sua Constituição. Nela, se definem as bases do Direito a serem seguidas em toda nação. Vamos reproduzir aqui um trecho dos direitos básicos do cidadão como apresentados no Artigo 5º de nossa Constituição de 1988. Perceba como, nesse tipo de texto, apenas se estabelecem coisas: não há descrições, narrações ou argumentos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III – ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V – é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/centrodeestudos/assuntos/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica>. Acesso em: 12 out. 2013.

Como você pode ver, no texto normativo, não há necessidade de argumentações ou justificativas, porque ele decorre e está fundamentado na autoridade do legislador (no caso da Constituição, o Congresso Nacional). Você, se quisesse, até poderia escrever uma Constituição pessoal só sua, que até poderia ser muito interessante, mas que não teria qualquer valor de lei.

Pessoalmente, você se virar para uma pessoa e dizer “Você está condenado à prisão perpétua” pode ser uma frase forte, mas como aluno ainda em formação, você não tem autoridade para determinar isso. Seu “texto normativo” acabaria virando motivo de piada.

Para que os textos normativos se transformem em “atos linguísticos”, é preciso que seus autores estejam revestidos da necessária autoridade normativa. Um prefeito, por exemplo, pode estabelecer certas normas para seu município, mas não tem autoridade normativa sobre o município vizinho.



Por outro lado, há outros tipos de atos linguísticos que podemos realizar falando: pedir, implorar, mentir, prometer e jurar são atos que fazemos falando (ou escrevendo). São atos que fazemos usando a linguagem, *atos linguísticos* ou, como tradicionalmente chamados, *atos de fala*⁸.



Atividade 13

1. No endereço eletrônico <http://www4.planalto.gov.br/centrodeestudos/assuntos/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica/manual-de-redacao.pdf> você encontrará o Manual de Redação da Presidência da República. Você poderá baixá-lo (fazer *download*) e, com base nas orientações da elaboração de ofícios no referido manual, redija um ofício endereçado a sua comunidade/bairro/associação solicitando autorização para a criação de uma sala de reforço escolar.

8 Quem descobriu isso?

A pessoa que percebeu que existem muitos atos sérios do cotidiano que fazendo apenas falando (ou escrevendo) foi o cientista americano J. L. Austin. Ele mostrou que esses atos linguísticos são acompanhados de certas condições necessárias das pessoas (como, por exemplo, a condição de que apenas um juiz pode dar uma sentença judicial). Ele também mostrou a necessidade de haver responsabilidade por parte das pessoas ao praticar os atos linguísticos.

Então, vamos retomar aqui o que vimos sobre os formatos básicos para construir um texto:

- a) descritivo;
- b) narrativo;
- c) dissertativo;
- d) normativo.

É comum que esses formatos venham “misturados” em um mesmo texto, ou seja, que, em um mesmo texto, encontremos trechos mais narrativos, outros mais descritivos, outros dissertativos e, quem sabe até, trechos normativos. Isso não é ruim: depende da intenção do texto, do objetivo para o qual ele está sendo escrito.

Textos devem ser escritos sempre com base em uma intencionalidade, ou seja, com um objetivo definido. Para cada objetivo existente, foi criado um formato de texto. Nós reconhecemos esses formatos de texto e até damos nomes a eles. Vamos nos lembrar de alguns deles aqui. Escreva que gênero textual (carta, bilhete, e-mail, torpedo, notícia, redação dissertativa, manual etc.) você usaria ou leria em cada situação dessas. Pode até colocar mais de um gênero em cada situação:

- a) você precisa mandar notícias para uma pessoa que não tem acesso à Internet nem telefone: _____
_____.
- b) você precisa mandar um recadinho para um colega de classe que está sem celular nem Internet: _____
_____.
- c) você quer mandar uma notícia a um colega que tem endereço de e-mail, mas não tem celular: _____
_____.
- d) você precisa avisar um colega sobre uma reunião. ele tem celular, mas não tem e-mail onde ele está: _____
_____.
- e) você precisa responder as perguntas subjetivas do ENEM: _____
_____.

- f) você quer contar em livro a história da sua vida: _____
_____.
- g) você arrumou emprego de redator em um jornal, na área de esportes:

_____.
- h) você está trabalhando em uma empresa, na área de atendimento ao consumidor (SAC) e precisa responder às perguntas enviadas pela Internet:

_____.
- i) você quer dar alguns conselhos para um amigo que anda fazendo besteiras na vida: _____
_____.
- j) você quer saber como usar e quais os perigos de um remédio que encontrou em sua casa: _____
_____.
- k) você comprou um aparelho eletrônico novo, de última geração e cheio de recursos, mas não sabe ainda como usar todos eles: _____
_____.
- l) você quer saber se o iogurte que está na prateleira do supermercado tem açúcar ou não, pois seu pai é diabético: _____
_____.
- m) você quer um pouco de conforto espiritual e vai atrás de sabedoria antiga _____
_____.
- n) você precisa pedir uma licença no trabalho e a empresa em que você trabalha só aceita pedidos por escrito _____
_____.

Como você conhece bem, esses são apenas alguns dos gêneros textuais que temos em nossa sociedade. Sabemos seus nomes e suas utilidades, e tentamos utilizar cada um deles da melhor forma possível, pois o sucesso comunicativo e o alcance de nossos objetivos, em cada caso, dependerá do bom uso deles.

Aprender cada um desses textos, bem como identificar seus objetivos na hora de sua leitura, é importante. Isso também é plenamente possível, se for devidamente orientado, afinal, como você já aprendeu: só se aprende a escrever, escrevendo e muito!



Como e por que produzir um texto não literário?

De tudo o que vimos até aqui, desde o primeiro capítulo deste livro, podemos concluir que, antes de produzir um texto, você precisa decidir sobre quatro coisas:

- a) *se o texto precisa ser escrito ou pode ser um texto oral* – nem sempre, precisamos produzir textos escritos. Muitas vezes, podemos apenas conversar com as pessoas, produzir textos orais para nos expressar e conseguir o que precisamos. Porém, em outras, apenas o texto escrito é aceito. Esta é a primeira decisão a tomar: falar ou escrever?;
- b) *nível de linguagem usado* – quanto mais formal for um texto, mais formal precisará ser o nível da linguagem. Não se escreve um ofício para o governador do estado com gírias e palavrões, mas um bilhete para o colega de futebol já permite isso; não se faz uma entrevista de emprego falando gírias e palavrões (a menos que seja um emprego de comediante...), mas isso é possível na pelada do final de semana com os colegas;
- c) *maneira de construir o texto* – dependendo de seus objetivos, você precisará de um texto descritivo, de um narrativo, de um dissertativo ou de um normativo. Nada de ficar argumentando quando você precisa somente contar como algo aconteceu, nem vice-versa; nada de querer estabelecer normas quando apenas precisaria convencer alguém sobre algo;
- d) *formato do texto* – em função do que você quer fazer com esse texto, terá que escolher um formato adequado. Muitas vezes, há formatos pré-determinados que devem ser usados (como ofícios, relatórios, petições, recursos etc.). Outras vezes, há mais liberdade (como escolher entre carta, e-mail ou torpedo para falar com um colega), mas mesmo assim, haverá sempre um mais adequado para cada situação;

- e) *nível de tratamento do conteúdo* – em cada texto, dependendo de quem vai ouvir ou ler o que você produzir, o nível de tratamento do conteúdo se diferencia. Em certos casos, você pode explicar superficialmente, de modo simples, alguma coisa e está tudo resolvido. Em outros casos (como em uma prova de alto nível ou em um documento a ser submetido a um especialista) um nível básico e superficial de conteúdo não é mais suficiente: você vai ter que aprofundar seus conhecimentos, estudar mais o conteúdo, colher dados e informações de todos os tipos, para só então poder construir seu texto. Muitas vezes, o processo de preparação do conteúdo de um texto leva meses ou anos, para então você ser capaz de escrevê-lo. Isso acontece, por exemplo, quando se tem que escrever uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado.

Podemos criar um quadro-resumo para essas decisões. Escolhendo os caminhos da esquerda para a direita, ele permite múltiplas combinações que atendam, cada uma, a um tipo ou gênero diferente de texto a ser produzido. Observe que esse quadro é apenas um resumo da história e que ele não apresenta todas as possibilidades possíveis, especialmente quando o assunto é o formato do texto a ser escolhido. Veja:

Escolhas a fazer para a construção de um texto não literário				
Meio	Nível de linguagem	Maneira de construir o texto	Formato do texto	Nível de tratamento do conteúdo
→	→	→	→	→
<ul style="list-style-type: none"> • Oral? • Escrito? 	<ul style="list-style-type: none"> • Muito informal? • Informal? • Mediamente formal? • Muito formal? 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrição? • Narração? • Dissertação? • Normatização? 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo? • Aviso? • Ata? • Bilhete? • Bula de remédio? • Carta? • Cartaz? • Conversa formal? • Conversa informal? • Dissertação? • E-mail? • Entrevista? • Folheto explicativo? • Manual de produto? • Monografia? • Petição judicial? • Piada? • Recado? • Recurso? • Redação escolar? • Requerimento? • Rótulo? • Tese? • Torpedo? • Trabalho escolar? • etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Superficial? • Básico? • Mediano? • Profundo? • Muito profundo?

Como você vê, as possibilidades de combinação são quase infindas e podem mudar por apenas um detalhe, mas um detalhe que, no resultado final, pode fazer toda diferença! Um exemplo? Vamos lá.

Você pode estar precisando de aumento... Quer pedir aumento ao seu patrão e pensa em como vai fazer isso. Então, decide enviar um requerimento a ele pedindo melhoria no salário. Você escolhe o seguinte caminho:

[escrito > muito formal > dissertativo > requerimento > muito profundo]

Porém, o seu chefe acha que, como você fez o requerimento com uma linguagem muito formal e foi muito fundo nos direitos e nas leis, você está sendo “boçal”, querendo impressionar, achando que vale mais do que merece e ele acaba negando seu pedido. Pior: ele fica com medo de você dar trabalho na empresa e o demite. Uau! Errou na escolha do nível de linguagem e na profundidade do conteúdo em relação ao seu leitor e isso mudou os resultados possíveis: se deu mal. Quem sabe se tivesse tido, primeiro, uma conversa em separado, uma conversa amigável e respeitosa com o chefe?

Assim, é sempre muito importante saber quem é o ouvinte/leitor de seu texto e procurar adequar todos os parâmetros possíveis, acertar em todas as escolhas possíveis antes de elaborar um texto. Quem não pensa antes de falar ou de escrever, acaba errando e pode se dar muito mal.

Porém, o que se tem visto é que as pessoas, inclusive nas escolas – e especialmente em relação aos textos escritos – têm dado mais importância aos aspectos formais do texto que às escolhas acima. As pessoas se preocupam demais com a ortografia, com o parágrafo, com a concordância verbal e nominal (sim, tudo isso é importante, mas não é tudo...) e acabam se esquecendo do conteúdo do texto, do nível da linguagem, do formato a ser adotado. Em se tratando de um bom texto, vale muito mais acertar em todos os aspectos que garantem os acertos exigidos no quadro anterior do que apenas acertar na ortografia. Afinal, hoje em dia, os editores de texto (como os do tipo *word* que vêm até nos celulares modernos) nos ajudam a acertar as palavras e até a concordância básica, mas eles não são capazes de consertar nossos erros de conteúdo, nível de linguagem, profundidade de tratamento do tema. Ou seja, os corretores até ajudam a corrigir os aspectos formais e superficiais, mas não são capazes de corrigir a essência, a parte mais importante e valiosa do texto. Isso você terá que treinar, estudar, praticar muito se quiser ficar bom na escrita. E sempre lembrando: antes de começar um texto, preparar-se para ele, mesmo que essa preparação demore algum tempo.

Vamos fazer isso, então?



Atividade 14

Apresentamos alguns textos para que você, após sua leitura, identifique a tipologia de cada um, enumerando as características neles presentes que justificam a tipologia por você identificada.

Texto (3)

Muito Luxo e pouco samba no pé

Sempre que se fala no Brasil, há uma imediata associação com belas mulatas, samba, ginga e CARNAVAL: festa popular que já é consagrada como o cartão postal e de visitas do país – uma das maiores tradições por aqui. Mais que tradição, virou profissão de fé e amor ao espetáculo, ao desfile.

Só que, com o surgimento da especulação turística, o carnaval deixou de ser uma festa popular de manifestação espontânea, para se tornar um show

de luxo, luxúria e exuberância visual. O velho e bom “samba no pé” vai desaparecendo a cada ano. O brilho é o ponto principal. Os gastos são imensos!

O Rio de Janeiro (exemplo maior) tornou-se o recanto real do luxo carnavalesco. A Avenida Marquês de Sapucaí – passarela do samba carioca – estremece ao som de enredos quentes, embalados por tapetes, cortinas, telhados de plumas, paetês, lantejoulas, pedrarias e tudo mais que possa tornar o carnaval um espetáculo extasiante para os “gringos” cobertos de dólar.

Por isso, o carnaval deixou, pouco a pouco, de regalar a alegria popular para satisfazer interesses econômicos escusos.

(SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton. *Organização do texto dissertativo*. São Paulo: Selinunte, 1995, p. 69).

Texto (4)

Rosa respirou fundo o cheiro das paredes, de tábuas ainda verdes. Era a casa, a sua casa. Tinha três por quatro metros, uma janela na frente e outra nos fundos, mas parecia enorme. O piso era de terra batida e a mesa, de tábua áspera, mais parecia mesa de carpinteiro. Não importava, era dela a casa. Da janela via os troncos chamuscados e, ao fundo, a mata fechada. Ali, pensou, nesse pedaço de terra limpa, podia plantar temperos e algumas flores. Aurélio desatava o galo e as três galinhas e os prendia na gaiola de taquara. Teriam um galo para cantar de manhã cedo e galinha para o caldo, quando nascesse a criança. Se algum bicho não os comesse antes.

(POZENAT, José Clemente. *A cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000, p. 152).

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

CAPÍTULO IV

ASPECTOS DA NOSSA GRAMÁTICA

No Brasil, nos acostumamos a entender “gramática” apenas como sendo o “livro de gramática” que traz as regras de bem-falar. Não vamos tratar dessa “gramática” aqui. De forma diferente, a acepção que damos para a palavra gramática em ambiente científico, é a de que toda língua possui um conjunto de regras que determinam seu funcionamento, regras que estabelecem como cada parte deve atuar e até a forma mais adequada de construir uma expressão para cada ambiente. A esse conjunto complexo de regras é que chamamos de *gramática de uma língua*.

Assim, todas as línguas têm uma gramática, até mesmo aquelas que não possuem uma forma escrita. Conhecer essa gramática e saber tirar proveito dela na expressão é algo bem interessante e, ao contrário do que muita gente pensa, não é nada chato. Vamos ver?

4.1 As partes que compõem nossas palavras e suas consequências na estrutura das classes de palavras

O português é uma língua que compõe palavras com pedaços menores. Esses pedaços menores são chamados de morfemas. Nem toda língua é assim. Aliás, existem línguas em que até a ideia de palavra é diferente. Há línguas africanas, por exemplo, chamadas de línguas *aglutinantes*, em que os elementos se juntam de uma forma que aquilo que seria, para nós, uma palavra, para eles funciona como se fosse uma frase inteira, tudo “grudado” até na hora de escrever (mais ou menos como se você escrevesse assim: (“*Omeuamigomaislegalládobairrocaiu-d-a-bicicleta*”). Há outras línguas, como algumas línguas indígenas da Amazônia, em que não existem conjuntos dos pequenos pedaços somados para formar algo parecido com as nossas palavras, mas tudo vem separadinho, cada morfema separado um do outro (como se você escrevesse assim: (O-m-eu-amig-o- mais-leg-al-lá-de-o-bair-r-o-cai-u-d-a-bicicleta-a). Essas línguas são chamadas de *isolantes*. Ou seja: as diferentes línguas do mundo possuem estruturas muito diferentes e nem sempre é possível identificar algo como uma *palavra*.

Para nós, a palavra é uma espécie de unidade básica, formada por pedaços menores (os morfemas). As palavras costumam funcionar sozinhas; já os morfemas, raramente funcionam sozinhos. Por isso, a maioria das pessoas que têm o português como sua língua materna consegue identificar as

palavras, mas poucas se dão conta da existência de pedaços menores, os morfemas. Um exemplo claro é este: quase todo mundo não teria problemas em identificar a palavra “infelizmente”, mas muito pouca gente sabe que ela é formada por quatro morfemas diferentes, com funções diferentes: “in”, “feliz”, “ment” e “e”.

É interessante conhecer cada tipo de morfema separadamente. Vejamos:

4.1.1 Os morfemas com o sentido básico da palavra

Os morfemas mais básicos em nossa língua, aqueles que guardam o sentido principal da palavra são chamados de *radicais* ou de *morfemas nocionais* (justamente porque eles trazem a noção básica que a palavra expressa). Veja essa comparação entre palavras:

- in-compreens-ível
- in-destrut-ível
- in-transpo(n)-ível
- in-aceit-ável
- im-prest-ável

Observe como todas essas palavras iniciam e terminam com morfemas semelhantes: “in-” (que têm sentido, aqui, de negação) e “ível/ável” (que funcionam para formar adjetivos, como em “agradar” > “agradável”). Pois bem: se sabemos que são palavras de sentido tão diferente, qual é a parte em cada uma delas que realmente modifica o sentido básico dessas palavras e qual é o sentido que essas partes trazem?

- in-compreens-ível – sentido de “compreender”
- in-destrut-ível – sentido de “destruir”
- in-transpo(n)-ível – sentido de “transportar”
- in-aceit-ável – sentido de “aceitar”
- im-prest-ável – sentido de “prestar”

Essas partes sublinhadas acima são os radicais dessas palavras, ou seja, suas partes nocionais. É em torno do radical que cada palavra é construída no português. Assim, não existe uma palavra sem radical, embora possam existir – como veremos adiante, palavras só com o radical, sem nenhum outro morfema agregado.



Atividade 1

Texto (1)

*O beijo não é a mais **audaciosa**, mas **certamente** é a mais famosa obra de Auguste Rodin. Através dessa **extraordinária** escultura, o artista comunica ao espectador a emoção e a **ternura** que unem dois amantes.*

1) Você já ouviu falar de Auguste Rodin? Faça uma pesquisa sobre o artista. Você pode utilizar os recursos da *internet* e além de saber sobre o autor poderá encontrar ilustrações da obra a que o trecho acima faz referência: *O beijo*. Será uma atividade divertida!

2) Você deve ter percebido que no texto há algumas palavras destacadas. Você consegue identificar o radical de cada uma delas?

3. A partir da identificação dos radicais das palavras mencionadas no exercício anterior, forme novas palavras a partir desses radicais.

4.1.2 Os morfemas que indicam a natureza dos nomes e dos verbos

Outro tipo de morfema que ocorre apenas em nomes e em verbos, indica a natureza dessas palavras. Nos verbos, ele ainda acumula a função de indicar a conjugação verbal. Esses morfemas são chamados de vogais temáticas.

Vamos começar pelas *vogais temáticas nominais*: nos nomes, esses morfemas são apenas “a”, “e” e “o”, quando ocorrem no final das palavras e não são tônicos (ou seja, não se trata de uma palavra oxítona, com a última sílaba forte). Veja os exemplos:

- cas-a
- leit-e
- mat-o

Como dissemos, essas vogais temáticas são sempre finais e átonas. Mas por quê? Por que nessas condições elas serão substituídas por outros morfemas em caso de derivação, o que não acontece com as vogais “i” e “u” finais, nem com outras vogais tônicas. Vamos ver como isso funciona, por exemplo, se você for construir um diminutivo usando “inho/inha” e suas variantes:

- cas-a > cas-inha
 - leit-e > leit-inho
 - mat-o > mat-inho
- } (a vogal final desaparece – era temática)

- | | | |
|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • xar<u>á</u> > xar<u>á</u>-zinho • caf<u>é</u> > caf<u>é</u>-zinho • soc<u>ó</u> > soc<u>ó</u>-zinho • tatu<u>u</u> > tatu<u>u</u>-zinho • sir<u>i</u> > sir<u>i</u>-zinho | } | <p>(a vogal final permanece, pois era tônica, e é necessário usar a forma “zinho” – não era temática)</p> |
|--|---|---|

Por que a vogal temática nominal desaparece e a vogal tônica final permanece nesses casos? Porque a vogal temática não faz parte do radical, mas estava ali apenas completando o radical e indicando sua natureza nominal. Já as vogais tônicas finais fazem parte do radical e não são excluídas com o acréscimo de “inho”.

Já as vogais temáticas verbais, embora estejam ligadas ao radical, não precisam ser finais e átonas. Como dissemos, elas indicam a conjugação dos verbos. Tradicionalmente, aprendemos que o português tem três conjugações:

- 1ª conjugação – verbos terminados em ar (cantar, falar, andar etc.)
- 2ª conjugação – verbos terminados em er (vender, comer, beber etc.)
- 3ª conjugação – verbos terminados em ir (dormir, construir, partir etc.)

Em cada caso desses, as vogais temáticas são, respectivamente, “a”, “e” e “i”.

Mas, o que se faz com verbos como *por*, *compor*, *transportar*, *repor* e outros tantos terminados em “or”? Os gramáticos tradicionalistas, muito voltados para o latim e querendo provar que o português não passa de uma espécie de “latim modificado” (o que já vimos ser um grande erro), sempre afirmaram que esses eram verbos da 2ª conjugação, porque, lá no latim, o verbo “por” terminava em “er”. A pergunta é: sim, e daí que o verbo terminava em “er” no latim? Muita coisa era diferente no latim. Muita coisa que existia no latim não existe no português e vice-versa. E, ademais, o latim morreu e o português de hoje tem uma gramática totalmente diferente da gramática do latim de dois mil anos atrás.

Nos últimos anos, os linguistas têm mostrado que essa postura dos gramáticos normativistas de querer juntar português e latim é muito equivocada. O latim era o latim, o português é o português. No português, esses verbos terminados em “or” formam a 4ª conjugação, cuja vogal temática é “o” e que apresenta terminações diferenciadas das terminações da segunda conjugação, como veremos no próximo subtítulo.



Atividade 2

Texto (2)

Ai, esses amores que são verdadeiros, eternos e descomuns, de repente se percebem ameaçados apenas e tão-somente porque não sabem ser bonitos: cobram; exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões.

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a gostar.
In: *Alguém que já não fui*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

1) Destaque os verbos do texto e, com base no que você aprendeu sobre a função da vogal temática nos verbos, agrupe-os de acordo com a conjugação a que pertencem.

2) Agora que você já sabe sobre a vogal temática, lançamos um desafio. Você consegue explicar se a função da vogal temática é a mesma nos nomes e nos verbos na língua portuguesa? Pesquise, discuta com os colegas e exponha os resultados para a turma.

4.1.3 Os morfemas que servem para concordar

Um dos conjuntos mais importantes de morfemas do português é o das *desinências*. As desinências são morfemas acrescentados ao final das palavras nominais ou verbais que, além de ter um sentido próprio, ainda servem para fazer concordâncias entre as palavras (nome+nome e nome+verbo). Existem, portanto, *desinências nominais* e *desinências verbais*.

Nos nomes, as desinências expressam as ideias de gênero (masculino ou feminino) e de número (plural).

A ideia de gênero, ou seja, se a palavra é masculina ou feminina, é a mais importante para a estrutura sintática ligada ao nome. Todo nome no português é, obrigatoriamente, masculino ou feminino, pois isso é uma exigência da língua. E essa marca gramatical de gênero não tem qualquer relação com o sexo biológico do que a palavra representa (isso, se for um ser vivo, pois em relação os objetos inanimados nem há sentido em se falar em sexo). No português, há três formas de indicar o gênero de um nome:

- a) existem palavras que somente têm forma masculina ou a forma feminina – essas palavras são masculinas ou femininas porque a língua determinou assim. Elas são “marcadas em gênero” e não precisam de desinência de gênero para indicar isso. Se a vogal final dessas palavras for “a”, “e” ou “o” átona, será vogal temática. Veja alguns exemplos:
 - masculinas: asfalt-o, tapet-e, telefon-e etc.
 - femininas: mes-a, cadeir-a, canet-a etc.
- b) existem palavras que usam as desinências de gênero. Nesse caso, a mesma palavra apresenta duas formas: uma masculina e uma feminina, que se definem como tal justamente porque usamos as desinências de gênero. São exemplos desse tipo de palavras:
 - menin-o/menin-a, cachorr-o/cachorr-a, gat-o/gat-a etc.
- c) um outro grupo de palavras é definido como masculino ou feminino com base em palavras determinantes que combinamos com os nomes. Nesse caso, a palavra tem um único formato, mas as outras palavras definem o gênero. Veja:
 - o pianista/a pianista, este dentista/esta dentista, tenente bravo/tenente brava etc.

E aquelas palavras que usam macho e fêmea, ou que servem para indicar seres de diferentes sexos? Os gramáticos normativistas falam delas! Sim, falam, mas de forma equivocada. Até dão nomes estranhos a elas, como “substantivo epiceno” e “substantivo sobrecomum”, mas isso não passa de uma grande confusão...

Quando estudamos as palavras de uma língua, precisamos pensar nas palavras e não nas coisas de que as palavras “falam”. Se você analisa uma palavra como “papagaio” (que é uma dessas palavras que usam macho e fêmea para indicar o sexo biológico dos bichos, como também, “baleia”, “lagartixa” e tantas outras), fica claro que essa palavra é masculina (o papagaio) independente de o bicho ser macho ou fêmea. Se for macho, se diz “o papagaio macho”; se for fêmea, se diz “o papagaio fêmeo/fêmea”, mas a palavra “papagaio” é masculina. E, aqui, não estamos preocupados com o sexo biológico do bicho, pois não estamos estudando Zoologia, e sim, estamos ocupados com o “gênero da palavra”, que é um elemento da gramática da língua.

Da mesma forma, palavras como “criança” e “pessoa”, que podem ser utilizadas para se referir a seres de ambos os sexos (dizemos “a criança/ esta criança” para menino ou menina, “a pessoa/esta pessoa” para todo mundo, indistintamente), são, obviamente, palavras femininas. Mais uma vez, não podemos confundir o *sexo biológico* das criaturas com o *gênero gramatical* da palavra.

Já para indicar o número das palavras, ou seja, se elas aparecem no plural, temos apenas um morfema na língua, que é o “-s”. Às vezes, se a palavra já terminava com um som consonantal, esse morfema “-s” precisa vir acompanhado de uma vogal que lhe sirva de base, normalmente, a vogal “e”. Veja os exemplos:

- pessoa/ pessoa-s, carro-carro-s, cartaz/cartaz-(e)s, repórter/repórter(e)s etc.

Passemos, agora, às desinências verbais. Nos verbos, as desinências expressam as ideias de número (plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e de modo (a maneira como a ação do verbo é pensada) e de tempo (a localização da ação do verbo na linha do tempo).

Como os verbos são obrigados a concordar com o sujeito das frases e como o sujeito das frases, quando ele existe, é um nome ou um pronome, os verbos são adaptados para conseguir fazer isso. Logo, eles possuem desinências que permitem “singular” ou o “plural” (se o nome for singular ou plural, será possível a concordância) e “1ª”, “2ª” ou “3ª” pessoa (especialmente para os sujeitos pronominais, uma vez que todo nome é marcado em 3ª pessoa em nossa língua).

Mas, afinal, o que é essa tal de “pessoa gramatical”? *Pessoa gramatical* é a forma que a língua escolheu para indicar gramaticalmente as partes de um diálogo no mundo representado pela linguagem. Assim:

- quem está falando ou o grupo a que pertence quem está falando é considerado como sendo a primeira pessoa (eu, nós);
- com quem se está falando, seja uma pessoa ou um grupo, é chamado de segunda pessoa (tu, você, vós, vocês) e;
- de quem ou do que se fala é chamado de terceira pessoa, seja uma pessoa ou uma coisa, um grupo de pessoas ou de coisas (ele, ela, eles, elas).

É legal saber que não existem só essas três pessoas em todas as línguas. Há outras línguas que possuem formas diferentes de organizar essa representação, com mais ou menos pessoas gramaticais.

No português, há um tipo de desinência verbal que acumula a função de expressar número e pessoa. Para cada uma das quatro conjugações, há uma lista enorme dessas desinências e nem tem cabimento você ficar decorando essa lista aqui. E, cabe dizer que é mais importante que você saiba conjugar os verbos do que identificar e decorar separadamente cada desinência que os compõe.

Além disso, uma coisa é o que a gramática dita como sendo a forma correta dessas desinências, outra coisa é como elas são usadas de verdade pelas pessoas. Veja uma comparação nesse quadro abaixo:

Pessoa/número	Forma tradicional	Forma mais aceita no Brasil	Formas localizadas em determinados falares
1ª singular	Eu canto	Eu canto	Eu canto
2ª singular	Tu cantas	Tu canta Você canta	Tu canta Você canta
3ª singular	Ele canta O galo canta	Ele canta O galo canta	Ele canta O galo canta
1ª plural	Nós cantamos	Nós cantamos (menos usado) A gente canta (mais usado)	Nós canta/ Nós cantamos A gente canta
2ª plural	Vós cantais	Vocês cantam	Vocês canta
3ª plural	Eles cantam Os galos cantam	Eles cantam Os galos cantam	Eles canta Os galo canta

Percebeu as diferenças entre a forma dita padrão e as formas de uso das pessoas? Qual é a certa? Já dissemos que isso de “certo” e “errado” em linguagem é algo muito relativo. Devemos pensar em “adequação”. E já sabemos que cada uma das formas é mais adequada em diferentes situações sociais.



Atividade 3

De toda forma, se você estiver curioso para conhecer essas desinências, faça uma pesquisa sobre elas em gramáticas normativas.

1) Ainda utilizando o trecho do texto de Arthur da Távola, procure as formas verbais que demonstram por que os amores se sentem ameaçados, destaque deles os radicais e as vogais temáticas.

2) Todas as formas verbais por você identificadas apresentam desinência verbal? Em caso afirmativo, o que elas indicam?

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

“Ai, esses amores que são verdadeiros, eternos e descomuns, de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram; exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões”.

A outra desinência verbal vai indicar o modo como entendemos o evento expresso pelo verbo e em que lugar da linha do tempo nós colocamos.

Quando falamos do modo verbal, estamos falando da maneira como achamos que esse evento acontece:

- Se o modo é o indicativo, damos o evento como certo, como se tivéssemos alguma certeza de que ele vai mesmo acontecer – “Você vai”, “Ele morreu”, “Eu comi o bolo” etc.
- Se o modo é o subjuntivo, então consideramos a ação apenas como possível, talvez até duvidosa ou condicional – “Se eu fosse”, “Se nós gostássemos disso”, “Quando/Se ele aparecer” etc.

Há uma terceira forma de apresentar os verbos em nossa língua, que tem sido chamada de “modo imperativo”. Na verdade, o imperativo é mais uma forma verbal do discurso do que uma forma gramatical do verbo, um modo “de verdade”. Primeiro, porque o imperativo não representa evento nenhum, mas apenas é uma ordem ou pedido (“Faça isso”, “Não coma aquilo”); segundo, porque o chamado imperativo nem tem formas verbais próprias, mas é formado pelos tempos chamados de “presente” do indicativo e do subjuntivo.

Já no que concerne à colocação dos verbos na linha do tempo, a estrutura do português tem desinências que permitem localizar as ações em todas as situações que nossa cultura exige. Temos desinências para localizar os verbos no passado, no presente e no futuro.

Aliás, essa é a primeira coisa interessante a notar: em nossa cultura, representamos o tempo por uma linha. Isso não é assim em todo lugar. Os maias, por exemplo, achavam que o tempo era como um círculo rodando, que sempre retorna e se repete. Até o calendário deles era redondo. Na nossa cultura, sempre imaginamos uma linha assim:

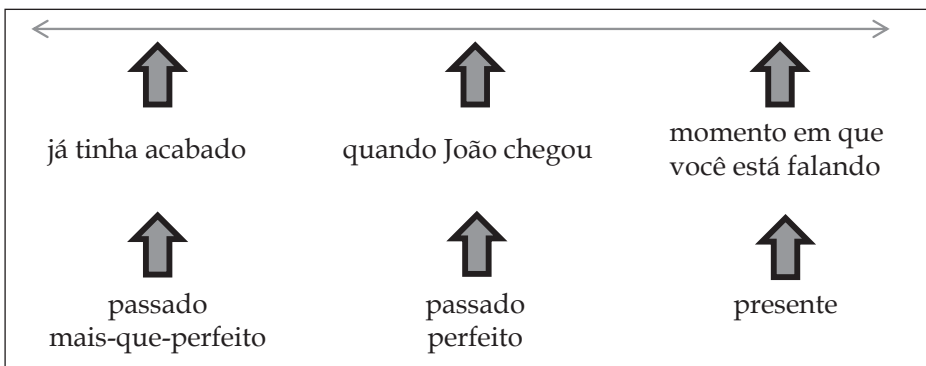


Nessa linha, o presente é dado pelo momento em que você está falando. O passado é tudo o que aconteceu antes disso e o futuro é tudo o que acontecerá depois disso. Mas há várias formas de presente, várias de passado e várias de futuro. Cada uma delas expressa uma necessidade de localizar a o evento no tempo. Vamos exemplificar com um dos tempos mais interessantes que temos em nossa língua: o passado mais-que-perfeito.

O que é o passado mais-que-perfeito. Onde ele está localizado? Bem, o nome diz tudo: ele é chamado de mais que perfeito, porque ele fica atrás do passado perfeito. Veja a frase abaixo:

- Quando o João chegou na classe, a prova já tinha acabado.

Nessa frase temos dois verbos: “chegou” e “tinha acabado”. “Chegou” está no passado perfeito e “tinha acabado” está no passado mais-que-perfeito. Vamos imaginar como ficam esses eventos na linha do tempo:



Viu que interessante? O presente é o momento em que você (a primeira pessoa) está falando; o passado perfeito é alguma coisa que aconteceu antes do presente, de forma pontual (o João chegou naquele momento) e o passado mais-que-perfeito é uma coisa que já tinha acontecido antes do evento localizado como passado perfeito (por isso, mais-que-perfeito, mais para trás na linha do tempo que o perfeito).

Que tal conhecer todos os outros tempos de nossa língua e suas localizações na linha do tempo? (Para saber um pouco mais, pesquisar:



FERRAREZI Jr., Celso; TELES, Iara Maria. *Gramática do brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua*. São Paulo: Globo, 2008).

Da mesma forma que acontece com as desinências verbais de número e pessoa, é mais importante que você saiba conjugar os verbos do que identificar separadamente cada desinência. Porém, pode ser interessante que você conheça, tenha visto essas desinências. Assim, procure o quadro das desinências verbais em uma gramática normativa, dê uma lida, veja como elas funcionam, mas não se preocupe em decorá-las. Aproveite para comparar as formas que a gramática que você pesquisar apresenta como corretas e as formas que são usadas no seu dia a dia.



Atividade 4

1) Agora, de posse de uma gramática normativa, consultando-a, elabore um quadro de conjugações verbais. Escolha três verbos. É importante que eles sejam de conjugações diferentes: um da primeira, um da segunda e outro da terceira. Procure explorar todas as possibilidades de conjugação dos verbos escolhidos.

2) Concluído o quadro, escolha verbos aleatoriamente e tente conjugá-los. Acompanhe o modelo de conjugação que você elaborou. Procure verificar:

a) Há alguma diferença entre os verbos que você conjugou no quadro e os outros que você está conjugando?

b) Há alguma diferença entre a conjugação de um verbo da primeira conjugação para os das outras conjugações?

c) O que aproxima e o que distancia as conjugações verbais no que se refere à forma como são escritos?

Versão final

d) Procure analisar essas diferenças, registre suas conclusões e discuta com os colegas. Exponha os resultados.

3) Leia o texto abaixo:

*Dois camaradas se **encontram** quando **estão** passeando com seus cachorros na rua. Um deles, muito convencido **diz**:*

*– O meu cachorro **consegue** ler!*

O outro, mais convencido ainda:

*– Eu já **sabia**. O meu me **contou**!*

*(MATOS, Amir (org.). *Brincadeiras, pegadinhas e piadas da internet*.*

Belo Horizonte: Leitura, 2001. p. 12).

Destacamos propositadamente algumas das formas verbais do texto. Reescreva o texto modificando o tempo dessas formas verbais. Analise os resultados:

a) Houve alguma modificação no sentido do texto?

b) O efeito de humor continuou após as modificações?

c) A piada está escrita no discurso direto, ou seja, há a reprodução das falas exatamente como são proferidas. Reescreva o texto novamente, mas agora no discurso indireto. Analise os resultados, discuta com os colegas.



PARA DESCONTRAIR – O verbo “for”

Vestibular de verdade era no meu tempo. Já estou chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroaos. [...]

O vestibular de Direito a que me submeti, na velha faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha de se virar por fora. Nada de cruzinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem à carreira. Tudo escrito tão ruibarbosianamente quanto possível, com citações decoradas, preferivelmente. [...]

Quis o irônico destino, uns anos mais tarde, que eu fosse um professor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia e me designassem

para a banca de português, com prova oral e tudo. Eu tinha fama de professor carrasco, que até hoje considero injustíssima, e ficava muito incomodado com aqueles rapazes e moças pálidos e trêmulos diante de mim. Uma bela vez, chegou um sem o menor sinal de nervosismo, muito elegante, paletó, gravata e abotoaduras vistosas. A prova oral era bestíssima. Mandava-se o candidato ler umas dez linhas em voz alta (sim, porque alguns não sabiam ler) e depois se perguntava o que queria dizer uma palavra trivial ou outra, qual era o plural de outra e assim por diante. Esse mal sabia ler, mas não perdia a pose. Não acertou a responder nada. Então, eu, carrasco fictício, peguei no texto uma frase em que a palavra “for” tanto podia ser o verbo “ser” quanto o verbo “ir”. Pronto, pensei. Se ele distinguir qual é o verbo, considero-o um gênio, dou quatro, ele passa e seja o que Deus quiser.

– Esse “for” aí, que verbo é esse?

Ele considerou a frase longamente, como se eu estivesse pedindo que resolvesse a quadratura do círculo, depois ajeitou as abotoaduras e me encarou sorridente:

– Verbo for.

– Verbo o quê?

– Verbo for.

– Conjugue aí o presente do indicativo desse verbo.

– Eu fonho, tu fões, ele fõe – recitou ele, impávido. – nós fomos, vós fondes, eles fõem.

– Não, dessa vez ele não passou. Mas se perseverou, deve ter acabado passando e hoje há de estar num posto qualquer do Ministério da Administração ou na equipe econômica, ou ainda aposentado como marajá, ou as três coisas. Vestibular, no meu tempo, era muito mais divertido do que hoje e, nos dias que correm, devidamente diplomado, ele deve estar fonda para quebrar. Fões tu? Com quase toda a certeza, não. Eu tampouco fonho. Mas ele fõe.

(RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de São Paulo*, 23 set. 1998).

Ao final desse item em que falamos sobre as desinências, você pode estar se perguntando por que só falamos de desinências verbais e nominais. Por que não se fala de desinências para advérbios e preposições, por exemplo. É simples: as desinências são os morfemas usados para fazer “flexão de palavras”, ou seja, para permitir que as palavras mudem de formato, sem criar novas palavras, de maneira que elas possam concordar (combinar) umas com as outras na frase. Apenas os nomes e os verbos, no português, se flexionam. Logo, só existem desinências para palavras nominais e verbais. Palavras como advérbios e preposições, por exemplo, não têm flexão e, portanto, não têm desinências.

Aliás, para finalizar este subtítulo, uma curiosidade: você já ouviu alguém dizer: “Concordo com você em gênero, número e grau”? Pense em como essa expressão é errada do ponto de vista da nossa gramática. O grau (a expressão do aumentativo e do diminutivo em nossa língua) não usa desinências, mas afixos ou outras palavras como “mais” e “menos”, não é uma flexão e por isso *nunca gera concordância*. Veja os exemplos abaixo:

- O menino educado e respeitoso ajudou o pobre velhinho a atravessar a rua.
- As meninas educadas e respeitosas ajudaram o pobre velhinho a atravessar a rua.

No primeiro exemplo, as palavras “O”, “educado” e “respeitoso” estão no masculino singular porque precisam concordar com a palavra “menino”. No segundo exemplo, essas palavras viram “As”, “educadas” e “respeitosas” para poder concordar com a palavra “meninas”, que está no feminino plural. Ou seja: ocorre aí concordância de gênero (masculino/feminino) e de número (singular/plural).

Nos dois exemplos, os verbos concordam com o núcleo do sujeito: como se trata de um nome (menino/meninas) o verbo está na 3ª pessoa, porque os nomes são sempre de 3ª pessoa e, uma hora, está no singular, noutra em plural, conforme o caso.

Já as palavras “o” e “pobre” concordam com a palavra “velhinho”, que é um nome. Mais uma vez, temos concordância de gênero e de número aqui.

Agora, pense se existisse a tal “concordância de grau” [...] como ficaria isso? Vamos tentar fazer uma “concordância de grau” com “menino” no aumentativo e com “velhinho” no diminutivo mesmo:

- Ozão meninão educadão e respeitão ajudou ozinho pobrezinho velhinho a atravessar a rua.

Fica ridículo! Ainda bem que não existe concordância de grau em nossa língua! Ainda bem que não há desinências de grau! Felizmente, basta concordar com alguém em gênero e número, que a concordância já será muito mais do que suficiente!

4.1.4 Os morfemas que servem para criar novas palavras

No subtítulo anterior, estudamos que as desinências servem para flexionar as palavras, ou seja, para alterar sua forma, permitindo concordância,

mas sem criar uma nova palavra. As desinências também nunca mudam uma palavra de classe (por exemplo, uma palavra que era um nome se transformar em um adjetivo). Há, porém, na nossa língua, um grande número de morfemas chamados *afixos* que servem para formar novas palavras e que, inclusive, permitem modificar uma palavra de classe.

Os afixos são muito numerosos e provêm de várias línguas diferentes. Decorar uma lista de afixos é uma tarefa sem sentido e não vamos listar aqui as dúzias de afixos que usamos em nossa língua. Porém, é conveniente que você conheça alguns exemplos, aqui, agrupados pelos sentidos que eles conferem às palavras às quais se agregam:

a) ideia de lugar, posição, colocação:

- cisplatino → cis- platino
- extraviar → extra- viar
- intravenoso → intra- venoso
- postônico → pos- tônico
- ultramar → ultra- mar
- endoscopia → endo- scopia
- perímetro → perí- metro
- armário → arm- ári- o
- reitoria → reitor- i- a
- galinheiro → galinh- eir- o

b) ideia de movimento, reposicionamento, mudança de *status*:

- diagnóstico → dia- gnóstico
- intrometer → intro- meter
- progredir → pro- gredir
- retroceder → retro- ceder

c) gradação, tamanho, quantidade:

- paredão → pared + -ão
- barça → barc -aç -a
- dentuça → dent -uç -a
- poveréu → pov -aréu
- bocarra → boc -arr -a
- paredinha → pared -inh -a
- velhote → velh -ot -e

- folheto → *folh -et-o*
- cãozinho → *cão -(z)inh -o*
- casebre → *cas -ebr -e*
- módulo → *mód -ul -o*
- versículo → *vers -ícul -o*
- partícula → *part -ícul -a*

Como dissemos acima, alguns afixos promovem a mudança da classe das palavras. Dentre eles, podemos citar:

a) formação de nomes a partir de adjetivos:

- cruel > crueldade → *cruel -dad -e*
- manso > mansidão → *mans -idão*
- altivo > altivez → *altiv -ez*
- belo > beleza → *bel -ez -a*
- tolo > tolice → *tol -ic -e*
- herói > heroísmo → *hero -ísm -o*
- real > realista → *real -ist -a*

b) formação de nomes a partir de verbos:

- lembrar > lembrança → *lembr -anç -a*
- observar > observância → *observ -ânci -a*
- agir > agente → *ag -ent -e*
- jogar > jogador → *jog -ador*
- agredir > agressão → *agre -ssão*
- ferir > ferimento → *feri -ment -o*

c) formação de adjetivos a partir de nomes:

- mania > maníaco → *man + -íac + -o*
- prosa > prosaico → *pros + -aic + -o*
- barba > barbado → *barb + -ad + -o*
- escola > escolar → *escol + -ar*
- lei > legal → *leg + -al*
- mulher > mulherengo → *mulher + -eng + -o*
- céu > celeste → *cel + -est + -e*
- veneno > venenoso → *venen + -os + -o*
- cristal > cristalino → *cristal + -in + -o*

d) formação de adjetivos a partir de verbos:

- resistir > resistente → *resist -ent-e*
- perecer > perecível → *perec -ível*
- quebrar > quebradiço → *quebra -(d)ic -o*
- durar > duradouro → *dura -(d)our -o*
- iniciar > iniciatório → *inicia -(t)óri -o*

Como você pôde ver, existem afixos que são colocados antes do radical e outros que são colocados depois do radical da palavra. Quando o afixo é colocado antes do radical da palavra, é chamado de *prefixo*; quando é colocado depois, é chamado de *sufixo*. Assim, tanto os prefixos quanto os sufixos são sempre afixos.

Além da grande variedade de sentidos que são acrescentados às palavras a que se agregam, sentidos dos quais apresentamos apenas uma pequenina amostra aqui, vimos que os afixos exercem duas diferentes funções gramaticais:

- a) sempre modificar o sentido básico da palavra que lhe serve de “hospedeira”, acrescentando-lhe ideias como lugar, movimento, gradação, negação, relações diversas etc. e;
- b) às vezes, alterar a categoria da palavra que lhe serve de “hospedeira”.

Também, é importante lembrar, mais uma vez, que os afixos nunca participam da estruturação sintática da frase, como o fazem as desinências através da concordância, pois os afixos não estão sujeitos à concordância nominal ou verbal. Com base em tudo o que vimos sobre afixos e desinências, podemos montar um quadro para diferenciar esses morfemas. Veja:

Aspecto abordado	Desinência	Afixo
Quanto à categoria gramatical da palavra modificada >>	<i>Nunca muda a palavra de categoria gramatical.</i>	<i>Pode mudar a palavra de categoria gramatical (ver/visão, belo/beleza, feliz, felizmente etc.)</i>
Processo morfológico resultante>>	<i>Flexão</i>	<i>Derivação</i>

continua...



Aspecto abordado	Desinência	Afixo
Quanto à função>>	<i>Acrescenta nova significação à palavra original e é marcadora da estrutura frasal, permitindo concordância entre palavras.</i>	<i>Acrescenta nova significação à palavra original, mas nunca permite concordância.</i>
Quanto ao alcance morfosintático>>	<i>Manifesta-se na palavra isolada ou em forma de concordância entre várias palavras.</i>	<i>Manifesta-se exclusivamente na palavra de forma isolada, nunca gerando concordância.</i>

Como você viu, afixos e desinências são morfemas muito diferentes, que fazem coisas diferentes na estrutura da língua. Agora, passaremos a ver palavras que apresentam mais de um radical.

4.1.5 As palavras compostas

Os exemplos que demos até agora foram de palavras com um único radical. Porém, a língua permite a formação de palavras com mais de um radical, seja utilizando o hífen (como “guarda-roupa” e pé-de-moleque), seja juntando os radicais em uma estrutura única (como “girassol” e “pernilongo”). Essas combinações são possíveis, inclusive, juntando-se palavras de classes gramaticais diferentes, como verbo + adjetivo, nome + adjetivo etc.

Mais uma vez, essas junções ocorrem misturando-se elementos de diversas línguas e as dificuldades, especialmente para a ortografia, se multiplicam. Você já viu como as regras de uso do hífen são complexas. Outro conjunto enorme de regras e cheio de exceções é o dos plurais de palavras compostas. Afinal de contas é “couves-flores” ou “couve-flores”? Essas e outras dúvidas em relação aos plurais de palavras compostas são muito comuns, inclusive entre os profissionais da escrita.

Mais uma vez, nos vemos diante das consequências da pluralidade da formação da nossa língua. Porém, alguns gramáticos insistem em buscar regras que expliquem os plurais dos compostos, mas, logo após as regras, apresentam os quadros de exceções, do que se conclui, mais uma vez, que quando o assunto é o formato das palavras na língua portuguesa, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, as palavras são como são e ponto final. Precisamos conhecê-las ou consultar um bom material de pesquisa em caso de dúvida. Aliás, que tal pesquisar um pouco sobre isso e aprender os plurais para alguns compostos? Vamos exercitar:



Atividade 5



Disponível em: www.tupinanquim.com. Acesso em: 13 nov. 2013.

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

1) Observe a tirinha acima. No primeiro e no segundo quadrinho é utilizada a palavra “óculos” de maneira diferente. Pesquise sobre o uso o emprego dessa palavra e verifique em quais das situações ela foi empregada adequadamente.

2) Pesquise outras palavras da língua portuguesa que apresentam a mesma particularidade em relação à flexão em número que a palavra “óculos”.

3) É possível encontrar na tirinha algum exemplo de palavra composta no plural? Em caso afirmativo, transcreva-a no singular e explique como se fez a sua flexão.

4.1.6 As expressões idiomáticas

Uma das formas mais interessantes que as línguas utilizam para a formação de palavras e expressões ocorrem com as chamadas *expressões idiomáticas*. Essas expressões são combinações de palavras que não seguem obrigatoriamente a gramática básica da língua nem respeitam os sentidos costumeiros das palavras. O mais interessante nessas expressões é que elas são muito localizadas regionalmente e refletem alto grau de identidade cultural em relação aos seus falantes. O Brasil é muito pródigo em expressões desse tipo. Você mesmo usa um monte delas. Estruturas como essas abaixo são exemplos de algumas expressões tipicamente brasileiras.



Aliás, aproveite e diga qual é o sentido que essas expressões apresentam em sua comunidade:

- estar frito – _____
- uma mão na roda – _____
- quebrar a cara – _____
- procurar cabelo em ovo – _____
- levar um chá de cadeira – _____
- perder o bonde – _____
- ficar com um pé atrás – _____
- afogar o ganso – _____
- sem pé nem cabeça – _____
- zé sem braço – _____
- vender a mãe e não entregar – _____

- cair do salto – _____
- rodar a baiana – _____
- quebrar o galho – _____
- testa de ferro – _____



Com base nos exemplos acima, fica claro que:

- a) uma expressão idiomática só funciona como um “bloco”, como um conjunto. Assim, quando se faz uma análise sintática ou uma classificação de palavras da língua, as expressões idiomáticas até podem ser divididas. Porém, quando o assunto é seu sentido, sua significação, elas funcionam como uma palavra única, com um sentido único para toda a expressão;
- b) as palavras, nas expressões idiomáticas, não têm o mesmo sentido costumeiro que têm no cotidiano. Por exemplo, na expressão “testa de ferro” ninguém está falando da testa das pessoas e, muito menos, que essa testa é de metal, de ferro;
- c) as expressões idiomáticas podem ter sentidos diferentes em diferentes lugares do país, o que ajuda a marcar um sentido de identidade dos falantes.

Temos certeza de que você conhece mais expressões idiomáticas e que elas são muito utilizadas em sua comunidade. Liste aqui dez delas, com seus sentidos lá na sua comunidade, e compartilhe com a classe:

Expressão	Sentido em sua comunidade de fala

4.2 As cinco classes básicas de palavras do português e suas subclasses: aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos

Quando classificamos as coisas, podemos utilizar diferentes critérios. O uso de critérios diferentes resulta em conjuntos diferentes, concorda? Por exemplo, se alguém lhe der um monte de lápis de cor e pedir para você os dividir em conjuntos usando alguma semelhança como critério, qual será o resultado? Quantos conjuntos haverá? Depende, não é? Depende do critério que você vai utilizar: você pode dividir os lápis por cor, por tamanho, por marca, por estado geral (mais gasto, mais novo, quebrado, inteiro), você pode, inclusive, alegar que cada lápis é uma “unidade de lápis”, que isso é uma semelhança, e dividir apenas por quantidade, montando grupos misturados com 10 lápis cada um. Enfim, as possibilidades são muitas. Qual dessas divisões possíveis está certa? Todas! A única diferença está nos critérios utilizados.

A mesma coisa acontece quando se divide as palavras de uma língua. Dependendo dos critérios que usamos, pode haver mais ou menos classes resultantes. A tradição gramatical brasileira divide as palavras em dez classes diferentes. Essa tradição gramatical, como dissemos anteriormente, é baseada no latim e nas antigas descrições dessa língua. Nem sempre isso corresponde à realidade do português brasileiro, como temos repetidamente visto aqui.

Neste livro, usamos critérios funcionais para dividir as palavras da língua. Critérios funcionais são os que verificam a natureza da palavra, definida em sua morfologia e no seu sentido (se a palavra é nominal, verbal, adverbial etc.), e como ela funciona na estrutura sintática (se é base da concordância, se apenas concorda com as outras, se nunca concorda com outra palavra etc.), ou seja, como ela funciona, como ela atua nas frases. A aplicação desses critérios resulta em apenas cinco classes de palavras (ao invés das dez classes tradicionais).

Essa classificação funcional nos ajuda mais do que a classificação tradicional em relação ao aprendizado da sintaxe da língua e na compreensão da estrutura de nossas frases. Vamos ver como fica isso, então?

Como já vimos, as palavras do português têm características diferentes: em algumas, você pode colocar desinências e fazer flexão, mas, em outras, não pode (por exemplo: nomes e verbos usam desinências e têm flexão, advérbios e conectivos não têm desinências nem flexão); algumas palavras podem ser ligadas entre si, outras não se ligam (nomes e adjetivos se ligam, nomes e advérbios não se ligam, por exemplo) e assim por diante.

O mais interessante disso é que uma mesma palavra pode aparecer em uma frase como sendo de uma classe e em outra frase como sendo de outra classe. Isso depende do sentido que ela tem. Vamos ver um exemplo:

- João tem uma bela casa.
- João se casa hoje.

No primeiro, a palavra “casa” é o nome de uma coisa (uma construção de um tipo em que se pode morar). Palavras desse tipo são chamadas de “nomes”, pois, na verdade, dão nomes a tudo. Já no segundo, a mesma palavra expressa uma coisa que João vai fazer, uma ação, um evento que vai ocorrer. Nesse caso, ela funciona como um “verbo”. Observe que essa não é uma mera mudança de sentido: ela tem consequências na gramática, nas regras de uso, porque altera o funcionamento dessa palavra em cada caso. Vamos observar algumas características funcionais da palavra “casa” utilizada com função de nome e utilizada com função de verbo:

- quando a palavra “casa” é um nome, ela tem o gênero feminino (*a casa, uma casa, bela casa*). Quando é um verbo, ela não tem gênero, nem masculino nem feminino;
- por outro lado, quando a palavra “casa” é um verbo, ela pode ser flexionada para o passado, presente ou futuro, isto é, ela pode ser flexionada em tempo (*casou, casa, casará*) e, quando ela é um nome, isso não é possível;
- quando a palavra “casa” é um nome, ela pode se ligar a um adjetivo, a um artigo, a um pronome possessivo, a um numeral (*bela casa, a casa, minha casa, décima casa*) mas, quando ela é um verbo, não pode;
- por outro lado, quando a palavra “casa” é um verbo, ela pode se ligar a um advérbio (*casa hoje, casa aqui, casa rápido, casa ilegalmente*) e, se ela estiver funcionando como nome, não pode.



Atividade 5.1

Vamos ver se você entendeu o “espírito da coisa”. Nos pares de frases abaixo, uma mesma palavra está funcionando ora em uma classe, ora em outra. Essas palavras estão sublinhadas e a classe aparece entre parênteses. Procure descrever as mudanças funcionais que ocorrem em cada uma delas:

- João gosta muito de sorvete. (advérbio)

- João gosta de comer muito sorvete. (adjetivo/quantificador)

- O belo da história é o seu final. (nome)

- Esse é um belo ato de Maria. (adjetivo)

- O corte do seu dedo parece estar piorando. (nome)

- João quer que eu corte o orçamento da empresa. (verbo)

O que essas características diferenciadas entre os usos de uma palavra nos mostram? Que *cada classe de palavras, em cada uso, tem suas próprias características*. Mais do que isso, elas nos mostram *que são essas características atribuídas a essas palavras que definem as regras das combinações que podem ser feitas entre elas na língua*. Em outros termos cada língua criou e atribuiu a cada classe de palavras um conjunto de características que definem como as palavras funcionam, o que se pode e o que não se pode fazer com elas.

São como as regras de um jogo: “isso pode e isso não pode”. E são essas regras que nos permitem fazer o “jogo” da língua, usando as palavras para criar tudo o que falamos e escrevemos. Essas regras atribuídas às palavras dizem o que pode e o que não pode ser combinado, de que forma e quando. Isso permite à língua criar todas as estruturas de que ela precisa para que a gente possa dizer tudo o que precisa expressar de forma adequada.

Isso difere de uma língua para outra, pois cada língua atribui às suas palavras características distintas. Por isso, as regras são diferentes de uma língua para outra. Assim é que línguas diferentes têm gramáticas diferentes,

embora possa haver algumas coisas parecidas – ou até iguais – entre as gramáticas dessas línguas.

Assim sendo, precisamos, agora, conhecer as características de cada classe de palavras de nossa língua, pois essas características é que definirão toda a estrutura sintática da língua. Só aprendendo isso é que poderemos entender o que vem logo aí adiante. Portanto, agora é hora de muita atenção!

Vamos apresentar aqui, primeiramente, uma tabela geral que permitirá visualizar as classes e subclasses que nossa análise funcional contempla. Depois, veremos outras tabelas com os detalhes, com as características das classes de palavras de nossa língua. Observe:

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Classes	Subclasses possíveis
Nominais que funcionam como base de concordância	<ul style="list-style-type: none"> • nomes • alguns pronomes (os que funcionam como base)
Nominais que funcionam como adjetivos	<ul style="list-style-type: none"> • adjetivos • alguns pronomes (os que concordam com os nomes) • nominais que funcionam como quantificadores • artigos
Verbos	-
Advérbios	-
Conectivos	-

Agora que já temos uma visão geral das classes e subclasses de palavras da língua, vamos passar às características de cada uma delas.

4.2.1 Classes nominais: nomes nucleares (nomes e certos pronomes) e nominais adjetivos – adjetivos, artigos, certos pronomes e certas palavras que indicam quantidade

Para apresentar as características de cada classe de palavras de nossa língua, vamos utilizar quadros-resumo que permitem ter uma visão mais dinâmica de cada classe e suas características. Observe atentamente os quadros e os comentários que se seguirão a eles. Nesses quadros, observe:

- nas três primeiras colunas, são listadas as classes e subclasses de palavras;
- na quarta coluna, aparecem as características básicas de cada classe;

- na quinta coluna, você verá com quais palavras é possível combinar cada classe;
- após cada quadro, haverá comentários a respeito das características de cada classe.

As classes nominais são duas em português: a dos “nomes” que funcionam como base de concordância (tradicionalmente chamados de “nomes substantivos”) e dos nominais que concordam com os nomes, ou seja, a das demais classes nominais que sempre aparecem na frase ligadas a um nome (tradicionalmente chamadas de “palavras adjetivas”). Vejamos uma de cada vez:



Quadro descritivo da classe dos nomes

Classes e subclasses		Características	Combinam com
Classes nominais	Nominais que funcionam como base de concordância	<ul style="list-style-type: none"> • Todo nome é marcado em 3ª pessoa [A <u>casa</u> é bonita] • Podem ser masculinos ou femininos (marca de gênero) [gato/gata] • Podem ser singulares ou plurais (marca de número) [gatos/gatas] • Funcionam como a base da combinação com outros nomes e com o verbo [O <u>gato preto</u> <u>bebeu</u> o leite] 	<ul style="list-style-type: none"> • Nominais que funcionam como adjetivos • Verbos • Nomes protegidos por conectivo
	Alguns pronomes como <i>eu, tu, ele, a gente</i> etc., funcionando como bases de concordância.	<ul style="list-style-type: none"> • São marcados em pessoa conforme cada caso (1ª, 2ª ou 3ª) [eu/ tu/ ele] • Podem ter marca de gênero [ele/ela] • Podem estar no singular ou no plural [eles/ elas] • Também atuam como base da combinação com certos nomes e com o verbo [Eu <u>mesmo</u> <u>quebrei</u> o pote.] 	<ul style="list-style-type: none"> • Verbos • Em casos raros, com adjetivos – Ex.: <u>Ela mesma</u> fez isso.

Agora, o quadro que apresenta as características da classe e das subclasses dos nominais adjetivos:



Quadro descritivo da classe dos nominais adjetivos:

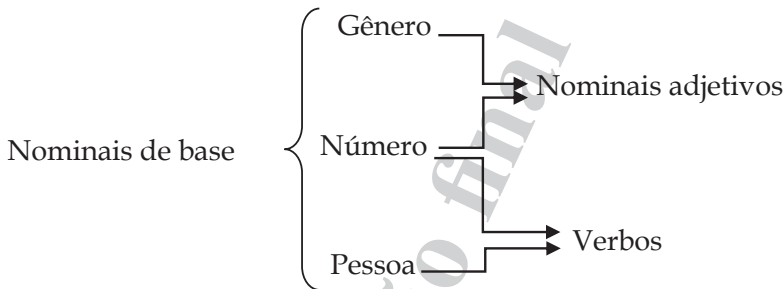
Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização	Classes nominais	Nominais que funcionam como adjetivos (combinados com um nome ou pronome base)	Adjetivos	<ul style="list-style-type: none"> • São marcados em masculino ou feminino [bonito/bonita] • São marcados em singular ou plural [bonito/ bonitos] • Repetem as marcas de gênero e número dos nomes com os quais estão combinados [menino bonito/ meninas bonitas] 	<ul style="list-style-type: none"> • Nomes • Advérbios
			Alguns pronomes como <i>este, esse, aquele, meu, teu seu</i> , etc. quando estão ligados a nomes.	<ul style="list-style-type: none"> • São marcados em masculino e feminino [este/esta] • São marcados em singular e plural [este/estes] • São de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa [meu/ teu/ seu] • Repetem as marcas de gênero, número e pessoa dos nomes ou dos pronomes (base) com os quais estão combinados [aquele homem/ estas mulheres/ meu chapéu/ nossos chapéus] 	<ul style="list-style-type: none"> • Nomes • Em casos raros, com pronome (base) – Ex.: <i>Teu eu está ferido, Maria.</i>
			Palavras nominais que funcionem como quantificadores	<ul style="list-style-type: none"> • Podem ser marcados em masculino e feminino[dois/duas] • Podem ser marcados em singular e plural [décimo/ décimos] • Repetem as marcas de gênero e número dos nomes com os quais estão combinados. [duas pessoas/ décimo colocado] 	<ul style="list-style-type: none"> • Nomes • Em casos raros, com pronome (base) – Ex.: <i>Dois eus e um tu.</i>
			Artigos	<ul style="list-style-type: none"> • São marcados em masculino e feminino [o/a] • São marcados em singular e plural [o/os] • Repetem as marcas de gênero e número dos nomes com os quais estão combinados [o homem/ as mulheres] 	<ul style="list-style-type: none"> • Nomes • Em casos raros, com pronomes (base) – Ex.: <i>O eu e o tu unidos.</i> • Com qualquer outra palavra que se combine, a transforma em um nome [o vender/ o um/ o hoje]



Comentários sobre os quadros

- Como definir as classes nominais em nossa língua? Muito simples; apenas as classes nominais de nossa língua possuem marcas ou flexão de gênero: apenas elas podem ser masculinas ou femininas.

- As classes nominais foram pensadas pela língua para funcionar como base da organização sintática. Então, podemos ver que os nominais que funcionam como base (nomes e pronomes) têm marcas de três tipos: gênero, número e pessoa. Qual a finalidade disso? Para que esses nominais possam fazer dois tipos de combinações diferentes com dois tipos de palavras diferentes.
- a) os nominais de base combinam com nominais adjetivos em gênero e número
 - b) os nominais de base combinam com verbos em número e pessoa



- Com esses dois tipos de combinações diferentes, a língua cria estruturas sintáticas diferentes. Veja que os verbos fazem combinações diferentes com o nome daquelas feitas pelos os nominais adjetivos, e é por isso que os verbos não precisam de marca de gênero.
- Os nomes (e pronomes-base) são palavras muito exigentes! Qualquer palavra que se relacionar com elas tem que combinar com suas marcas. Se essa palavra que se juntar ao nome for, por exemplo, um nominal adjetivo, vai combinar em gênero e número; se for um verbo, vai combinar em número e pessoa. Por isso é que os advérbios não se relacionam aos nomes: eles não têm como combinar, pois não têm desinências e não conseguem fazer flexões.
- Alguns nominais quantificadores (essas palavras são classificadas tradicionalmente nas gramáticas normativas como *numerais*) funcionam, muitas vezes, como nomes (Por exemplo: Um quinto da melancia/O primeiro já acabou a prova).
- É normal se ler, em gramáticas e em livros didáticos, a definição que diz que “o pronome é a palavra que substitui o nome”. Não é assim que funciona. Veja:

- a) Pronomes que funcionam como nominais adjetivos não substituem nada. Eles funcionam combinados aos nomes de base. (Exemplos: Meu joelho/ Este caderno/Tua casa).
- b) Pronomes que funcionam como nominais de base, não substituem só o nome, mas toda estrutura nominal ligada a um nome de base. (Exemplos: Meu gato preto foi atropelado/ Ele foi atropelado/ Os filhos da dona Maria e do Seu João ganharam na loteria/ Eles ganharam na loteria).

- Perceba como todas as subclasses de nominais que funcionam como adjetivos têm características muito parecidas. Apenas os pronomes que funcionam como adjetivos são um pouco diferentes. E, entre eles, os mais complicados são os chamados pronomes possessivos. Esses resolveram combinar não apenas com uma base, mas com duas! Veja só que coisa interessante: pronomes possessivos funcionando como nominais adjetivos vão combinar em gênero e número com a “coisa possuída” e em número e pessoa com o “possuidor”. Veja os exemplos:

- a) Eu e meu braço machucado.



[nº/pes]	[gên/nº]
possuidor	coisa possuída

- b) Tu e tua esposa enjoada.



[nº/pes]	[gên/nº]
possuidor	coisa possuída

- c) Ele e suas motocicletas antigas.



[nº/pes]	[gên/nº]
possuidor	coisa possuída

O pronome possessivo é a única palavra de nossa língua que combina com duas bases ao mesmo tempo.



Atividade 5.2

Vemos ver o que você aprendeu aqui sobre as classes nominais. Vamos aos exercícios.

1) Identifique nas orações os elementos quantitativos nominais que funcionem como nomes.

a) O loiro do cabelo da garota não combina com essa blusa verde.

b) A sua agenda não é aquela, mas a outra.

c) Alguns otimistas não acreditaram naquela decisão.

d) Aqueles dois não aceitaram a sua proposta.

2) Agora, ainda em relação ao exercício anterior, retire os adjetivos nominais.

3) Identifique a alternativa em que nome e o nome adjetivo não estão em concordância:

- a) Os policiais dessa região sempre ficam alerta.
- b) O alerta acendeu quando detectou o perigo.
- c) Comeu meia melancia sozinha.
- d) Algumas crianças estavam junto.

4) Marque a alternativa onde os nomes adjetivos não estão empregados com a mesma função.

- a) Ela tomou meio copo de chá, porque estava meio nervosa.
- b) A adolescente ficou só, já que gostava de ficar só.
- c) A gasolina aqui custa caro, mas o álcool custa barato.
- d) Na hora da apresentação, ficou bastante nervosa, embora tivesse se preparado bastante.

4.2.2 Verbos

Agora que vimos as palavras das classes nominais, passemos ao quadro da classe verbal. Como se verá no quadro a seguir, em nossa língua, temos apenas uma classe de verbos, o que é mais do que suficiente:



Quadro descritivo da classe verbal

Classes e subclasses		Características	Combinam com
Classe verbal	Verbos	<ul style="list-style-type: none"> • São marcados em singular ou plural (marca de número) e de pessoa (1ª, 2ª ou 3ª [comi/ comeste/ comeu/ comemos/ comestes/ comeram]) • São marcados em passado, presente e futuro (marca de tempo) e indicam o modo como a ação é apresentada (marca de modo) [eu comi/ eu como/ eu comerei/ se eu comer/ coma!] • Quando estão ligados a um nome ou pronome que funcionem como a base do verbo, combinam com ele em número e pessoa [<u>eu comi</u>, <u>nós comemos</u>, <u>a gente comeu</u>] • Quando estão sozinhos, são sempre de 3ª pessoa [<u>há</u> muita gente aqui] • Quando estão servindo de base para um nome ou pronome, não combinam com ele. 	<p>Nomes Pronomes (base) Advérbios</p>



Comentários sobre o quadro

- Como definir um verbo em nossa língua? Simples: o verbo é a única classe de palavras do português que sofre flexão de tempo, que muda para expressar tempo.
- Como podemos ver, os verbos podem estar ligados aos nomes (ou pronomes base) de duas formas:
 - a) Quando o nome ocorre na frase como base do verbo, o verbo é obrigado a combinar com o nome. Exemplos:
 - *Maria morreu.*
 - *Nós corremos muito.*
 - *Eles sumiram.*
 - b) Quando o verbo é a base para o nome, neste caso, ele não combina com o nome. Aliás, o verbo nunca funciona como base de concordância. Apenas o nome e o pronome-base funcionam assim. Exemplos:
 - *Maria comeu os doces.*
 - *Nós achamos o endereço.*
 - *Eles sabem a lição.*

Repare bem a diferença entre os exemplos do tipo “a” e os do tipo “b”, acima: nos do tipo “a”, é o nome que manda na relação com o verbo. Ele é que comanda e pede a combinação:

- Maria o quê? Morreu
- Nós o quê? Corremos
- Eles o quê? Sumiram

Nos exemplos do tipo “b”, o nome só entra na frase por causa do verbo. É o verbo que manda, ele que exige um nome para completar a estrutura, mas não exige nenhum tipo de concordância:

- Comeu o quê? Os bolos
- Achamos o quê? O endereço
- Sabem o quê? A lição

Finalmente sobre os verbos, é preciso tomar cuidado com as locuções. Uma locução é a combinação de duas (ou, raramente, três) palavras que funcionam como se fossem uma palavra só. Hoje, no atual estágio de evolução da nossa língua, alguns tempos verbais como o presente do indicativo e o futuro do indicativo estão sendo substituídos por locuções. Assim é que, para falar de algo que está acontecendo agora, quase não se usa mais o presente do indicativo. Veja os exemplos:

- “João está comendo agora.” é diferente de “João come agora.”
- “Ela está tomando banho.” é diferente de “Ela toma banho.”
- “Não posso sair porque estou estudando.” é diferente de “Não posso sair porque estudo.”

Nos três pares de exemplos, vemos que a ideia de uma coisa que está acontecendo agora é passada usando-se locuções (está comendo/ está tomando/ estou estudando) que formam nosso tempo “presente” com sentido de “agora”, “neste exato momento”.

Da mesma forma, o tradicional “futuro do presente” está caindo em desuso na fala do dia a dia. Veja:

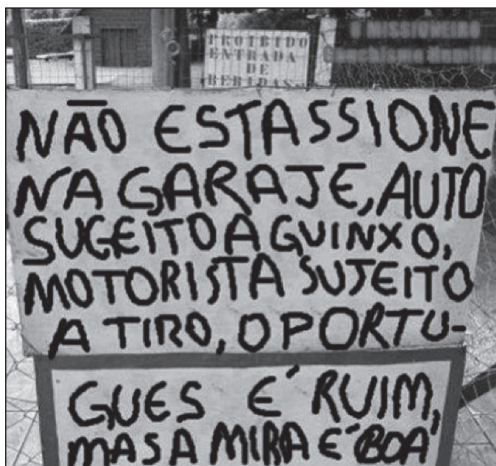
- “João vai sair de noite.” é mais comum que “João sairá de noite.”
- “Ela vai comer bolo na festa.” é mais comum que “Ela comerá bolo na festa.”
- Nós vamos concluir a tarefa hoje é mais comum que “Nós concluiremos a tarefa hoje.”

Nesses exemplos, mais uma vez, uma locução aparece no lugar de um verbo simples. Em casos como esses, as duas palavras funcionam como uma palavra só.



Atividade 6

Vamos verificar o que você aprendeu sobre o funcionamento dos verbos.



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=546551965426808&set=p.546551965426808&type=1&theater>. Acesso em: 20 out. 2013.

1) O texto acima foi redigido com marcas da oralidade. Reescreva-o adequando-o às exigências formais da escrita. Empregue formas verbais adequadas que permitam a plena compreensão da mensagem veiculada.

Passemos, então, ao quadro dos advérbios.

4.2.3 Advérbios

A classe dos advérbios também não apresenta subclasses funcionais. Até podemos classificar os advérbios segundo seu sentido, usando termos como advérbio “de tempo”, “de negação”, “de modo”, mas seu funcionamento será idêntico na estrutura frasal. Além disso, essas classificações dependem do sentido da frase, que muda de situação para situação. Veja esse par de exemplos:

- Você vai comigo? Agorinha... já estou lá!
- Você vai comigo. Vou agorinha: espere um pouco.

Pense nos usos do advérbio “agorinha” em cada um dos exemplos. No primeiro, imaginando a possibilidade de um uso irônico, o advérbio parece ser claramente de negação: “não vou!”. No segundo exemplo, parece dar ideia de tempo: “daqui a pouco”, em pouco tempo”. É a mesma palavra usada na mesma função em frases diferentes, mas com sentidos totalmente diferentes. Isso é extremamente comum em todas as línguas naturais: uma mesma palavra mudar de sentido de uma situação para outra. Por isso não faz sentido, é pura perda de tempo, decorar listas de advérbios segundo seus tipos. O ideal é analisar o sentido que ele tem em cada situação.

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização



Quadro descritivo da classe adverbial

Classes e subclasses		Características	Combinam com
Classe adverbial	Advérbios	<ul style="list-style-type: none"> • Não são marcados nem em gênero, nem em número nem em pessoa [aqui/ não/ geralmente] • Se ligam às palavras sem qualquer tipo de flexão [não gostei/ não gostamos] 	Verbos Nominais que funcionem como adjetivos Advérbios



Comentários sobre o quadro

- Se as duas classes nominais são, em nossa língua, aquelas que têm marca de gênero e a classe verbal é aquela que tem marca de tempo, os advérbios são a classe que não tem marca alguma,

que não possuem desinência nem conseguem se flexionar: é a classe invariável.



- Assim, como já vimos, toda palavra que se liga a um nome que esteja funcionando como base tem que combinar em gênero, número (e, às vezes, em pessoa) com ele. Mas, os advérbios não têm essas marcas e, portanto, não podem se flexionar, ou seja, não podem realizar o tipo de combinação que os nomes base exigem. Então, eles poderão se combinar apenas com palavras que não exijam mudanças nas outras com que elas se ligam. É exatamente o caso do verbo (ele combina com o nome, mas não exige combinação das outras palavras), dos nominais adjetivos (eles combinam com o nome, mas não exigem combinação) e do próprio advérbio (que nem combina nem exige).



Atividade 7

É hora de exercitar um pouco os conhecimentos sobre os advérbios:

TUDO AQUILO QUE EU NÃO ENGULO

			
<p>EU NÃO ENGULO LÍDERES ESTUDANTIS.</p>	<p>EU NÃO ENGULO COLUNAS SOCIAIS.</p>	<p>EU NÃO ENGULO COMIDA JAPONESA.</p>	<p>EU NÃO ENGULO, EU CUSPO.</p>
<p>- <i>Nós somos o futuro deste país!</i></p> <p>- <i>Azar o seu!</i></p>	<p>- <i>A minha festa saiu em todos os jornais.</i></p> <p>- <i>Azar o seu!</i></p>	<p>- <i>Está cru?</i></p> <p>- <i>Não acredito! Você está sentindo nojo de uma cultura milenar?</i></p>	<p>- <i>Por favor, não suje o meu tapete búlgaro!</i></p>

Fonte: Os Autores. Elaborado pelos autores (2020).

1) Em cada quadradinho da tira, identifique um advérbio ou uma locução verbal e o valor semântico que ela exprime.

2) Nas frases seguintes, identifique a palavra destacada como advérbio ou como adjetivo, justifique sua resposta.

a) Tentei elaborar outro plano, porque este apresentou os piores resultados.

b) Visitei-os ontem e encontrei-os pior, mais abatidos e aflitos.

c) Joana, Marília e Júlia são as melhores alunas da turma.

d) O molho madeira está melhor agora, mais saboroso, não acha?

e) Os pacientes vão melhor, obrigada. Já estão sem febre.

Isto posto, vamos ver o quadro dos conectivos.

4.2.4 Conectivos

Você deve ter estudado várias vezes que temos dois tipos de conectivos: *preposições*, que ligariam palavras e termos e *conjunções*, que ligariam orações entre si. Aliás, nas gramáticas tradicionais aparece uma farta

Versão final

subclassificação dessas palavras segundo os pretensos tipos de preposições (essenciais e acidentais), os pretensos tipos de conjunções (coordenativas e subordinativas), entre tantas outras coisas que são ditas. Pois saiba que, funcionalmente, essas diferenças não existem e nem faz sentido se decorar tudo isso. Em nossa língua, ocorre apenas uma classe de palavras conectivas (que junta as tradicionais preposições e conjunções em uma classe só), que serve para ligar estruturas sintáticas. Todas elas podem funcionar da mesma maneira, fazendo ligações por subordinação (nesse caso, sempre a ligação será *entre uma palavra e um termo/oração*) ou por coordenação (e, nesse caso, poderemos ter ligações *entre termos ou entre orações*).

Assim, passemos ao quadro descritivo dessa classe de palavras.

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização



Quadro descritivo da classe dos conectivos

Classes e subclasses		Características	Combinam com
Classe conectiva	Conectivos (preposições ou conjunções)	<ul style="list-style-type: none"> • Não são marcados nem em gênero, nem em número nem em pessoa. • Ligam palavras ou partes a outras palavras ou partes da construção sintática – por isso são chamados “conectivos”. 	Ligam nomes, nomes que funcionam como adjetivos, verbos e advérbios a outras palavras. Indicam relações específicas entre as partes da estrutura.



Comentários sobre o quadro

- Os conectivos exercem funções muito importantes na língua. A primeira delas é a de ligar algumas partes da estrutura que não possam se ligar diretamente a outras e a segunda é de definir alguma ideia específica da relação entre as palavras/partes da estrutura. Às vezes, eles fazem as duas coisas ao mesmo tempo. Como assim? Veja os casos abaixo:
 - a) Já sabemos que qualquer palavra que se liga a um nome tem que combinar com ele. Então, como fica se eu tiver que ligar dois nomes um ao outro? Os dois vão querer que o outro é que combine, que o outro mude, que o outro se flexione. Vai dar “briga gramatical”! Aí é que entra o conectivo e “faz as pazes” entre as palavras, protegendo um nome do outro.

Por exemplo, digamos que eu queira ligar as palavras “João” e “carroças”, para dizer que as carroças são do João. Não posso ligar as duas diretamente, pois são dois nomes e nem combinam direito, pois um é masculino e singular e outro é feminino e plural. Então, uso o conectivo “de”. Ele indicará a relação de que “João possui as carroças” e ainda vai impedir que um nome interfira na flexão do outro. A solução fica assim: “As carroças do João.”, em que o conectivo “de” exerce uma dupla função:

- indica a relação de posse (uma função ligada ao sentido da estrutura) e;
- impede que um nome interfira na flexão de outro nome (uma função ligada à gramática da estrutura);

Em casos como este, em que o conectivo evita a briga gramatical entre dois nomes (“João” e “carroças”) dizemos que o conectivo está funcionando como *bloqueador de concordância*. Esta é a principal função gramatical dos conectivos.

b. Em outras estruturas, um nome (ou uma parte) não interfere no outro. Veja:

- Gosto de chocolate e de uva.
- Ele caiu, mas levantou ligeiro.

Observe que nas relações entre as palavras “gosto” (verbo), “chocolate” (nome) e “uva” (nome) não há qualquer interferência entre uma e outra, já que uma não exige qualquer mudança de flexão da outra. O conectivo “de” apenas indica uma relação de sentido específica. Da mesma forma, o conectivo “e” relaciona as palavras “chocolate” (nome) e “uva” (nome).

Ainda, no segundo exemplo, o conectivo “mas” relaciona a primeira parte “ele caiu” com a segunda “levantou ligeiro”, dando uma ideia de “algo inesperado”, “algo que surpreendeu”. Nesse caso, não havia qualquer perigo de uma parte interferir gramaticalmente na outra; apenas era necessário expressar a ideia de que há um tipo específico de relação entre essas partes.

Nesses casos acima, a ação dos conectivos “de”, “e” e “mas” não apresenta a função sintática (gramatical) de proteger as palavras, mas apenas a função de ligar com um sentido especial. Nesta situação, dizemos que o conectivo está funcionando apenas como *operador semântico*, ou seja, ele está realizando uma operação de sentidos (como se fosse uma operação matemática) entre as parte que liga.

Um mesmo conectivo pode realizar diferentes operações semânticas entre partes diferentes. Um dos mais polivalentes é o conectivo “de”. Você consegue identificar o sentido das operações semânticas nessas ligações? Veja que todas elas têm sentidos diferentes:

- perna da mesa
- cara de pau
- casa de pau
- carro de João
- aluno da escola
- livro de português
- professor de português
- menino de recado

Viu como funciona? Uma grande economia é possível com o uso dos conectivos, pois eles permitem vários tipos de operações semânticas diferenciadas entre partes diferentes, mesmo usando-se uma mesma palavra.



Atividade 8

Vamos aos exercícios com conectivos:

Texto (3)

*Se eu morresse amanhã
 Se eu morresse amanhã, viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria
 Se eu morresse amanhã!
 Quanta glória pressinto em meu futuro
 Que aurora de porvir e que manhã!
 Eu perdera chorando essas coroas
 Se eu morresse amanhã!
 Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
 Acorda a natureza mais louçã!
 Não me batera tanto amor no peito
 Se eu morresse amanhã!
 Mas essa dor da vida que devora
 A ânsia de glória, o dolorido afã...
 A dor no peito emudecera ao menos
 Se eu morresse amanhã!*

1) Leia o texto com atenção. Faça uma análise do uso dos conectivos empregados na produção do poema. Analise o valor semântico de cada um deles.

2) Elabore um quadro explicativo dos conectivos utilizados e seus valores semânticos no texto.

4.2.5 Expressões que não exercem funções gramaticais (as pseudo-palavras):

Finalmente, temos algumas palavras (ou partes) na língua que não exercem qualquer função gramatical e, por isso, não se ligam a qualquer palavra. São as “palavras” tradicionalmente chamadas de interjeições (que podem, também, ser chamadas de “expleções”) e que podem entrar praticamente em qualquer posição em nossa fala. Normalmente, elas indicam a expressão de sentimentos súbitos, repentinos. Algumas delas, inclusive, nem parecem palavras: são gritos, gemidos ou suspiros. Outras como, por exemplo, um palavrão dito na hora em que chutamos o pé do sofá, aparece “solto”, sem qualquer ligação com a estrutura gramatical. Por isso mesmo, elas nem são consideradas aqui como “palavras de verdade”: são pseudopalavras que exercem uma função na frase, mas apenas como uma forma de comunicação específica que não é exatamente “linguística”. Veja que temos outras formas de comunicação que fazem parte de nossa linguagem, como os gestos com

as mãos, os olhares ou um biquinho pedindo um beijo, mas que não fazem parte da estrutura de nossa língua. De toda forma, convém fazer um quadro descritivo dessas pretensas palavras:



Quadro descritivo das pseudopalavras

Classes e subclasses		Características	Combinam com
Outras construções assemelhadas a palavras, mas sem função gramatical	As tradicionais “Interjeições”	Não possuem qualquer marca ou regra de combinação, pois não tomam parte da construção sintática. Sua construção é livre e, muitas vezes, não passam de gemidos, gritos e suspiros.	Não se ligam a palavra alguma.

Muito bem. Chegamos ao final dessa etapa de estudos. Lembre-se com carinho desses quadros sobre as características das palavras, pois voltaremos a eles muitas vezes ao longo da nossa jornada.

Esperamos que você tenha aprendido que os atos de compreender e comunicar envolvem os processos da comunicação e o domínio da linguagem. e esses são de suma importância para o aluno, estudioso, ou pesquisador no futuro próximo, pois precisamos nos expressar de modo adequado, seja oralmente ou pela escrita, necessitamos conhecer os mecanismos de nossa língua como essência material em nosso dia a dia.

Siga em frente e lembre-se que seus estudos não devem se encerrar por aqui!

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

PALAVRAS FINAIS

Chegamos ao momento de nos despedirmos. Seria muito importante para nós se você nos deixasse as suas impressões sobre a obra e o modo como os conteúdos foram abordados. Vamos lá, fique à vontade para se manifestar e, se possível, entre em contato conosco.

Desejamos sucesso em sua caminhada!

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

OBRAS CONSULTADAS

ABL. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: **Resumos**. Rio de Janeiro, 1990.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva: textos, semântica e interação**. São Paulo: Atual, 1999.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Guia do trabalho científico: do projeto à redação final** (monografia, dissertação e tese). São Paulo: Contexto, 2011.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, Celso; TELES, Iara Maria. **Gramática do brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua**. São Paulo: Globo, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JESUS, Sérgio Nunes de; BARBOSA, Ingrid Letícia Meneses; SILVA, Albertina Neta Pereira da. **Português instrumental**. Cuiabá: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 2013. (Curso Informática para Internet).

JESUS, Sérgio Nunes de; BARBOSA, Ingrid Letícia Meneses; SILVA, Albertina Neta Pereira da. **Português instrumental**. Cuiabá: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 2013. (Curso Técnico em Finanças).

MEDEIROS, João Bosco. **Português instrumental: para cursos de contabilidade, economia e administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas** (estratégias de leitura – como redigir monografias – como elaborar papers). 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

REFORMA Ortográfica. Disponível em: <http://www.reformaortografica.com/>. Acesso em: 10 fev. 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 25. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Pulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHMIDT, Maria Junqueira; DELAMARE, Marina. **Pequeno dicionário francês-português**. 2. ed. Revista. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1950.

TUFANO, Douglas. **Gramática e literatura brasileira**: curso completo. São Paulo: Moderna, 1995.

VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Disponível em: www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23. Acesso em: 10 fev. 2013.

Versão final

SOBRE OS AUTORES



Celso Ferrarezi Junior

Paulistano de nascimento, atualmente residente em Alfenas, MG. Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês (1989), mestrado (1997) e doutorado (1998) em Linguística com enfoque em Semântica e pós-doutorado (2005) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), também em Semântica. É autor de vários livros literários e científicos, estes na área de linguagem e ensino de línguas, dentre os quais *“Gramática do Brasileiro”* (2008), *“Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie”* (2010), *“Semântica para a Educação Básica”* (2008), *“Guia do Trabalho Científico”* (2011) e *“Sintaxe para a Educação Básica”* (2012). Também escreveu mais de 200 artigos científicos e de opinião publicados no Brasil e no exterior. Atualmente é professor do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL/MG. Tem experiência de ensino e de pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Semântica, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de línguas, alfabetização, descrição e teorias semânticas da linguagem. Contato: cferrarezi@gmail.com



Ingrid Leticia Menezes Barbosa

Possui graduação em Letras/Português e Literatura Brasileira pela União das Escolas Superiores de Cacoal (2003), especialização em Linguística Aplicada ao Ensino do Português pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (2005) e Tecnologias Educacionais pela PUC-RJ (2011) e mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia (2009). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). É Membro do Grupo de Pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia/CNPq, Campus Cacoal-IFRO e desenvolve pesquisas nas áreas de Estudos da Linguagem, Linguística e Educação. Coautora do Projeto Simpósio PDA-IFRO, Campus Cacoal. Contato: ingrid_leticia@hotmail.com



Jorge Luís de Freitas Lima

Cearense natural de Fortaleza e amazonense por adoção em Benjamin Constant – AM. É docente do Curso de Letras do Instituto de Natureza e Cultura – INC, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É doutor e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM. Licenciado em Letras-Português/Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Exerceu docência na Educação Básica por mais de 20 anos. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na

Amazônia/CNPq. Desenvolve pesquisas nas áreas de formação de professores e processos socioculturais em região de fronteira. Atualmente coordena o curso de Letras do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas – INC/UFAM. Contato: jorgefreitas@ufam.edu.br



Nara Dantas de Azevêdo

Natural de Caetité-BA. Licenciada em Letras Inglês-Português/UNEB, Campus VI. Licencianda em Letras Espanhol/Português, Universidade Cruzeiro do Sul – São Paulo. Especialista em Língua, Linguística e Literaturas – FACIBA-Bahia. Especialista em Coordenação Pedagógica UFBA-BA. Docente no CETEP do Sertão Produtivo, Caetité-BA (Secretaria de Educação do Estado). Contato: narazevedo@gmail.com



Sérgio Nunes de Jesus

Natural de Salvador-BA. Licenciado em Letras Português-Inglês (UNEB). Mestre em Linguística (UNIR). Doutor em Ciências da Educação (UTIC) e Pós Doc em Educação (UFLO). Acadêmico do curso de Licenciatura em História (UNIUBE). Foi professor visitante na York University por meio do *Department of Languages, Literatures and Linguistics (Faculty of Liberal Arts & Professional Studies, 2019, Toronto-Canadá)*. Da *American Organization of Teachers of Portuguese – AOTP, EUA*.

Assessor Científico da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC. Da Associação Brasileira de Editores Científicos do Brasil – ABEC. Avaliador de Cursos Superiores do Guia do Estudante (GE), da Editora Abril – Área / Verbetes: Letras. Contato: sergio30canibal@bol.com.br

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Versão final

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12,3 x 19,3 cm

Tipologia: Times New Roman 11,5/12/16/18

Arial 7,5/8/9

Papel: Pólen 80 g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)